



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

IÁ NIANI BELO MAIA

**INTERSTÍCIOS HISTÓRICOS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA ANÁLISE
SOBRE *SLEEPWALKING LAND* E *THE DEATH AND THE LIFE OF A SEVERINO***

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

IÁ NIANI BELO MAIA

**INTERSTÍCIOS HISTÓRICOS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA ANÁLISE
SOBRE *SLEEPWALKING LAND* E *THE DEATH AND THE LIFE OF A SEVERINO***

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI - da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração: Literatura, Memória e Estudos Interculturais como requisito do programa para o título de Doutora.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sueli Meira Liebig

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M217i Maia, Iá Niani Belo.
Interstícios históricos da tradução literária [manuscrito] :
uma análise sobre Sleepwalking Land e The death and The life
of a Severino / Iá Niani Belo Maia. - 2020.
136 p.
Digitado.
Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Sueli Meira Liebig , Departamento
de Letras - CH."
1. Análise literária. 2. Tradução literária. 3. Literatura. 4.
Cultura. 5. Ética. I. Título

21. ed. CDD 801.95

IÁ NIANI BELO MAIA

**INTERSTÍCIOS HISTÓRICOS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA ANÁLISE
SOBRE *SLEEPWALKING LAND* E *THE DEATH AND THE LIFE OF A SEVERINO***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Literatura.

Aprovada em: 30/09/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Sueli Meira Liebigh (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rex P. Nielson
Brigham Young University (BYU)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora, Sueli Liebig, cujas orientações e o cuidado marcaram esse período, e um outro especial ao professor Rex Nielson, pelo suporte e pelas oportunidades durante o período de Estágio na BYU.

À banca examinadora, que gentilmente aceitou o convite para contribuir com seu olhar crítico ao meu trabalho, minha gratidão aos professores Luciano Barbosa Justino, Rosilda Alves Bezerra e Ana Cristina Cardoso.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade.

Faz parte deste importante percurso, e de tantos outros, a minha querida família, que sempre me apoiou e me compreendeu nos momentos difíceis. Meus pais, Wânia e Alexandre, meu irmão, Fernando Maia, meus sobrinhos, Maria e João, minha irmã, Emma Carly, minhas avós, meus primos e primas, meus tios e tias.

Agradeço imensamente pela compreensão, paciência e apoio da minha amiga Clau ao longo dos dias e madrugadas de escrita.

Agradeço a toda família Porto, especialmente Duina e Hermann, que tanto me apoiaram durante esse processo.

Agradeço igualmente a todos os meus colegas de doutorado.

Ao longo do tempo, também me ajudaram a trilhar os caminhos e a evoluir aqui na terra vários amigos, especialmente Jonas, Pauline, Renata, Emília, Evaldo, Andressa, Joseilda, Ashley, Megan, Julianne, Ana Clara e Marlem.

Um agradecimento afetuoso aos meus eternos amigos que não foram mencionados aqui, mas que sempre contribuíram para a minha evolução pessoal e profissional.

*“If the doors of perception were cleansed
everything would appear to man as it is,
Infinite. For man has closed himself up,
till he sees all things thro' narrow chinks
of his cavern”.*

William Blake

RESUMO

A presente pesquisa decorre da necessidade de interligar os estudos da tradução aos estudos culturais no âmbito da tradução literária, para entender o modo pelo qual as relações de poder e linguístico-culturais se concretizam. A partir da análise de duas obras de autores contemplados pelo prêmio americano Neustadt, *The death and the life of a Severino*, versão da obra de João Cabral de Melo Neto traduzida por Elizabeth Bishop, e de *Sleepwalking*, versão da obra de Mia Couto traduzida por David Brookshaw, foi possível estabelecer uma releitura sobre a prática de tradução e sobre a urgência de uma redefinição do pensamento na tradução literária. A junção de três grandes eixos, literatura, cultura e tradução, permitiu que a discussão superasse os próprios escopos temáticos para chegar aos pontos fulcrais na análise das obras: a questão ética e a questão poética. Os fatores ético e poético se desdobraram e se agruparam em todos os eixos, sobretudo porque a produção literária está sujeita à mídia e ao mercado, inserindo-se, incondicionalmente, a um processo de manipulação e imposição de gostos e necessidades. Dessa forma, apoiada em diversos teóricos que atravessam os três eixos, foi realizada uma retomada histórica para entender como a o discurso da tradução (principalmente em contexto anglo-americano) se desenvolve em meio a uma série de questões político-sociais. As teorias abordadas também ajudaram a perceber como a tradução se manifesta no interior da formação de identidades culturais. A pesquisa considerou, por fim, que a tradução literária é o espaço para a contestação das premissas dualísticas e do sentido absoluto, em defesa de que a própria volatidade das línguas não admite a criação de princípios fixos e homogeneizantes ambicionada pelo mercado editorial.

Palavras-chave: Tradução Literária, Ética, Interculturalidade, João Cabral de Melo Neto, Mia Couto.

ABSTRACT

This study examines the relationship between translation studies, cultural studies and literary translation to understand power relations and the relationship between language and culture. The analysis of the works written by two authors who have received the American Neustadt Prize, namely *The death and the life of a Severino* by João Cabral de Melo Neto, translated by Elizabeth Bishop, and *Sleepwalking Land* by Mia Couto, translated by David Brookshaw, establishes a rereading about the practice of translation and points to the urgency of a redefinition of thought in literary translation. Three major axes, literature, culture, and translation are combined to reach two central points: the ethical and the poetic. The ethical and the poetic factors are grouped together in the axes, for literary production is unconditionally subject to the rules of media and publishing market, which leads to manipulation and imposition of tastes and needs. In this way, several theories are used to comprehend the discourse of translation (precisely in the Anglo-American context) amid a series of political and social issues as well as to understand how translation manifests itself within the formation of cultural identities. The study concludes by considering literary translation as a means of contesting dualistic premises and absolute sense since the very volatility of languages does not admit fixed principles and homogenizing tendencies sought by the publishing market.

Keywords: Literary Translation, Ethics, Interculturality, João Cabral de Melo Neto, Mia Couto.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. História e língua: uma relação necessária para a tradução	15
2.1 A verdade sobre a verdade	17
2.1.1 <i>Contexto Clássico</i>	18
2.1.2 <i>A tradução da Septuaginta e as incipientes imposições da verdade tradutórias</i>	20
2.1.3 <i>Jerônimo e os conflitos tradutórios da Vulgata</i>	25
2.2 Incidências culturais e tradução	29
2.2.1 <i>A influência da tradução na formação de identidades nacionais</i>	32
2.3 Formação da identidade nacional inglesa.....	36
2.3.1 <i>A consolidação do inglês vernacular e sua ascensão</i>	37
2.3.2 <i>O período Agostiniano e o nascimento da lógica de domínio cultural inglês</i>	42
2.4 A efetivação das ideologias de consumo na Tradução Literária	50
3. relações culturais e construção do sentido	59
3.1 O sentido como construção social e ideológica	63
3.2 A relação entre literatura comparada e tradução como experiência para uma análise sobre a pluralidade das línguas.....	68
3.3 Uma proposta de descolonização do pensamento	74
3.3.1 <i>A multiplicidade como modo de subverter a verdade absoluta do sentido: uma questão (po)ética</i>	76
3.3.2 <i>Perspectivismo Ameríndio: um movimento transversal para a teoria da tradução</i>	82
3.3.3 <i>A tradução luciferina e a tradução canibal</i>	85
4. a dinâmica intercultural na tradução literária e suas contínuas negociações	93
4.1 O método de seleção dos excertos para análise	96
4.2 Os interstícios da Tradução Literária	97
4.2.1 <i>A historicidade do português em condições translatórias</i>	97
4.2.2 <i>O português árido de João Cabral</i>	99
4.2.3 <i>O português inventivo de Mia Couto</i>	101
4.3 A premiação e o mercado editorial	102
4.4 <i>The death and the life of a Severino</i> em contexto	105
4.5 Algumas considerações sobre <i>Sleepwalking Land</i>	117
4.5.1 <i>O mercado editorial e a ilusória transparência de sentido</i>	119
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	130
ANEXO A – desconstruções fraseológicas	135
ANEXO B – neologismos	136

1. INTRODUÇÃO

Com base nas teorias de tradução que abordam a perspectiva cultural, desenvolvi no mestrado uma pesquisa que procurou observar como uma obra literária proveniente de uma cultura não hegemônica teve seus valores representados na sociedade anglo-americana¹ através da sua tradução. Selecionei para análise a tradução inglesa de uma obra literária, escrita em português moçambicano, que se constitui de elementos culturais diversos, para descrever as estratégias de tradução e observar de que maneira a cultura alvo estabeleceu relações com a cultura de Moçambique.

Ao agrupar conceitos que não se limitaram ao universo da língua, foi possível constatar que as fronteiras imaginárias ainda permanecem e que existe um longo caminho para que a tradução se torne o espaço para a manifestação do ético, do poético e do pensante, conforme sugere Berman (2012). Foi constatado que, embora a tradução tenha o poder de reconstruir conceitos e valores culturais, sua consolidação está sujeita a manipulações editoriais que objetivam o sucesso de vendas e se acomodam em manter estereótipos culturais para atrair um público leitor desavisado e inconsciente da necessidade de um olhar mais amplo sobre o Outro e sua cultura.

Das conclusões realizadas na pesquisa de mestrado, surgiu a ideia de ampliar a reflexão através de uma análise das traduções da língua portuguesa para a língua inglesa: *Sleepwalking Land* (Terra Sonâmbula - 2006), de Mia Couto, e *The death and the life of a Severino* (Morte e vida Severina- 1972). Esta nova investigação, que pressupõe universos linguístico-culturais distintos, considera relevante selecionar as obras porque elas representam os únicos dois autores de língua portuguesa laureados com o prêmio Neustadt, tendo João Cabral de Melo Neto recebido o prêmio em 1992 e Mia Couto, em 2014.

O Prêmio Literário Neustadt (The Neustadt International Prize for Literature), da Universidade de Oklahoma, é reconhecido mundialmente como o Nobel americano. É o primeiro prêmio internacional de literatura originado nos Estados Unidos e um dos poucos cuja eleição dos candidatos é realizada a partir da

¹ O Contexto anglo-americano aqui se estende ao poder e à força da língua inglesa, considerando que a sua expansão pelo mundo está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento econômico lançado pelos ingleses e perpetuado pelos Estados Unidos até os dias atuais (IANNI, 2010).

avaliação da produção literária como um todo. Fundado em 1969 como *Books Abroad International Prize for Literature* (Prêmio Literário Internacional de Livros Estrangeiros), estabeleceu-se com o nome atual a partir de 1976. Suas nomeações geralmente coincidem com as nomeações do Prêmio Nobel de Literatura, com o qual compartilha, também, parte do júri. Além disso, o prêmio ganha notabilidade por ser o único prêmio americano que considera de forma equitativa a produção de poetas, dramaturgos e romancistas.

Para a presente pesquisa, a importância do prêmio está em seu reconhecimento internacional e porque ele amplia a divulgação de autores provenientes de culturas diversas em contexto global. Tendo em vista que o julgamento das obras dos autores selecionados para o prêmio é realizado através de suas traduções para o inglês, surge a necessidade de compreender o que o Neustadt considerou literariamente relevante e como a tradução contribuiu para a construção do imaginário anglo-americano sobre as culturas desses autores.

De modo a reforçar pertinência da análise das obras traduzidas, partiremos, inicialmente, do conceito de reescrita (*rewriting*) aplicado ao ato tradutório. A reescrita revela um comprometimento em questionar as formas de manipulação que estão a serviço do poder, responsáveis por perpetuar a hegemonia cultural, já que a tradução ocasiona ações culturais cujos resultados se concretizam em formas de controle que podem operar em vários sentidos (LEFEVERE, 2003). Niranjana (1992), por sua vez, sugere que toda prática de tradução carrega em si efeitos da colonização e que, por essa razão, o processo tradutório, em amplo sentido, deve funcionar como *locus* para reflexão sobre as práticas coloniais, uma vez que as relações de poder e de domínio cultural se concretizam em situações discursivas que só podem se materializar por meio da tradução.

Para complementar a ideia de tradução como *locus*, é interessante retomar aqui a reflexão de Walter Benjamin, que, em 1923, na elaboração do prefácio da tradução da obra de Charles Baudelaire, já deslocara o *status* de cópia atribuído à tradução ao apontar o *aufgabe* do tradutor literário. Nesse prefácio, o filósofo alemão define tradução e texto 'original' como elementos de uma eterna incompletude. Ou seja, a língua em sua pluralidade torna a originalidade estática uma condição impossível. Para ele, a intrínseca transitividade das palavras é o que dá vitalidade ao texto, sendo a tradução o ato que promove os valores desse texto e que, ao mesmo tempo, altera a sua originalidade.

As reflexões de Benjamin acabam dando espaço para se compreender que texto original e texto traduzido são palavras que se acomodam em outras palavras, passíveis de investigação porque se encontram em redes de significado específicas. Isso quer dizer que existe uma relação de independência entre texto original e texto traduzido, sendo este último um produto que resulta de um processo cujas etapas seguem demandas específicas, geralmente determinantes. É uma relação dialógica que tem, por natureza, uma característica heterogênea, repleta de lacunas e de espaços vazios. São esses espaços, em que os sentidos não se revelam explicitamente, que vão impulsionar os Estudos de Tradução a relacionarem os processos tradutórios a questões políticas, sociais e culturais.

Assim, o debate sobre as questões socioculturais e éticas que a tradução manifesta no interior da formação de identidades culturais confere à pesquisa a sua importância. Entendemos que as concepções precisam ser disseminadas a partir de uma releitura sobre a prática e da redefinição do pensamento sobre a tradução literária. O programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba torna-se, assim, um espaço para ampliar a discussão e para desenvolver uma investigação que preza pelo olhar contestador sobre as regras do mercado e das determinações industriais que conduzem a produção artística no cenário global.

Ademais, a pesquisa considera que a tradução, como uma forma de intervenção cultural, reúne considerações que permitem uma reflexão sobre a situação global, onde a incorporação das relações culturais está cada vez mais presente. Disso decorre a importância do diálogo intercultural que se volta para as questões éticas e sociais no interior da formação de identidades culturais.

O objetivo geral da pesquisa é verificar a repercussão internacional das traduções das obras selecionadas para análise dentro de uma dinâmica intercultural e de reinvenção de elementos culturais, partindo do entendimento de que as obras traduzidas para o inglês carregam, em si, uma originalidade própria e determinante para a atribuição de valores culturais.

Para sistematizar a análise e desenvolver as reflexões por etapas, elencamos os seguintes objetivos a serem alcançados:

- a) Discutir e contextualizar historicamente a formação do discurso sobre a tradução para entender como a construção desse discurso incide no posicionamento do mercado editorial e no público alvo anglo-americano.
- b) Compreender de que forma as ressignificações linguístico-culturais feitas pelos tradutores expressam as literaturas de língua portuguesa no contexto amplo e global da língua inglesa.
- c) Pensar sobre os elementos que enquadraram as obras selecionadas para análise nas demandas do mercado editorial e da indústria cultural anglófona.

A função da tradução geralmente é estabelecida quando uma das partes, em dada situação comunicativa que envolve universos linguísticos distintos, apresenta a carência de habilidade decodificadora, ou pelo menos é desse valor que o senso-comum geralmente dispõe. Lembremos, entretanto, que atrelado à função comunicativa, há o fator cultural, e quando a cultura entra em jogo, aspectos mais profundos devem ser levados em conta.

Sob essa ótica, consideramos que o ponto significativo para o desenvolvimento de uma reflexão sobre a tradução literária, sua relação com o verossímil e o fato cultural deve ser prioritariamente a compreensão da condição da palavra e dos níveis simbólicos de sua interpretação. A palavra será, portanto, o fio condutor para a compreensão das relações linguístico-culturais que se estabelecem entre *Morte e Vida Severina* e *The death and the life of a Severino* e *Terra Sonâmbula* e *Sleepwalking Land*.

A observação de como se dá o entrelaçamento da versão em língua portuguesa (língua fonte) e a versão em língua inglesa (língua alvo) permitirá uma reflexão sobre a ideia ilusória de servilismo angelical, trazida à tona por Haroldo de Campos (2005), de modo que isso abra caminhos para reavaliar o pragmatismo moderno, que carece de definições que estabelecem lógicas específicas, por vezes, impositivas, seguindo e sendo determinado pelo *modus*² de raciocínio típico do ocidente.

² O Modus, segundo Eco (1995, p. 21), é referência ao racionalismo grego, que delimita o ato de conhecer pela causa, quando até Deus se define por uma causa finda. Essa lógica implica uma unilinearidade (linearidade unilateral) que se explica por um movimento baseado em princípios, quais sejam, o princípio da identidade ($A=A$), o princípio da não-contradição (quando A não é A), e o princípio do meio excluído, que complementa os dois anteriores (ou A é verdade ou A não é verdade, ou o terceiro não se aplica).

No âmbito da teoria literária, a literatura comparada apresenta-se como meio de estender a dinâmica das relações interculturais e apresenta-se também como resposta para as demandas da ideologia multicultural. Por sua vez, os estudos pós-coloniais e os estudos da tradução se aliam para procurar meios de representar as diferentes vozes, a partir da contextualização histórica das relações entre o mundo, o leitor e a literatura. Dessa maneira, os estudos da tradução situados numa perspectiva contemporânea, embora apresentem qualidades diversas próprias de cada análise de tradução, parecem ter uma finalidade comum aos estudos coloniais, cuja característica principal se apoia no envolvimento de elementos que agreguem ao âmbito da língua os elementos sociais, culturais e políticos.

Disso decorre a necessidade de interligar os estudos da tradução e os estudos pós-coloniais ao âmbito da Tradução Literária, porque, a partir da instauração dessa tríade teórica, é possível compreender o modo pelo qual as relações de poder e as relações linguístico-culturais se concretizam.

Sabendo que a atividade tradutória e o discurso sobre essa atividade carregam, em si, heranças históricas e culturais e apresentam também a função de disseminar esses legados, apresentamos algumas contextualizações históricas e discursivas, traçando um percurso cronológico para situar a maneira como o discurso sobre a tradução foi tomando forma. Essa contextualização se justifica porque o que foi determinado historicamente é o que se transforma em tradições culturais. Portanto, para entender como as interações sociais se convertem em legados históricos através da tradução, os primeiros tópicos do primeiro capítulo se debruçam na exposição e reflexão de alguns documentos traduzidos, sobretudo a bíblia.

Ademais, em vista de uma discussão mais aprofundada sobre o problema do 'sentido', o segundo capítulo se apoiará em conceitos que abordam as questões simbólicas e interpretativas com base em Bakhtin (2012), Eco (1995), Todorov (2013), entre outros, de modo a estabelecer uma reflexão sobre a multiplicidade de vozes e o caráter polifônico da palavra.

As reflexões de Apter (2006; 2013) também são trazidas à tona para essa discussão, porque é a partir delas que propomos à literatura comparada um

processo “translatório”³ que redefina as categorias e que se engaje na busca de soluções para o fato da intraduzibilidade (*untranslatability*). Além disso, partindo da necessidade da reconstrução do pensamento sobre a tradução, faremos um contraste do primeiro capítulo com o segundo, pensando sobre as possíveis redefinições do discurso sobre a tradução.

Assim, por reconhecer que a prática da produção de conhecimento em ex-colônias, como é o caso do Brasil, sempre esteve atravessada pelos efeitos da colonização, ou seja, sujeita ao aval do “primeiro mundo”, recorreremos aqui a uma reunião de reflexões que possam ajudar a romper com os paradigmas e extrapolar os pragmatismos teóricos na análise. Reconhecemos que, mesmo havendo reflexões que se proponham a algo como uma negação de essencialismos e a desconstrução de verdades absolutas, quando se trata de uma análise que se debruça em temas como língua, cultura, formação identitária e sentido, outras questões vêm à tona.

A junção de três grandes eixos – literatura, pós-colonialismo e tradução – permitirá uma discussão que supere os próprios escopos temáticos para chegarmos ao que podemos chamar de pontos fulcrais na análise das obras: a questão ética e a questão poética. Os fatores ético e poético se estendem a todos os eixos, sobretudo porque a produção artística (abrangendo aqui a tradução) convertida em setor de produção mercantil – sujeita à mídia e ao mercado em um processo de manipulação e imposição de gostos e necessidades – coloca em risco a expressão cultural, no sentido de torná-la moeda de barganha em um cenário de esvaziamento e desinteresse.

Em círculos acadêmicos da América do Norte, os estudos de tradução literária encontraram seu espaço desde a década de 60, apesar de o crescimento e o desenvolvimento desses estudos terem enfrentado dificuldades nos grandes centros acadêmicos dos Estados Unidos durante algumas décadas.

Entretanto, nos dias atuais, esse crescimento tem se estabelecido, principalmente porque, cada vez mais e em decorrência da globalização, preza-se

³ O termo “translatório” toma emprestada a expressão utilizada por Apter (2013), translational, que se refere a outra expressão latina: *translatio studii* (conhecida também como *translatio studiorum*), cuja designação tem sua base na história do pensamento, configurando-se como um amplo processo de transferência de saberes, de uma época para outra e de um lugar para outro, entre impérios do Oriente Médio e do Ocidente, entre diferentes culturas e religiões.

pelo diálogo intercultural, a exemplo de grande parte dos departamentos de línguas estrangeiras das universidades norte-americanas que considera a expansão dos estudos de tradução algo como “dramaticamente necessário”⁴, não apenas em termos de atividade prática, mas pela necessidade de diálogos acerca dos conceitos transculturais e transnacionais.

A presente investigação, realizada inclusive em contexto alvo, permitiu o alcance a zonas culturais e especificidades da cultura da América do Norte de maneira que se pôde observar se a divulgação das obras traduzidas para o mercado editorial norte-americano perpetuou a uniformização e a padronização da opinião do público leitor sobre as obras literárias traduzidas. Procuramos entender de que forma o mercado editorial imprime as regras para a produção artística, entendendo que a tradução se encontra presa aos grilhões das imposições da cultura receptora.

As políticas contemporâneas de linguagem abrangem questões que transcorrem no campo da literatura comparada, dando corpo aos conflitos que insurgem do fator linguístico, a exemplo do multilinguismo, da crítica do imperialismo linguístico, dos impactos das variações e variantes, da tradução (considerando os espectro da vulnerabilidade e a sujeição dos tradutores às determinações da cultura alvo), das questões socioeconômicas, etc (APTER, 2013). Para a nossa análise, a tradução é o que dará forma à avaliação do que se consagrou como compromisso da literatura comparada, investigando as zonas culturais e literárias e atrelando esses conceitos à categoria filológica do étimo.

⁴ Cf. <<http://humanitiescenter.byu.edu/research/research-groups/translation-studies/>>. Acesso em fev/2019

2. HISTÓRIA E LÍNGUA: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA PARA A TRADUÇÃO

A tradução é um tema central para se compreender a força dos elementos discursivos e a heterogeneidade da língua no interior das relações históricas. É o lugar que abre espaço para que se dissolva a ideia do fato linguístico como algo de simbologia pura e dono de um sentido absoluto, porque é esse fato que revela o pensamento na experiência humana e que afronta a peleja das relações sociais, considerando que, da pluralidade das línguas, podem surgir as possíveis contradições e separações.

Entretanto, o aspecto preferencial do discurso da filosofia ocidental é a disseminação da verdade, e isso se explica quando se entende que esse discurso é ferramenta fundamental para os processos políticos e para a disseminação da moral. É esse apelo à verdade que vai incidir fortemente nas teorias de tradução, pois, como veremos mais adiante, traduzir é um processo que toca profundamente as relações socioculturais.

Assim, na tradição ocidental, os conceitos de tradução ora vão oscilar para uma perspectiva um pouco mais flexível, via tradução de textos clássicos, como os textos traduzidos por Cícero, ora sob uma ótica judaico-cristã, que enfatizará a sacralidade da palavra divina, a qual jamais deverá ser alterada. As perspectivas judaico-cristã e clássica de tradução são reflexo do que se discute até hoje nos estudos de língua, literatura e tradução. Elas conjeturam a permanente necessidade de se estabelecer uma oposição entre forma e sentido, sendo essa pauta dualística um ponto fulcral para o surgimento de muitas teorias no ramo das linguagens.

A importância de se construir um capítulo sobre a força da tradução se reflete na urgência de compreender que os fatos históricos e socioculturais são fatos prioritariamente tradutórios e dissociá-los em uma investigação teórica é desconsiderar a força da palavra na compreensão dos fatos históricos e culturais de uma época, de um contexto social, dos falantes de determinada classe e da situação concreta em que se produz o discurso, pois como afirma Burke (2009, p. 7):

Se a comunicação entre línguas e culturas é um fato pressuposto e aceito em nosso mundo contemporâneo, de modo algum ela era evidente no passado. No entanto, todos os grandes intercâmbios culturais na História

envolveram tradução: fosse a versão dos textos budistas do sânscrito e do páli chinês durante o período medieval antigo; fosse a transmissão da filosofia grega para o árabe nos séculos medievais antigos e a subsequente tradução dos mesmos textos do árabe para o latim ao longo de toda a Idade Média; ou fossem as traduções mais recentes de textos ocidentais para o japonês e o chinês, que marcaram a modernização dessas duas civilizações do Leste Asiático no final do século XIX e no início do século XX.

A ideia, portanto, é compreender a tradução cultural de maneira apropriada, não a considerando exclusivamente como uma atividade que tem seus princípios em oposições binárias, onde os pontos linguístico-textuais negativos e positivos são mais relevantes que os resultados socioculturais que surgem desse processo, mas avaliando o que se destaca na criação e na recriação dos textos, tanto em sua complexidade linguística quanto naquilo que os extrapola. Concordando e reiterando, portanto, o que Ezra Pound apontara como o valor principal da tradução, que a revela como força motriz no ato de entender literatura e de escrever poesia (MILTON, 1998).

Por ser um processo intrínseco a todas as línguas e das relações que as línguas estabelecem com outros sistemas significativos, as proposições construídas sobre tradução datam desde antes dos escritos bíblicos, embora, só a partir do renascimento haja expressividades concretas sobre a atividade que representam as primeiras tentativas de expô-la em teorias.

Mais precisamente, o ato de traduzir, em si, tardou a ser reconhecido como matéria substancial para reflexões mais aprofundadas – considerando as abrangências e as circunscrições interdisciplinares que hoje podemos estabelecer – e só passou a existir como Teoria a partir de 1983 (GENTZLER, 2009). Apenas no século XX, a linguística oferece ferramentas na tentativa de solucionar alguns problemas de tradução, mas o cientificismo linguístico não é capaz de dar conta de elementos que extrapolam a estrutura da língua, como, por exemplo, a heterogeneidade e o fator cultural (GENTZLER, 2009).

Nesse sentido, os tópicos seguintes são uma tentativa de trazer à tona um contexto que confirma a proposição de que o processo tradutório está inteiramente atrelado a fatores políticos e econômicos, além de se revelar como ferramenta que reforça o poder das instituições e a propagação de verdades discursivas.

A tradução sendo capaz de criar ideias fixas pode trazer consequências importantes para relação entre os povos, sejam elas positivas ou negativas. Por

isso, as mais remotas manifestações do trabalho tradutório podem ser definidoras para entender como se consolida a tradução em língua inglesa, partindo do princípio de que ela pode ser um instrumento poderoso para vilificar, depreciar ou até mesmo deslegitimar um povo ou uma nação.

Dessa forma, o presente capítulo enfoca a contextualização histórica da formação do discurso sobre a tradução e sua promulgação de verdades absolutas, questionando e repensando as razões pelas quais esses discursos se consolidaram.

Embora esse traçado histórico não aborde por completo todas as metáforas e reflexões realizadas sobre a atividade de tradução desde os seus primórdios, ele tem como objetivo o delineamento e o exame de algumas proposições relevantes que incidiram no pensamento coletivo e que se reproduzem ininterruptamente até os dias atuais, de modo que, posteriormente, possamos contrastar a formação do discurso sobre tradução, sua incidência no discurso do senso comum (condição principal para o mercado) e as questões pós-estruturais, que focam a formação de identidades culturais e que repensam as relações de poder.

2.1 A verdade sobre a verdade

A condição da verdade é estabelecida por meio de uma combinação de práticas que evidenciam forças além do controle subjetivo. A verdade não existe por si, mas se faz politicamente e economicamente a partir de condições que podem delimitar o que vem a ser verdadeiro ou não. Assim afirma Foucault (1971)⁵ e aponta para isso ressaltando a ideia da causalidade histórica, ao dizer que tudo o que se coloca como verdade pressupõe obediência. Para o autor, aquilo que se transforma em discurso é o que se impõe como verdade, sendo isso reforçado por uma base institucional:

Ora esta vontade de verdade, tal como os outros sistemas de exclusão, apoia-se numa base institucional: ela é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, claro, o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas é também reconduzida, e de um modo mais profundo sem dúvida, pela maneira como o saber é disposto numa

⁵ L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971

sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e, de certa forma, atribuído (FOUCAULT, 1971, p. 3).

Esses elementos que se inscrevem como verdades em contextos múltiplos são reflexos do poder das instituições, que encontram espaço no indivíduo para perpetuar certos valores, cujas propriedades vão paulatinamente tomando forma em todas as esferas sociais. A tradução é uma das principais ferramentas que contribuem para a disseminação dessas verdades discursivas, e o discurso sobre a atividade tradutória não desobedece a essa lógica. Ou seja, a atividade de tradução, combinada a certas formas de conhecimento e de poder, é capaz de introduzir e transformar certas realidades.

2.1.1 Contexto Clássico

No contexto clássico, a tradução de textos para o latim teve o papel primordial de consolidar a cultura romana em vista de sua desvinculação da cultura grega. Isso fez com que os parâmetros definidores da visão clássica apresentassem uma sutil defesa da tradução livre, estabelecendo um compromisso menos rigoroso com a força absoluta do sentido, dando prioridade à fluidez do texto em latim.

Isso se convencionou nos estudos atuais de tradução como uma maneira vanguardista de se pensar a palavra traduzida, já que o objetivo clássico era se distanciar propriamente da forma para dar espaço ao sentido. Contudo, o que não é muito debatido nos estudos atuais é o fato de que os romanos queriam solidificar sua cultura e que, por haver uma admiração incondicional dos pensadores romanos pela cultura grega, o objetivo das traduções era elevar o latim ao mesmo patamar do grego para alcançar essa consolidação. Através da civilização Etrusca e da Magna Grécia, os helenos exerceram forte influência sobre os latinos; trata-se de um caso peculiar, em que a sociedade vencida exerce domínio intelectual na sociedade vencedora.

Sob essa influência, alguns estudiosos clássicos se firmaram como padrão de referência para as traduções mais modernas. Os textos reflexivos de Cícero (106-43 a.C), Horácio (65-8 a.C) e Quintiliano (30-96 a. C), mesmo enfrentando as contradições da interpretação e apresentando, por vezes, certa ambiguidade discursiva quando da delimitação de algumas questões da atividade tradutória,

estabeleceram uma visão ampla sobre a temática do sentido, definindo critérios que prezavam pela naturalidade e fluidez do discurso na língua latina.

No *De optimo genere oratorum* (46 a.C), Cícero afirma que a tradução palavra por palavra (*verbum pro verbo*) não favorece a oratória, porque ela não é capaz de produzir o deleite na audiência, e defende uma espécie de desprendimento na tradução, colocando-se até a favor de empréstimos do grego para o latim. Ele mesmo em seu texto não se considera um tradutor, mas um orador que pretende manter a força expressiva da palavra.

Assim, apesar de ser conhecido nos estudos da tradução por ser um dos primeiros a pensar questões de sentido em detrimento da forma, um fato muito importante que justifica sua afirmativa, por vezes, passa despercebido pelos estudiosos: a força expressiva desse sentido tinha como principal objetivo privilegiar a adequação do texto traduzido aos padrões da cultura romana. Para ilustrar essa intenção, podemos usar como exemplo a sua afirmação mais conhecida sobre a tradução:

[...] nec conuerti ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruauit (CÍCERO, 2011)⁶.

O termo *genus* remete a uma série de conceitos mais amplos, como categoria, classe, linhagem etc., mas a tradução para as línguas modernas acabou não dando tanta atenção à noção de “linhagem”, preferindo se concentrar na relação de *genus* com o termo *uis* (força), traduzindo essa relação, por fim, como “força expressiva”. É provável que isso tenha ocorrido porque se pensou em colocar o *genus* em contraste com o *verbo*, o que demarcaria a intenção de Cícero em opor o conteúdo à forma.

Entretanto, sua defesa por certa liberdade na tradução fica muito mais clara quando se é possível associar essa liberdade no discurso a sua intenção de orador inserido em um contexto político e cultural, visto que Roma estava em fase de

⁶ “E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva”. Cf. Cícero in *Scientia Translationis*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p4/19983>>

aprofundar sua força imperial e, para isso, precisava se equiparar à Grécia sem demonstrar submissão⁷:

Nos tempos de Roma, a tradução se relaciona claramente com a construção de uma cultura supranacional de base romana e se torna meio de afirmação da independência cultural em relação à Grécia Ática. Mas, para alcançar essa paridade, era essencial que houvesse uma postura não subserviente (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006, p. 20, tradução nossa)⁸.

Fica claro que o princípio da não neutralidade da tradução é parte inerente da atividade, o que confirma mais uma vez que a tradução apresenta diversos fatores decisivos para a sua consolidação.

Inspirado nas afirmações de Cícero, Horácio se posiciona a favor de uma tradução mais livre, repelindo a ideia de fidelidade quando alude ao *fidus interpretes* (*slavish translator*)⁹. Esse posicionamento também corrobora a ideia que vai ser defendida mais tarde por Quintiliano, que preza pelo enriquecimento da língua alvo ao estabelecer distinção entre Metáfrase (palavra por palavra) e Paráfrase (sentido por sentido), enfatizando a necessidade de imitar o modelo grego, mas utilizando os recursos da língua latina (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006).

Esse modelo de tradução, que contraria a forma e exalta o sentido, veio a ser fortemente rejeitado por grande parte dos tradutores das primeiras traduções dos textos cristãos. Isso se deu pela mesma razão que disseminou a ideia do verbo sagrado consolidada pelo discurso da tradução da Septuaginta. Assim, a concepção clássica só viria a ser retomada pelos tradutores em tempos de construção e solidificação de novas culturas, tendo a importante função de dar força às línguas vernaculares e culturas modernas, a exemplo da cultura da língua inglesa.

2.1.2 A tradução da Septuaginta e as incipientes imposições da verdade tradutórias

⁷ Embora Cícero tivesse grande admiração pela cultura grega e, por vezes, optasse por empréstimos da língua grega, suas traduções sempre procuravam exaltar o latim e as opções latinas.

⁸ *In Roman times, of course, translation relates to the construction of a supranational culture, based on Rome, and becomes an assertion of Roma cultural independence from Attic Greece. To achieve this parity, a non-subservient stance was essential* (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006).

⁹ *Slavish* é um termo cunhado pela tradução de H. Rushton Fairclough (1926) da *Ars Poetica* de Horácio. Cf. Weissebort & Eysteisson, 2006. Entretanto, a expressão latina *fidus interpretes* pode gerar outras interpretações, como tradutor leal ou tradutor servil.

A contextualização da tradução da Bíblia¹⁰, livro mais traduzido do mundo, é fundamental para entender os princípios em que se baseiam a sua divulgação, uma vez que ela sempre foi referência para a formação do pensamento ocidental, servindo também como base para avaliação de muitos princípios tradutórios. Há, na tradução da Bíblia, um fator preponderante para o entendimento das relações de poder que se desenvolveram no contato entre culturas distintas, o que não está completamente desvinculado da falsa repercussão sobre a transparência do sentido, já que uma ideia complementa a outra.

Fato é que alguns eventos trazidos à tona neste capítulo podem comprovar que toda análise de tradução necessita de uma contextualização apropriada (*proper contextualization*) (TOURY, 1997), e isso revela que certos parâmetros de análise podem não ser suficientes para escrutinar os processos tradutórios, a não ser que haja uma ampla descrição da conjuntura em que uma tradução está inserida.

Apontando para a construção e disseminação do pensamento judaico-cristão, havemos de pensar nas consequências decorrentes de uma tradução de uma língua bárbara¹¹ para uma língua helenizada, do hebraico para o grego, considerando o conceito de 'barbarismo' propagado pela civilização romana durante séculos. A importância desse fato recai na necessidade de entender que a civilização ocidental se consolidou com um projeto de conquista, por guerras e ocupações de territórios, mas também por uma dominação cultural, que se iniciou precisamente pela propriedade da palavra escrita.

A versão grega da Bíblia se disseminou entre o período do velho e do novo testamento, depois sendo referência para a formação do cristianismo (SANTOS, 2008). Podemos apontar para a Septuaginta, também conhecida como a Bíblia dos Setenta¹², para entender como o imperativo da transparência foi dominando o discurso sobre o ato de traduzir e por que a opinião pública sobre a necessidade de

¹⁰ Considerando a bíblia como a compilação de textos escritos em diferentes épocas, conhecidos em geral como Velho Testamento, Novo Testamento e Textos Apócrifos.

¹¹ Termo cultural grego que denota a barreira conceitual entre os gregos e o resto do mundo.

¹² Por volta do ano de 285 a.C., setenta e dois judeus eruditos de Alexandria se reuniram para traduzir a Bíblia para o grego no reinado de Ptolomeu II. As razões para se traduzir uma versão do bíblia em grego não foram propriamente determinadas pelos judeus de Alexandria, mas por um conselho de Demétrio de Farelós para Ptolomeu II de ampliar a biblioteca de Alexandria (WEISSBORT; EYSTEISSON, 2006).

fidelidade e da equivalência de sentidos se repercutiu, de maneira avassaladora, até os tempos atuais (ASLANOV, 2015).

A Liturgia Cristã teve sua base fundada a partir do texto da Septuaginta, o que acabou por contribuir para difusão de sua consolidação como texto sagrado; além disso, outras culturas também tomaram por base esse texto para tradução de suas versões, como a árabe, armênia, etíope etc.

Na Septuaginta, os tradutores precisavam lidar com questões complexas que envolviam conceitos teológicos, políticos e literários, que, para a língua grega, eram até então desconhecidos. A LXX, enquanto projeto de tradução que não se concentrava exatamente na dimensão estética, mas na transferência de conteúdo jurídico e religioso, teve seus primeiros passos a partir da tradução dos Pentateucos, o que acabou por exigir ainda mais a proliferação da ideia de fidelidade, já que um texto religioso e jurídico jamais poderia se distanciar da essência do original. Daí a grande preocupação dos tradutores de se manterem leais ao texto fonte¹³.

Os primeiros cristãos intencionavam reinterpretar os textos proféticos do antigo testamento, alegando a necessidade de afastá-lo das possíveis ambiguidades, não obstante o que havia sido traduzido já não fosse mais tão próximo da formulação do texto original. Nesse sentido, o que já era interpretação foi obrigado a ser visto como absoluto, porque não se podia disseminar a mensagem sagrada sem a propagação de uma ideia de univocidade:

O que era apenas uma formulação poética tornou-se asserção positiva, uma vez que os redatores dos Evangelhos ultrapassaram a fronteira genérica e pragmática que separava o discurso profético orientado para o futuro e a narrativa da vida de Jesus, focalizada sobre um passado recente e considerada como realização das profecias. No entanto, essa fixação protocristã sobre a formulação dos profetas não pode dissimular o fato de que, do ponto de vista judaico-alexandrino, o texto profético não era objeto de tanto cuidado como o texto legislativo do Pentateuco (ASLANOV, 2015, p. 24).

A contemplação da criatividade irrompeu-se nos tradutores a partir da transposição de outros textos da Bíblia; textos em que a poeticidade e a intrínseca iconicidade das alegorias se apresentavam mais atraentes para o processo. Desse

¹³ Segundo Aslanov (2015), a grande prioridade legalista está refletida na tradução da palavra “Nómus”, termo grego pelo qual se traduziu o termo hebraico Torá e que significa “ensino”, “lei”, “instrução” em português.

modo, ainda que os distanciamentos comprovem que não há uma verdadeira essência, a tradução grega do antigo testamento, mesmo com seus traços criativos afastados do prospecto do ‘essencial’, perpetuou e condicionou o discurso fundador de uma nova religião que estava a emergir (ASLANOV, 2015).

É interessante confrontar esses fatos com o pensamento atual sobre o discurso religioso, de modo a perceber como a construção do pensamento cristão se expandiu, também, no interior de substanciais rupturas de sentido; em uma época em que ainda não se colocava em causa as possíveis ressignificações previstas hoje nas mediações tradutórias.

Os tradutores da Septuaginta foram responsáveis por construir conceitos que ainda hoje permanecem sustentando a incontestável fé cristã. Aslanov (2015, p. 24) aponta para algumas possíveis deturpações que surgiram da negociação do grego com a língua hebraica, assinalando exemplos, como a tradução da expressão “búfalo de laço” para “acelga semicozida” em grego, e destacando sobretudo expressões que hoje são conceitos cristalizados e inquestionáveis, como é o caso do termo “virgem”, termo que, segundo o autor, está muito mais próximo de uma ideia de “garota”:

Assim, o famoso versículo de Isaías 7, 14, em que a palavra ‘*almah*, “garota”, foi traduzida como *Παρθενος* (*parthénos*, virgem), oferece um exemplo significativo da irresponsabilidade do tradutor, que não enxergou ou não quis enxergar a diferença entre as noções de “garota” e de “virgem”. Estritamente falando, há virgens que não são garotas e garotas que perderam a virgindade. Daí que a palavra ‘*almah* pode ser entendida no sentido de “menina casadoira”. Essa ambiguidade originalmente associada ao termo *Παρθενος* parece refletir a concepção da virgindade segundo a moral grega antiga (ASLANOV, 2015, p. 24-25).

Mais adiante, Aslanov explica que, possivelmente, a atribuição do termo “virgem” a Maria, mãe de Cristo, decorre dessas primeiras “negligências” nas traduções:

A ignorância do ritmo ou a indiferença em relação a ele não é nem cristã nem ocidental; começou dois séculos antes da aparição do cristianismo. Foi a negligência na tradução (em relação ao ritmo ou à semântica do texto) a responsável pela cristalização de vários mitos cristãos, como a virgindade de Maria ou a pregação de João Batista no deserto [...] (ASLANOV, 2015, p. 27).

Esses e muitos outros exemplos evidenciam que todo sentido é subordinado a um contexto histórico, estejam eles obedecendo a critérios de manipulações deliberadas ou sejam resultados de artifícios irresolutos.

As manipulações de tradução, por vezes, resultaram de comportamentos excessivamente escrupulosos. Houve, por exemplo, uma necessidade de expurgar tudo aquilo que se constituía e se apresentava como de natureza pagã, porque nenhum resíduo politeísta poderia se contrapor ou contestar o monoteísmo bíblico. Isso mostra que os conceitos que representavam sincretismos culturais entre o povo hebraico (ainda bárbaro) eram vistos como comprometedores, uma vez que os mitos cosmogônicos politeístas colocariam em causa os valores racionais que estavam a surgir.

Também relacionada a esse comportamento, está a manipulação de elementos ligados à dimensão sexual, do corpo e da carne. Em um outro exemplo apontado por Aslanov (2015), ilustra-se uma tendência à conservação da limpeza espiritual na tradução da palavra “sexo” (erwah), vertida pelos gregos como *askhemosýne*, que denota a ideia de “desgraça” ou “feiura”.

O que faz a Septuaginta tão mais relevante do que uma simples antiga tradução do velho testamento para o grego reside no significativo valor que a própria língua grega representava naquele contexto. Alexandre o Grande havia conquistado grande parte do Oriente Médio e da Ásia menor, e essas conquistas significaram a disseminação da língua, das leis e da cultura grega por todos esses territórios. Isso quer dizer que a versão grega da Septuaginta permitiu que todos os falantes do grego tivessem acesso ao velho testamento do povo Judeu, o que mais tarde favoreceu também a propagação da fé cristã:

Ela (Septuaginta) explica os antecedentes do cristianismo, introduzindo até mesmo a palavra que, mais do que qualquer outra, provavelmente mudou o curso da história humana. Deu ao mundo a palavra Cristo, que é a versão grega de Messias, e, por extensão, os termos cristão e cristianismo. Sem a Septuaginta, Londres e Roma ainda seriam pagãs e as escrituras não seriam mais conhecidas do que o Livro Egípcio dos Mortos (FREEDMAN, 2016, p, 15, tradução nossa).¹⁴

Além disso, a Septuaginta vai ser uma das peças fundamentais para a realização da tradução da primeira versão oficial da bíblia para a igreja católica, a Vulgata, que também teve influências do pensamento clássico. Com a tradução de

¹⁴ It explained the background to Christianity. It even introduced the one word which has probably changed the course of human history more than any other. It gave the world the word Christ, which is Greek for Messiah. And by extension, the terms Christian and Christianity. Without the Septuagint, London and Rome would still be heathen and the scriptures would be no better known than the Egyptian Book of the Dead (FREEDMAN, 2016).

textos do grego para o latim, os embrionários discursos sobre a atividade tradutória já se formavam e se concretizavam em meio a um momento político extremamente importante para a consolidação do pensamento ocidental.

2.1.3 Jerônimo e os conflitos tradutórios da Vulgata

Embora houvesse rejeição dos conceitos firmados pelos modelos clássicos de tradução por grande parte dos tradutores de textos cristãos, as suas influências ainda incidiriam em São Jerônimo na consolidação da tradução da Vulgata, considerada até hoje a bíblia oficial da igreja católica. Entretanto, essas influências ocorrem lado a lado aos padrões estabelecidos pela tradução da Septuaginta, que, segundo os judeus gregos, teria advindo da mediação e da intervenção divina.

Quanto ao Novo Testamento, há um consenso de que tenha sido escrito em grego, embora seja também unânime a ideia de que a língua de Jesus Cristo e de seus seguidores seja aramaico, e que nada tem a ver com o grego. De qualquer forma, há ainda muitas controvérsias acadêmicas para se afirmar se os escritos do novo testamento são uma tradução direta do aramaico oral para o grego escrito, ou se houve uma versão escrita em aramaico debelada por alguma imposição cultural que determinou o grego como língua oficial. Entretanto, podemos afirmar que esse é um fato marcante para se contestar a ideia do sentido infalível.

Essas implicações da verdade que determinam a indefectibilidade do sentido sempre incidirão em conflitos tradutórios, que, de alguma forma, levam o tradutor para algum lugar entre a legibilidade de uma tradução e a capacidade de preservar as características do original.

Um fato interessante para se pensar a manipulação da verdade no interior de práticas que combinam conhecimento e poder é voltar o olhar para o sujeito tradutor, que, consciente do caráter dependente de sua tradução, tem, ao mesmo tempo, a tendência e o desejo de se impor no texto. Nesse processo, o tradutor passa por uma experiência criativa, que será resultado de sua reflexão e das demandas externas. Essa combinação, em si, refuta a lógica do sentido absoluto, pois, mesmo com os conflitos particulares de tradutores individuais, a disseminação do discurso da verdade jamais será abandonada.

Um grande exemplo da peleja do sujeito tradutor, suas reflexões pessoais e as determinações de forças institucionais encontra-se na tradução da Vulgata no

século IV. Os métodos de tradução utilizados na Vulgata ressaltam sempre o compromisso de Jerônimo com a fé cristã, pois, ainda que seus critérios tivessem inspirações nas traduções clássicas, jamais se permitiria que, na tradução das Escrituras Sagradas, fossem confirmados seus lampejos ciceronianos. Essa questão tornou-se tão conflituosa para São Jerônimo que resultou no seu famoso sonho, em cuja aparição, Deus o condena por sua inclinação pela tradução livre (WEISSBORT; EYSTEISSON, 2006).

É muito provável que os conflitos pessoais de Jerônimo tenham base na diversidade de leituras que havia feito em sua juventude e no vasto conhecimento cultural que possuía, mas, apesar de sua vastíssima biblioteca com trabalhos clássicos, sua dedicação se volta profundamente aos estudos da bíblia e aos escritos dos sacerdotes da igreja. Ainda assim, aprende hebraico com um ex-judeu, passando a ser visto com maus olhos por alguns teólogos e membros da igreja (FREEDMAN, 2016).

Por fim, sua relação controversa com a igreja não impediu que o papa Dâmaso o convidasse para um dos mais influentes trabalhos da bibliografia ocidental, tendo até aquele momento trabalhado apenas com algumas correções da versão grega do novo testamento e sido chamado para corrigir versões não oficiais traduzidas para o latim, que já circulavam.

Na tradução da bíblia, o posicionamento pessoal de Jerônimo fica claro quando afirma que a tradução literal torna o texto absurdo e que traduzir palavra por palavra significa abdicar de sua responsabilidade de tradutor. Aponta, portanto, para algumas traduções não literais da Septuaginta e considera o texto em Hebraico mais relevante para a tradução do que a tradução grega.

Esse posicionamento faz com que o sacerdote levante algumas questões concernentes à tradução que parecem justificar o fato de que pequenas alterações interpretativas não significariam efeitos devastadores na palavra sagrada, dando inclusive exemplos de traduções claramente não literais da Septuaginta de Apóstolos e Evangelistas, como segue explícito no texto a seguir:

As palavras de abertura do texto hebraico do Salmo XXI são exatamente as palavras que Cristo falou quando estava na cruz: 'Eli, Eli, lama sabatchani'. Isso significa: 'Meu Deus, meu Deus, por que você me abandonou?'. Eles responderão que não há distorção no sentido se duas ou três palavras forem adicionadas. Espero que eles também percebam que a estabilidade da Igreja não estará ameaçada se, no calor do ditado,

deixar algumas palavras de fora (SÃO JERONIMO, *apud* WEISSBORT; EYSTEISSON, 2006, p.30, tradução nossa).¹⁵

Por esse posicionamento, Jerônimo decide utilizar a versão hebraica do Antigo Testamento para realizar sua tradução, ainda que essa decisão, bem como a postura de reconhecer a alteração de algumas palavras quando do processo tradutório, tenha gerado uma série de contendas por parte de outros sacerdotes da igreja católica, principalmente após a morte do Papa Dâmaso, que, quando vivo, assegurou a Jerônimo certa proteção. Jerônimo sofreu, inclusive, algumas críticas por parte de Agostinho, um dos mais influentes pensadores da igreja católica, que chegou a comentar sobre a sua ousadia em romper com a forma¹⁶.

A decisão de utilizar a versão hebraica foi vista por Agostinho como negação da sacralidade da versão grega, pois o pensamento e o cuidado da Igreja em manter a força expressiva da palavra era o que também mantinha a força expressiva da igreja. Segundo Copeland (1991), esse é um procedimento inevitável, pois, tratando-se da Escritura, a tradução exerce uma função teleológica, tendo finalidade e objetivos claros:

Portanto, o papel da tradução literal no sistema de Agostinho (e também no de Jerônimo) é o de recuperar um tipo de certeza originária que as convenções humanas da retórica não viciaram ou obscureceram. [...] A noção dessa continuidade, ao mesmo tempo transcendente e imanente, que vemos em Agostinho, é inevitável para questões das Escrituras, em que a tradução desempenha um ofício teleológico de revelação e profecia. Enquanto Jerônimo contestou a concepção do tradutor bíblico como profeta, argumentando que até aquela tarefa sagrada havia sido alcançada por meio de conhecimentos técnicos [...] (COPELAND, 1991, p. 44-45)¹⁷.

¹⁵ The opening words of the Hebrew text of Psalm XXI are the very words Christ spoke on the cross: 'Eli, Eli, lama sabatchani'. This means: 'My God, my God, why have you abandoned me?' They will reply that there is no distortion in the sense if two or three words are added. Let them also realize that the stability of the Church is not threatened if, in the heat of the dictation, I leave out a few words (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006, p.30).

¹⁶ Há uma carta de Agostinho para Jerônimo, datada no ano de 403, na qual ele relata sobre uma revolta da igreja em Tripoli que ocorrera após a leitura da versão de Jerônimo do livro de Jonas. Jerônimo havia optado pela palavra *hedera* em latim ao traduzir o nome hebraico da planta que deu sombra a Jonas, mas a congregação esperava ler a palavra *curcubita*. A ideia de que a planta que protegeu Jonas não era uma grande abóbora de folhas largas, mas um capim rasteiro e frágil, foi absurda para a igreja (FREEDMAN, 2016).

¹⁷ Hence the role of literal translation in Augustine's system (as well in that of Jerome) is that of recovering a kind of ordinary certitude which the human conventions of rhetoric have not vitiated or obscure. [...] The notion of such continuity, at once transcendent and immanent, that see in Augustine, is inevitable for questions of Scripture, where translation performs a teleological office of revelation and prophecy. While Jerome contested the conception of the biblical translator as prophet, arguing that even this sacred task was achieved through technical expertise [...] (COPELAND, 1991, p. 44-45).

Santo Agostinho era um defensor do essencialismo e por isso via a tradução como meio de organização sistemática da confusão discursiva encontrada na história mítica da Torre de Babel; pregava a ideia de que só era possível uma única e verdadeira tradução, fato que podemos considerar como prenúncio da função que o cristianismo terá, mais adiante, na cultura ocidental, incorrendo-se no discurso comum sobre a atividade tradutória.

Em suma, a contribuição de Agostinho¹⁸ foi decisiva para a disseminação do discurso da verdade, tendo seu pensamento colaborado categoricamente para a conservação do essencialismo sacro. Não surpreende, portanto, que seus comentários sobre as traduções do Antigo e Novo Testamento tenham acabado por contribuir efetivamente para a formação da tradição exegética e hermenêutica ocidental, incidindo, com muita força, no desenvolvimento do pensamento moderno.

Finalmente, mesmo com as grandes críticas a respeito de Jerônimo, a Vulgata vem a ser reconhecida como a versão oficial da bíblia católica alguns séculos mais tarde, instituindo diversos termos lexicais que perduram até hoje¹⁹, mas, como dito anteriormente, o posicionamento de Jerônimo não permitiu que a divulgação da Vulgata colocasse em causa a pureza da palavra divina, pelo contrário, por causa dela, o terreno da Liturgia Cristã se manteve em constante crescimento.

De acordo com Freedman (2016), em meados do século VIII, a força do cristianismo se confunde com a força do Império Romano, e essa junção vai significar o domínio político e cultural de territórios europeus em grande escala na alta idade média. O fato mais intrigante para nossa reflexão é que a tradução da bíblia passa a ser vista como um dos principais instrumentos de força para a inserção dos padrões romanos (cristão), a exemplo de Carlos Magno, rei dos francos e futuro imperador do Sacro Império Romano-Germânico, que atenta para o potencial bélico da tradução da bíblia e pretende estabelecer, através dela, o domínio romano, tornando a Europa um continente cristão, lembrando que, até então, o paganismo se estendia por grande parte dos territórios europeus.

¹⁸ Com base na filosofia de Platão, Agostinho é responsável por formular a primeira grande síntese entre o pensamento cristão e a filosofia grega, conhecida como platonismo cristão (MARCONDES, 2008).

¹⁹ Derivam dessa tradução, palavras como santificação, escritura, sacramento. Cf. Freedman, 2016, p. 49.

Entre conquistas de territórios e proliferação dos padrões de conversão para o cristianismo, a permissão da tradução de alguns textos da bíblia para as línguas vernaculares parecia uma forma de fortalecer o clero e promover a educação cristã do povo europeu. Não obstante, no período da baixa idade média, a partir do século XIV, esse movimento vai produzir um efeito contrário ao pretendido por Carlos Magno.

2.2 Incidências culturais e tradução

Um outro momento importante da história da tradução da bíblia que nos interessa para uma reflexão sobre as incidências da tradução na formação cultural europeia passa-se em uma época em que não havia grande prosperidade na Inglaterra e em outras nações do continente europeu. No século XIV, a peste negra dizimou quase a metade da população inglesa, além das constantes guerras com os franceses e outras nações vizinhas.

A nobreza disputava lugar com os novos comerciantes que estavam em ascensão. O povo, por sua vez, obedecia às regras dos que lhes eram superiores, principalmente do clero, a ordem mais poderosa do período medieval, embora os homens do alto clero estivessem cada vez mais afastados do contato com o povo. Surgem então alguns movimentos de devoção que não necessariamente seguiam os dogmas impostos pela igreja (FREEDMAN, 2016).

Essas circunstâncias abriram espaço para que novas interpretações sobre a leitura e a tradução da bíblia viessem à tona. Assim foi o caso de John Wycliffe, que vislumbrara a emancipação dos pobres através da educação da bíblia. Ele era professor e possuía uma formação cristã, mas pensava de uma maneira peculiar e insistia na ideia de traduzir a bíblia como forma de dirimir a ignorância do povo, até que, por fim, mesmo sem a autorização da igreja, foi responsável pela primeira tradução em língua inglesa do livro cristão. Entretanto, a versão traduzida foi proibida pela igreja, e Wycliffe foi acusado de heresia (FREEDMAN, 2016).

Dois séculos depois, esse sentimento contra o clero que partia da classe mais baixa ainda prevalecia e fez surgir, no interior da própria congregação, uma outra personalidade, que, nos tempos atuais é ainda mais conhecida por sua tradução, provavelmente pelo impacto profundo que causou nas relações culturais europeias. Martinho Lutero traduziu a bíblia para o alemão e foi responsável pelo

que hoje conhecemos como alemão moderno. Essa tradução foi motivo de conflitos constantes entre Lutero e a cúpula romana, pois Lutero não admitia que os inabaláveis princípios da fé cristã fossem conduzidos por seres humanos:

A visão que prevalecia na Igreja Católica era a de que a Bíblia só podia ser entendida através da interpretação. Apenas o papa, que havia sido divinamente ordenado como intérprete único e infalível, poderia dizer o significado das Escrituras corretamente. Lutero discordava profundamente dessa afirmação, argumentando que não haveria sentido a existência de uma Bíblia se ela fosse apenas para ser entendida por meio dos papas. 'Por que não queimar tudo e nos contentarmos com os senhores indoutos de Roma que têm o Espírito Santo? Ele perguntou. Ao contrário, Lutero argumentou que todos os seres humanos, inclusive papas, eram passíveis de erros (FREEDMAN, 2016, p. 95, tradução nossa)²⁰.

A questão mais intrigante da argumentação de Lutero reside no fato de que ele reproduziu o discurso que a Igreja Católica perpetuou durante vários séculos. Mais simbólico ainda é que Lutero desafiou a credibilidade da igreja através do instrumento que a tornava uma instituição credível, a própria Bíblia. Ou seja, seu argumento se apoiou na mesma ideia que foi disseminada para consolidar tanto o império romano como a própria força da Igreja Católica: a noção de que as Escrituras deveriam ser rigorosamente interpretadas. Entretanto, Lutero entendeu que esse rigor não poderia partir de uma única exclusiva vertente, decidindo, ele mesmo, traduzir a Bíblia a partir de uma nova metodologia:

Lutero criou uma distinção artificial entre hebraico gramatical e espiritual. O hebraico gramatical seria o que os judeus e seus rabinos utilizavam; mas, contando com isso, eles perderam as conotações espirituais da língua. Apesar da *Sola scriptura*, aos olhos de Lutero, o hebraico só poderia ser uma ferramenta para entender o sentido original da Bíblia se alguém transcendesse o simples significado gramatical da língua e entendesse o contexto espiritual (FREEDMAN, 2016, p.95, tradução nossa)²¹.

²⁰ The long-held view of the Catholic Church was that the Bible could only be understood through interpretation. Only the Pope who had been divinely ordained as sole, unerring interpreter, could explain Scripture's meaning correctly. Luther strongly disagreed. He argued that there would be no point to having a Bible if it could be understood through the medium of the Popes. 'Why not burn it all and content ourselves with these unlearned lords at Rome, who have the Holy Ghost within them? He asked. On the contrary, argued Luther, human beings, even Popes, can err (FREEDMAN, 2016, p. 95).

²¹ Luther created an artificial distinction between grammatical and spiritual Hebrew. Grammatical Hebrew was what the Jews and their rabbis made use of; but in relying on it they missed the spiritual connotations of the language. *Sola scriptura* notwithstanding, in Luther's eyes Hebrew could only be a tool for understanding the original sense of the Bible if one transcended the simple grammatical meaning of the language and understood the spiritual context.

Lutero foi revolucionário porque enxergou algumas contradições entre o discurso da igreja e sua prática. A corrupção através da venda de indulgências e alguns atos permissivos em troca do enriquecimento da instituição o levaram a contestar ideologicamente o que se colocava como verdade. No entanto, o que Lutero vai disseminar são outras verdades que favorecem seu argumento.

Como vimos na citação acima, o princípio da inexorabilidade do sentido na tradução bíblica é seguido por Lutero, ao passo que seu argumento toma por base a construção de verdades absolutas que podem afetar a maneira como as pessoas interpretam as escrituras. Isso causa um impacto tão potente que faz emergir novas vertentes do cristianismo, dessa vez com proposições próprias, mas que não deixam de ser imposições interpretativas que se ancoram no poder da tradução.

A tradução tem uma força incontestável, vide a versão alemã, que vai ser determinante para o que hoje conhecemos como alemão moderno. Um outro exemplo dessa força são as traduções que surgem para outras línguas vernaculares, como o francês, o inglês, entre outras. Esse poder também se reflete na forma que a tradução foi utilizada para sustentar e articular novas formas de crença. Assim, os conflitos que surgem a partir dessas novas versões são inumeráveis, uma vez que a luta pelo poder entre a igreja católica e a reforma protestante se conjeturam também nas versões traduzidas.

Para os estudos da tradução, o grande resultado desse período foi a ascensão das línguas vernaculares, pois a tradução passou a ser novamente meio de autoafirmação cultural, revelando-se como uma atividade decisiva para os grandes agitados da Europa, uma vez que difundiu e colaborou com os movimentos que estavam em ascensão, a exemplo da Reforma e do Renascimento.

Nesse sentido, houve necessidade de se retornar aos exercícios clássicos, pois como vimos, a prática da tradução no período clássico prezava pelas questões retóricas e discursivas do sentido, visando a afirmação de Roma através da imitação dos modelos gregos, pois os romanos viam o grego como a língua mais ilustre, e o resultado disso foi uma relação verticalmente hierárquica que se estabeleceu na tradução, de modo que os retóricos latinos (tradutores) fossem capazes de elevar o latim ao grego.

Dessa vez, entretanto, a retomada seria um pouco diferente da aspirada por Roma no período clássico. Ora, Roma reverenciava a fluidez discursiva e o poder da retórica e queria se igualar ao grego, as línguas modernas, por sua vez, ainda não possuíam a força das línguas clássicas, e para uma legitimação social (*autorictas*), tanto das línguas quanto das nações, era preciso não apenas se igualar, mas se desvencilhar dos modelos antigos para adquirir um novo *status* (COPELAND, 1991).

2.2.1 A influência da tradução na formação de identidades nacionais

Os caminhos percorridos pela tradução ocidental, como também sua reflexão, são os mesmos caminhos que consolidaram a cultura e a escrita europeias. A Europa se desenvolve culturalmente, entre contatos políticos e relações econômicas, a partir da atividade tradutória, o que não é tão diferente dos tempos atuais, a não ser pela intensidade em que essas relações hoje ocorrem.

Do século XVI em diante, surge na Europa uma gama de tradutores amadores que optava por traduzir por uma simples devoção aos autores das obras, ao mesmo tempo, abre-se o espaço para tradutores funcionais que se dedicam a traduzir as obras específicas de sua área, a exemplo de historiadores que traduziam historiadores e de médicos que traduziam os herbários ou as obras de anatomia. Entretanto, os projetos, em geral, eram religiosos, pois havia uma quantidade relevante de atividades missionárias em toda Europa (BURKE, 2009).

Os tradutores nessa época tinham problemas com a insuficiência de dicionários bilingues entre línguas vernáculas europeias e, muitas vezes, precisavam recorrer ao latim para concluir a atividade. Isso gerava um certo monopólio, pois o acesso às obras em línguas vernáculas ficava restrito à escolha de quem dominava as línguas clássicas, ou seja, figuras destacadas da igreja ou figuras políticas.

Nesse sentido, os patronos, que, em regra, eram os governantes ou líderes religiosos, exerciam uma política de tradução que tinha intenções específicas, como era o caso da igreja católica, que utilizou a tradução como tentativa de conseguir novos adeptos na época da contrarreforma; ou dos Jesuítas que, pela instrução da ordem, disseminavam a ideia de *omnina omnibus* (todas as coisas para todos), mas produziam traduções para o favorecimento da Ordem (BURKE, 2009).

Também, no caso da Inglaterra, na época de Henrique VIII, grande parte das traduções eram feitas com o intuito de apoiar a Reforma.

Por isso que, de forma genérica, os primeiros escritos do período renascentista concernentes à tradução dissertavam sobre a importância da atividade principalmente quando apontavam para sua característica servil, em que o tradutor era visto como um propagador do bem comum, mas subalterno ao autor da obra. O papel do tradutor para muitas concepções dessa época (oriundas de comentaristas e críticos) era servir ao público erudito, obviamente, não com a mesma importância de um escritor, mas como aquele que seria capaz de preservar a essência da obra original:

Durante o período de 1550 a 1650 as imagens predominantes são relativas a se seguirem os passos exatos do autor, ao tradutor como servo ou escravo, e o trabalho do tradutor como sendo infinitamente inferior ao original – o avesso de uma tapeçaria, ou a luz da vela comparada a luz do sol. Além disso, há frequentemente referências ao tradutor tendo um papel social, uma vez que ele promove o bem comum, proporcionando o acesso a trabalhos estrangeiros (MILTON, 1998, p. 1).

Aos tradutores, incumbia-se o papel de escravos da palavra porque se pressupunha que a clareza da expressão e a harmonia das línguas clássicas não podiam ser alteradas. Assim era cobrada a manutenção desses elementos sem a ponderação de que isso seria uma tarefa quase impraticável. Em contrapartida, das reflexões desses próprios tradutores, surgem algumas outras incipientes perspectivas que já passam a considerar as dificuldades para uma tradução fiel e completamente equivalente, sobre o que falaremos mais adiante.

O falar vulgar concedeu às línguas vernáculas extrema importância para ascensão de algumas identidades nacionais, como foi o caso da França, da Inglaterra e da Alemanha, e essa afirmação se deu, principalmente, a partir das traduções de textos religiosos, políticos e literários, fossem do grego ou do latim para uma língua vernácula, ou de uma língua vernácula para qualquer língua clássica. Essas três nações, embora tenham se firmado culturalmente por diferentes vieses, têm em comum a sustentação de princípios nacionais que se alicerçaram na afirmação da língua vernácula e, embora esses princípios venham se tornar muito mais ostensivos a partir do período romântico, as traduções

neoclássicas foram responsáveis por causar efeitos positivos para a ascensão dessas culturas.

O século XVI foi de grande prosperidade para a tradução na França e na Inglaterra, inclusive os franceses, a partir de então, já formulavam algumas teorias sobre tradução. Em torno de 1540, há um embrionário ensaio de Etienne Dolet, que discorre sobre a atividade, cujo princípio se baseia na determinação do bom traduzir (*La manière de bien traduire d'une langue en autre*).

Nesse sentido, como as línguas vernaculares queriam alcançar prestígio e autoridade canônica, para suplantar a autoridade do latim e do grego, os princípios tradutórios estabelecidos no momento retomaram a proposta clássica de tradução, que se desvincula da palavra literal para dar espaço à tradução livre, mas dessa vez, a 'força expressiva' (expressão ciceroniana) e a fluidez do texto davam lugar à preocupação em prescrever regras que consolidassem as línguas vernaculares:

La manière, em toda a sua brevidade, deve ter sido uma mina de ouro de conselhos para o novato que aspira à nova arte da *traduction*. A nova arte na França, de forma ainda mais acentuada que na Inglaterra, rompeu claramente com as tradições medievais da tradução, a da palavra-por-palavra, usada no brilho aprendido e na liberdade incontida da adaptação literária. A ruptura foi tão marcante que foi necessário criar um novo termo para a nova arte: na década de 1530, o verbo *traduire* foi introduzido para contrastar com atividades mais antigas, como *translater* e *trunchmanter*, e Dolet passou a formar o que conhecemos agora como padrão *traductio* e *traducteur* (WEISSBORT; EYSTEISSON, 2006, p. 74)²².

Também em *La manière*, no interior das recomendações sobre como elaborar uma boa tradução, há um apelo persuasivo para não se optar por palavras em latim "usadas no passado". O argumento de Dolet deixa claro que, embora o francês e outras línguas vernaculares ainda carecessem da riqueza vocabular das línguas clássicas, a adequação às normas da língua comum era o caminho mais apropriado.

A preocupação em afirmar a importância e a riqueza vernaculares fica ainda mais evidente no texto de um poeta e tradutor francês, contemporâneo de Dolet,

²² *La maniere*, for all its brevity, must have been a gold-mine of advice for the novice aspiring to the new art of traduction. The new art, for in France, more markedly than in England, there was a clear break with the medieval traditions of translating, that of crabbed word-for-wordness in learned glossing and that of uncurbed freedom in literary adapting alike. The break, indeed, was so sharp that it was felt necessary to create a newterm for the new art: in the 1530s the verb *traduire* was introduced to contrast with such older activities as *translater* and *trunchmanter*, and Dolet went on to form the now-standard nouns *traduction* and *traducteur* (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006, p. 74).

Joachim Du Balley²³, que faz, com muito esmero discursivo, uma defesa da língua francesa, assinalando a tradução imitativa das línguas clássicas como um meio para fazer florescer o francês. A tradução como imitação é mencionada em grande parte dos capítulos dessa defesa, aliás, na visão de Du Balley, traduzir (ainda sob a perspectiva da tradução literal) é uma atividade diferente da imitação, porque só a imitação seria capaz de fornecer os ornamentos necessários para a língua francesa desabrochar.

Essa imitação pressupunha invenção, e segundo Copeland (1991), àquela altura, a invenção tem importantes implicações porque ela dá força ao discurso acadêmico. Ou seja, se a atividade de tradução, tanto a clássica como a bíblica, era uma ação hermenêutica (de interpretação, não de invenção), a tradução vernacular passa a ter o intuito genuinamente prático de transformar o discurso acadêmico a partir de outro tipo de *exegese*²⁴, pois era preciso romper com os padrões e transferir o poder do discurso acadêmico institucional para as línguas vernaculares:

Vemos o cumprimento dessa ameaça na tradução de Chaucer e Gower, que dão autoridade a seus próprios escritos em língua vernacular por meio de um 'gênero de discurso oficial'. Mas enquanto eles incorporam esse discurso em suas produções, usam-no com o objetivo de autoexegese, para abordar as implicações de reivindicações vernaculares às *autoritas* (COPELAND, 1991, p. 180, tradução nossa).²⁵

Era, portanto, um momento de transformar as técnicas exegéticas em técnicas de invenção para redefinir os termos e produzir novos originais. A celebração da cultura clássica greco-romana vai se tornar muito mais evidente, e, por outro lado, a busca pela afirmação de uma identidade nacional; isso porque existia uma lógica predominante de que a cultura nacional poderia ser legitimada através dos clássicos, e a solução para essa legitimação estava na literatura, na linguagem etc.

²³ *La Déffence et illustration de la langue françayse*, Joachim Du Bellay, 1549. Cf. Weissbort; Eyesteisson, 2006, p. 77.

²⁴ A outra exegese pode ser compreendida quando colocada em contraste com a exegese bíblica, que tem princípios muito claros com base na doutrina cristã. As reflexões de Santo Agostinho acerca do ato interpretativo são suas principais referências.

²⁵ *We see the fulfillment of this threat in the translation of Chaucer and Gower, who authorize their own vernacular writings through a "genre of official discourse. But while they embody that discourse in their productions, they use it to the purpose of auto-exegesis, to address the implications of vernacular claims to autorictas* (COPELAND, 1991, p. 180).

A língua inglesa, por sua vez, apropriou-se de vários novos conceitos e novas técnicas que estavam surgindo em todo continente europeu, e isso se deu a partir das traduções das línguas clássicas e dos empréstimos linguísticos firmados com a conversão dessas línguas para o inglês: “além de melhorar a literatura inglesa por meio da introdução de modelos de fora, também houve a melhoria e o aumento do vocabulário da língua inglesa através da introdução de novos termos, especialmente do latim” (MILTON, 1998, p. 19). Houve uma grande quantidade de novas publicações em inglês que surgiram a partir da curiosidade e do interesse em línguas e literaturas clássicas, embora isso não tenha ocorrido sem uma oposição purista:

Não havia nenhuma aceitação generalizada desses termos que tinham sido introduzidos de fora, chamados *inkhorn*. O catedrático de Cambridge, Sir John Cheeke, preferiu a adaptação de termos anglo-saxônicos, e não permitia “nenhuma palavra que não fosse inglês puro”. Apesar disso, muitas palavras *inkhorn* logo entraram em uso geral (MILTON, 1998, p. 19).

Nesse sentido, mesmo que as relações econômicas e políticas estabelecidas com a França tenham trazido influências da língua latina desde os séculos XIII e XIV²⁶, o período renascentista, também com a ajuda de recursos do italiano e do espanhol, trouxe uma série de termos cultos e de certa abstração para a língua inglesa, do mesmo modo que os anglicismos atuais carregam as marcas de uma política de dominação cultural em países estrangeiros.

2.3 Formação da identidade nacional inglesa

A manipulação da tradução se manifesta na sua capacidade de reinventar (ou reescrever) ideologias, pois a língua e a literatura funcionam na sociedade como definidoras de conceitos. Hoje, segundo dados da Unesco²⁷, a língua inglesa é disparadamente a mais traduzida no mundo inteiro, seis vezes mais que a língua francesa, cuja posição é a segunda em termos de tradução.

²⁶ Ainda que a invasão normanda seja responsável pela enorme influência da língua francesa no inglês, é importante lembrar que a estrutura da língua inglesa não deixou de lado suas raízes germânicas.

²⁷ Cf. <http://www.unesco.org/xtrans/>

Antes de o inglês se tornar a língua global, foi o latim que, por séculos, teve predominância na vida intelectual europeia, e, como mencionado no tópico anterior, as implicações históricas, incluindo o empreendimento da tradução – determinante para transformações culturais e ideológicas – justificam esse domínio e atestam o controle institucional do cristianismo como definidor de padrões durante séculos. O inglês, por sua vez, inverterá o domínio do latim por meios que também estão atrelados ao empreendimento da tradução, fazendo com que outras razões ideológicas sejam definidoras de hábitos e costumes.

Portanto, se as traduções das línguas clássicas eram responsáveis por consolidar a cultura de uma nação europeia, já que as obras eram traduzidas para permitir o acesso à sabedoria clássica, a exemplo de marcos reconhecidos para afirmação e consolidação da literatura inglesa, como a tradução da Eneida de Virgílio, realizada por John Dryden e a tradução da Ilíada por Alexander Pope, essa lógica também compreende os princípios da relação cultural que se estabelece nos dias atuais entre os países imperialistas de língua inglesa, como Estados Unidos e Inglaterra.

Assim, o que importa aqui é entender o percurso que traçou essas transformações e tornou a língua inglesa a língua franca da globalização e do “progresso”, partindo do princípio de que o ideal moderno pautado na uniformização cultural teve suas bases em processos coloniais perpetrados pela tradução, construídos nos primórdios da consolidação das nações europeias. Nesse sentido, embora o latim e o grego tenham se mantido como as línguas da erudição por um longo tempo, é interessante observar como o inglês foi paulatinamente encontrando o seu espaço até alcançar sua reconhecida autoridade.

A relação da língua inglesa com as línguas clássicas colocada em contraste com o *modus operandi* do mercado cultural anglo-americano atualmente permite observar como as permutas culturais, mesmo com propósitos diferentes, se ancoravam em princípios tradutórios semelhantes.

2.3.1 A consolidação do inglês vernacular e sua ascensão

Tendo em vista que o campo da literatura e da filosofia são os pilares para a valorização cultural, no período de consolidação das línguas vernaculares, foi

preciso criar um *status*, ou seja, o raciocínio de não traduzir palavra por palavra agregava-se à ideia de valorizar a língua, prática comum em todas as noções europeias que aspiravam a uma afirmação identitária.

Na modernidade, por sua vez, essa prática trará outras consequências para as relações culturais sobre as quais falaremos mais adiante. Entretanto, por ora, o que é relevante sobre essa questão é refletir por que o discurso da tradução vai se pautar na necessidade de alcançar a “fluência”, que, segundo Venuti (1995), significa apagamento, e não só apagamento linguístico, mas um aniquilamento presunçoso do outro e da heterogeneidade da palavra, já que a divulgação do discurso da transparência impõe limites ao sentido:

A fluência assume uma teoria da linguagem da comunicação, que, em prática, manifesta-se como ênfase na inteligibilidade e como rejeição à polissemia, ou certamente como um jogo de significante que destrói a coerência do significado. A linguagem é concebida como meio transparente de expressão pessoal, um individualismo que interpreta a tradução como a recuperação da intenção do escritor estrangeiro²⁸ (VENUTI, 1995, p. 61, tradução nossa).

Portanto, os conceitos de tradução que foram construídos sob a égide da consolidação das nações, da cultura e da vida científica europeia continuarão sendo o mote principal das metrópoles coloniais, servindo de pretexto para um contínuo processo de domínio cultural e empreendimento ‘civilizatório’.

Do período renascentista até meados do século XVIII, a necessidade de se traduzir para a língua inglesa se justificava pela aproximação das línguas clássicas como forma de alcançar prestígio político e social. Esse raciocínio se perpetuou quando se acreditou que as traduções tornariam a Inglaterra tão avançada quantos as outras nações da Europa. Nessa época de transição, todas as nações europeias seguiam esse mesmo raciocínio, tanto que antes de 1513, poucos eram os tratados políticos escritos em língua vulgar, diferentemente do que vai ocorrer a partir do século XVIII.

Ainda no século XV, podemos mencionar William Caxton (1422-91) como um dos marcos importantes para o exercício da tradução na Inglaterra e que foi

²⁸ *Fluency assumes a theory of language as communication that, in practice, manifests itself as a stress on immediate intelligibility and an avoidance of polysemy, or indeed any play of the signifier that erodes the coherence of the signified. Language is conceived as a transparent medium of personal expression, an individualism that construes translation as the recovery of the foreign writer's intended meaning* (VENUTI, 1995, p. 61).

crucial para a divulgação de textos, pois a maioria das suas impressões eram feitas em língua inglesa.

Naquele período, obras literárias, a exemplo das de Geoffrey Chaucer e de William Shakespeare, sofreram grande influência dos clássicos que tomavam livremente emprestado elementos de outras literaturas, demonstrando clareza e cultura, embora esse seja um fato histórico pouco mencionado atualmente. Dessa forma, considerando a prática generalizada de circulação e divulgação de materiais de escritores, não se faziam devidas referências às fontes e era muito comum que os plágios se tornassem obras autênticas de uma determinada cultura:

No fim do século XV, William Caxton, o inventor do sistema moderno de impressão, imprimiu versões inglesas dos contos franceses e latinos. Antes dele Geoffrey Chaucer introduziu vários estilos e temas da literatura europeia na língua inglesa. Entre eles, estavam suas versões de ballade française, o romance de Bocaccio e a fábula dos animais, o fabliau de Flandres. [...] E William Shakespeare, como a maioria dos dramaturgos contemporâneos, emprestava elementos livremente (MILTON, 1998, p. 18).

Essa era uma forma de transferir o valor canônico das línguas clássicas para a língua inglesa, pois a tradução que trabalhasse a língua vernacular em sua própria estrutura se apropriava do valor retórico dos clássicos e atestava sua autoridade.

Ora, se o propósito era o enaltecimento da língua vernacular, a prática da tradução precisaria estar de alguma maneira associada a questões políticas. Dessa forma, muitas traduções do período assumem o que Venuti (1995, p.45) vai chamar de “prática política e cultural”, uma espécie de domesticação literária que tem o objetivo de atestar o nacionalismo inglês, exaltando-o na prática de tradução.

É importante lembrar que essa lógica de divulgação do espírito nacionalista inglês começou a ser construída com mais ênfase na dinastia dos Tudor, cujo propósito era anglicizar os textos sem modéstia. É possível encontrar, em algumas declarações de figuras importantes da época, como William Camden²⁹, conteúdos que confirmam a ascensão de uma ideia patriota que se convertia em uma questão

²⁹ William Camden, historiador inglês do século XVI, chega a afirmar que os reinos bretões eram monarquias absolutas que não reconheciam superioridade de qualquer imperador ou papa (BROWNLOW, 1991, p. 112, tradução nossa).

linguística, pois era tácito que a língua inglesa precisava superar o latim, e isso, para os eruditos da dinastia Tudor, era apenas uma questão de tempo.

Na era Elizabetana, a apropriação do trabalho alheio através da tradução não era um ato desonesto como consideramos atualmente, aliás, era comum que essa apropriação tivesse o objetivo de importar valores e tornar as obras acessíveis a ponto de alcançarem um vasto público. Inclusive há até indícios que demonstram que o tradutor reivindicava a obra que traduzia como sua (WEISSBORT; EYSTEISSON, 2006).

A propósito, as obras traduzidas ganhavam autoridade de tal maneira que William Shakespeare, principal referência do cânone literário inglês, bebia na fonte de traduções clássicas, a exemplo das realizadas por Thomas North (1535-1602). Além disso, o dramaturgo inglês teve como grandes referências para a construção dos seus dramas os formatos que haviam sido instituídos nessas traduções, como o formato das peças com cinco atos ou dos solilóquios. Segundo Weissbort e Eysteinson (2006), North foi fundamental para as criações Shakespearianas, já que o autor não apenas criava personagens e temáticas com base em suas traduções, como também plagiava seus textos, acrescentando apenas “alguns toques significativos”.

Além disso, era normal que, em vez de grandes reflexões sobre a atividade tradutória, aparecessem, nos prefácios de traduções do período elizabetano, sinais que reverenciavam a aristocracia inglesa. Há, em alguns prefácios das obras traduzidas por North, uma clara exaltação e dedicação à corte, referências evidentes de que o tradutor estava a serviço da rainha. Chapman (1559-1634), cujas traduções de Homero são referenciadas por John Keats no período romântico inglês, é um dos poucos da época que reflete sobre a atividade tradutória em si, e quando o faz, dá indicativos de desprezo à tradução literal e declaradamente defende que só a licença poética poderia adornar o texto traduzido, claramente com o objetivo de exaltar a língua vernacular.

Outra questão relevante sobre esse período é que, naquele momento, a América já havia sido invadida por Cristóvão Colombo. Portanto, paralelamente ao projeto de ascensão cultural das nações europeias, havia “um novo mundo” que carecia de significação e que, por consequência, seria simbolizado através da tradução. Conforme Cheyfitz (1991), essa interpretação é atravessada pela tradução, porque são as línguas europeias que reproduzem a imagem dos índios

americanos sob o olhar dos donos de escravos, um ponto de vista que implica a imanente subserviência do outro e que subscreve o projeto do imperialismo.

Colocando ambas as interrelações culturais em contraste, nomeadamente, a relação entre a cultura inglesa e as culturas clássicas *versus* cultura inglesa e as culturas ameríndias, percebemos que o projeto inglês foi duplamente invasivo; ora, se por um lado o apagamento da cultura do outro se dá pela apropriação das tradições clássicas, em um movimento que quase se configura como uma usurpação cultural em prol da elevação do *status* da língua, por outro, há um projeto que pretende definir o novo mundo das américas por meio de uma exotização identitária, que descreve o índio sob o olhar do europeu.

Assim, embora a intenção tradutória das obras clássicas se assemelhe à lógica de tradução romana dos gregos – quando os retóricos como Cícero e Horácio, usaram a tradução como um projeto de apropriação e deslocamento do grego para o latim –, o plano inglês parece um pouco mais capcioso, no sentido de que o claro apelo à tradução livre dos tradutores da época se dava exclusivamente para difundir a ideia ilusória da transparência, ou seja, de fazer parecer que uma obra clássica havia sido escrita em inglês.

Em síntese, para os romanos, a lógica de tradução acompanhava a lógica da imitação porque se pretendia elevar o latim ao mesmo nível do grego. Já para os ingleses, a elevação da língua se ancorava na reprodução da ilusão e da invenção tradutória, chegando a tal ponto que a domesticação dos termos deslocava as especificidades culturais romanas para um contexto genuinamente inglês. Esse era um propósito que, segundo Venuti (1995), assegurava a origem nobre dos ingleses e produzia um efeito que sutilmente associava a origem da Inglaterra à origem de Roma.

Assim, a relação com os povos ameríndios, referências dos europeus em geral (não apenas dos ingleses), principiava o movimento civilizatório e colonizador que lançou suas bases com a subordinação dos nativos das Américas, homogeneizando a cultura de povos de mais de 2.000 línguas diferentes, que foram relegadas a um patamar inferior. Essa foi uma trajetória puramente ideológica, em que os europeus traduziram o novo a partir de percepções muitas vezes fantasiosas sobre o diferente, pois nem europeus nem índios faziam ideia sobre a língua do outro:

De fato, se relemos a entrada do diário de Colombo, na qual o termo *caníbales* aparece pela primeira vez, podemos entender que a figura do canibal, longe de ter o significado legítimo da cultura americana nativa em particular, tem a figura do outro representada na figura ficcional do antigo europeu, o devorador de homens, o antropofágico (literalmente, "devorador de homens"), denominada por Colombo e, assim, assumindo uma aura de precisão etnográfica ao longo dos anos, que se deslocaria gradualmente nas línguas ocidentais (CHEYFITZ, 1991, p. 43, tradução nossa).³⁰

A palavra 'canibal' ilustra como os europeus utilizaram o deslocamento tradutório como recurso retórico para disseminação de conceitos que firmavam a oposição entre o homem 'civilizado' e os 'selvagens' do novo mundo. Em um estudo profundo sobre a problemática da tradução e as poéticas do imperialismo, Cheyfitz (1991) considera a "*A tempestade*" de William Shakespeare uma obra chave para a compreensão desse deslocamento na literatura inglesa. Calibã, nome que supostamente faz referência ao termo Canibal, seria a referência retórica mais clara da dominação imperial na literatura inglesa e aparece na história como um ato colonial e imperial de tradução.

A relação anagramática que Cheyfitz (1991) estabelece entre a palavra Canibal e o nome do personagem de Shakespeare (*Caliban* em inglês) revela o enredamento da relação colonial, em que o colonizador tem a necessidade de absoluto controle do colonizado, ora porque o colonizado representa um vínculo que significa a sustentação das bases da civilização europeia ora porque é preciso estabelecer parâmetros de comparação entre o que seria bom e o que seria ruim, relegando o papel inferior ao colonizado.

Esse imbricamento cultural evidencia, através do discurso colonialista, os incipientes eventos que podem ter legitimado a usurpação da identidade cultural do colonizado, que foi estigmatizado por uma simbologia de exotização e de inferiorização durante séculos.

2.3.2 O período Agostiniano e o nascimento da lógica de domínio cultural inglês

³⁰ *In fact, if we reread the entry for Columbus's journal in which the term caníbales appears to the first time, we can understand that the figure of the cannibal, far from being the legitimate signifier of a particular Native American culture, is the figure of another, earlier European man-eating figure, or fiction, that of the anthropophagite (literally, "man-eater"), which Columbus term, taking on the aura of ethnographic accuracy over the years, would gradually displace in Western languages (CHEYFITZ, 1991, p. 43).*

Na altura em que se principia a colonização, a língua inglesa já alcançara um nível elevado, tendo a reforma protestante, o renascimento e a literatura shakespeariana contribuído intensamente para sua ascensão e florescimento. Entretanto, faltava um projeto político (consequentemente religioso naquele período) que solidificasse a opinião pública. Essa foi uma das razões que impulsionou o rei da Inglaterra para um outro importante empreendimento tradutório que atestava sua força política: a bíblia.

Assim, como um projeto de controle, James I decide criar uma versão autorizada da bíblia³¹, porque essa seria uma forma de conter as visões radicais que estavam a surgir, visto que, após a reforma protestante, a Inglaterra ainda não havia adquirido uma unicidade em suas práticas religiosas:

Já não se reconhecia a força do catolicismo, como Elizabeth havia assegurado. Contudo, os protestantes ainda estavam politicamente divididos, pois, embora a grande maioria dos clérigos, os de maior influência, rejeitassem Roma e muito daquilo que consideravam dogma católico, ainda desejavam manter boa parte dos símbolos e rituais da Igreja Católica com um compromisso verdadeiramente inglês. Entretanto, no flanco oposto do protestantismo, havia um pequeno grupo vociferante de puritanos que rejeitava toda a ideia de pompa e de cerimonial (FREEDMAN, 2016, p. 143, tradução nossa)³².

Nesse sentido, o discurso que impulsionou a criação de uma versão oficial inglesa da bíblia foi claro em reiterar a necessidade de unir a Inglaterra, pois uma versão vernacular acessível ao povo colocaria em causa o descuido da igreja católica e, dessa forma, confirmaria o propósito inclusivo do rei. Tanto é que o argumento do prefácio dessa nova versão da bíblia é quase todo construído com base em simbologias que defendem a tradução como um ato que promove esse espírito de união, a exemplo de afirmações como: “é a tradução que abre as janelas para a luz entrar” ou “aquela que quebra a casca para comermos o miolo”³³.

³¹ A versão autorizada (The authorized King James version of the bible) surgiu após uma conferência em Hampton Court (1604) que reuniu cinquenta e quatro estudiosos para revisar a versão existente da bíblia em inglês e torná-la oficial.

³² *The Catholics were no longer a force to be reckoned with, Elizabeth had made sure of that. But the Protestants were sharply and politically divided. The vast majority of churchmen, those who carried the greatest influence, rejected Rome and much of what they perceived as Catholic dogma, but they still wished to retain many of the symbols and rituals of the Catholic Church. Theirs was a truly English compromise. On the opposing flank of Protestantism was a small vociferous band of Puritans, who rejected all hint of pomp and ceremonial* (FREEDMAN, 2016, p. 143).

³³ Cf. Weissebort e Eysteinson (2006, p. 116)

A versão oficial da bíblia de King James é tão importante que ainda hoje ela é considerada uma das mais admiráveis obras da literatura inglesa, tamanho é o requinte que se aplicou ao processo. Isso corrobora todo o propósito de tradução iniciado no período de transição para a era moderna, incluindo a ideia de consolidação e expansão da língua inglesa. Foi também retomado nesse período o mito da origem do povo inglês, em que se alude aos bretões e à lenda do Rei Arthur. Segundo as palavras de Brownlow (1991, p.115), esse mito foi usado na era elizabetana como “modelo de soldado anti-católico” e profético fundador do império britânico, destinado a suprimir Roma.

Um pouco mais adiante, no período de transição dos séculos XVII para o XVIII, ascende a época agostiniana na Inglaterra, uma referência à era de ouro da literatura latina. Não por coincidência, esse é um momento também de ascensão e de melhoria da sociedade inglesa, em que se almeja o progresso e o conhecimento.

Para Milton (1998), a ressignificação da cultura inglesa só podia ter seguido o padrão clássico, modelo de referência para as comunidades europeias. Assim, conforme o que houvera sido estabelecido já em meados do século XVI, a atividade de tradução permanece um instrumento de autoafirmação, sendo que, dessa vez, parece haver um reconhecimento maior dos poetas tradutores sobre a riqueza e a elegância da literatura clássica.

Essa explícita retomada dos modelos clássicos converte-se em inspirações para uma reflexão mais teórica sobre a tradução literária, já havendo ali indícios de um aprofundamento sobre a atividade e reconhecimento de sua complexidade inerente. Isso não quer dizer que a partir de então tenham surgido as primeiras teorias, pois esse caráter científico só será assumido a partir do século XX, mas que já há o estabelecimento de reflexões mais direcionadas para a prática da tradução literária, como encontramos em John Dryden, no final do século XVII, ou em Alexander Pope, no começo do século XVIII, ambos poetas conhecidos pelas traduções clássicas.

Entretanto, é importante lembrar que as preocupações desses tradutores acompanham o espírito do tempo, ou seja, mesmo que tivessem um certo aprofundamento sobre a complexidade do trabalho tradutório, os princípios tendem a seguir normas que se justificam pelo contexto histórico em que são produzidas.

Isso significa que, embora Dryden coloque em causa o conhecimento do tradutor, a qualidade do original e as questões relacionadas à fidelidade, refletindo até sobre a importância da tradução para o enriquecimento cultural de uma nação, ou Alexandre Pope pense sobre o equilíbrio que deve existir entre a liberdade de traduzir e a equivalência tradutória, em síntese, ambos acabam por engendrar soluções que vão culminar na domesticação de termos, com a intenção de produzir a sensação de que a obra era originalmente inglesa.

Segundo Venuti (1995), nessa época, as traduções, bem como as reflexões sobre a atividade, seguiam o parâmetro da domesticação porque havia um apelo explícito para o estabelecimento de um cânone. Esse cânone foi paulatinamente construído para arquitetar uma primazia cultural, já que, como dito anteriormente, para a sociedade inglesa, o apreço pela fluência significava o apreço pela afirmação de uma identidade nacional e, por consequência, um descomprometimento com os valores culturais alheios.

As considerações de Venuti (1995) se confirmam quando pensamos, por exemplo, sobre os parâmetros instituídos por Tytler³⁴ (1790) naquela que é considerada a primeira obra inglesa dedicada exclusivamente à atividade da tradução. Há nesses princípios, como nos prefácios de Pope e Dryden, algo que favorece uma reafirmação da cultura inglesa e que sinaliza os primeiros passos para a construção de um *status* hegemônico.

Expandindo ainda mais a constatação de Venuti (1995), os princípios coloniais e a simbolização tradutória que atravessam o movimento colonial também confirmam toda uma intenção de domínio que engendrou a lógica assimétrica da tradução. Assim, a assimetria nas relações culturais, embora tenha sido contornada de forma inconsciente, materializa-se no discurso sobre a tradução de forma consciente, pois a defesa da liberdade e da tradução livre na época Agostiniana é a mesma tutelada pela França na determinação do conceito das belas infiéis (*les belles infidèles*), lembrando que o argumento das belas infiéis segue um padrão de elevação da língua vernacular semelhante ao dos ingleses.

Essa insistência de ambas as civilizações em robustecer a cultura através da tradução pode ser analisada como passos embrionários para um projeto

³⁴ I. A tradução deve dar uma transcrição completa da obra original; II. O estilo e a maneira de escrever devem ter o mesmo caráter do original; III A tradução deve parecer como se tivesse sido escrita originalmente naquela língua. Cf. (MILTON, 1998, p; 37)

colonizador. Ou seja, defender uma tradução que cause impressão semelhante ao discurso da língua de partida, mas com clareza e sem obscurantismo na língua de chegada, tem razões óbvias na autoafirmação identitária da Inglaterra e da França, e isso parece ter culminado em um discurso colonial que prevalece nas relações culturais atualmente. Para os ingleses e franceses, a essência da tradução etnocêntrica e a captação do sentido significam a afirmação da primazia da língua. Encerra-se, portanto, a ideia de que existe uma língua mais absoluta, mais ideal e mais racional que outra.

Na contramão dos discursos inglês e francês sobre tradução que, de forma intensa, procuravam meios de consolidar sua cultura e sua língua entre os séculos XVII e XVIII, as reflexões que brotam na Alemanha no final do século XVIII e início do século XIX representam um apreço diferente pelo outro. Não é que a Alemanha não tivesse a intenção de consolidar sua cultura como as outras nações europeias, pelo contrário, desde Martinho Lutero, a cultura alemã alcançou proporções históricas gigantescas, vide a incidência mundial de sua literatura e filosofia, mas a forma como o discurso sobre tradução se delineou foi capaz de acomodar a cultura alheia sem o usual aniquilamento do outro.

Essa postura da Alemanha principia uma ambição tradutória (e literária) diferente, pois, no lugar da predominante elegância que caracterizava as criações livres e etnocêntricas da França e da Inglaterra, a ideia central era traduzir palavra por palavra como forma de restituir o sentido, ou seja, as formas morfológicas e sintáticas da língua do outro deveriam permanecer, porque havia crenças de que a língua alemã seria a porta de entrada para o pensamento universal.

O valor universal ali proposto ia intencionalmente de encontro à tradição francesa e era uma maneira de expressar a subversão e a autenticidade da língua alemã diante dos franceses. A relação com o estrangeiro e o seu reconhecimento na tradução era o que elevaria o alemão ao nível do sublime, como podemos observar na tripla divisão estabelecida por Goethe (1749-1842) e explicada por Milton (1998, p. 65):

Primeiro haverá uma tradução simples e prosaica de uma obra a fim de familiarizar o público leitor com a obra estrangeira. A Bíblia de Martinho Lutero é um exemplo desse tipo de tradução. Depois, o tradutor irá se apropriar da obra estrangeira e escrever uma obra própria baseada nessas ideias importadas. Imitações e paródias entram nessa categoria, bem como muitas traduções francesas. [...] O terceiro tipo é a forma mais

elevada de tradução. O objetivo do tradutor é fazer uma versão interlinear, buscando deixar o original idêntico à tradução, mas ao mesmo tempo conservando-lhe a estranheza aparente.

Para os alemães do século XIX, a livre criação, que leva tudo a sua própria cultura e tem um olhar negativo para o estrangeiro, vai de encontro à traduzibilidade universal, porque nega a totalidade histórica e desrespeita a erudição estrangeira. Por essa razão, o pensamento alemão se caracteriza como uma espécie de vanguarda, vindo a ocupar espaço expressivo nas teorias de tradução, principalmente após a virada cultural.

Daquele período em diante, surgiram debates na Inglaterra sobre a possibilidade de adotar os preceitos estabelecidos pelos alemães, principalmente porque eles se opunham ao modo francês de traduzir³⁵. Assim, o estilo inglês procurou um intermédio entre a tradição francesa e a inovação alemã que surgia no século XIX, entretanto, apesar de alguns representantes do *translation criticism* insistirem na importância do cruzamento cultural para a tradução literária, a barreira da língua era quase impossível de ser rompida, pois havia um consenso elitista de que a linguagem acadêmica deveria se imbuir de um espírito nacionalista que atestasse a nobreza cultural inglesa.

Há um famoso debate entre o poeta Matthew Arnold e o professor de latim, Francis W. Newman, tradutor de várias obras clássicas, que atesta essa possível influência dos preceitos discutidos pelos alemães em Newman. Venuti (1995), inclusive, faz uma grande discussão, que comprova tanto o posicionamento anti-colonial de Newman quanto o anti-populismo de Arnold, típico da era vitoriana.

Newman parecia querer dar espaço para um espectro popular que foi considerado abominável por Arnold, inclusive porque havia um consenso de que a “alta” literatura não era para o povo. Além disso a tradução de Horácio por Newman foi uma tentativa de estrangeirização arcaica que gerou diversas críticas, sobretudo pelo *Quarterly Review* de Londres:

Esse apelo a um Horácio domesticado foi motivado por um investimento nacionalista na “força de nossa linguagem poética”. A versão de Newman foi “pervertida” porque não era inglesa: “ter que quebrar todas as nossas tradições inglesas para algo totalmente novo e inédito, ainda medíocre, é

³⁵ A França foi durante muito tempo uma referência na tradição da tradução e era a língua vernacular mais respeitada na Europa por essa tradição. Vale lembrar que essa tradição seguia uma tendência domesticadora (WEISSBORT; EYSTEISSON, 2006, p. 195-196).

uma demanda severa a ser feita pelo grande público que lê por prazer (London Quarterly Review 1858: 193 apud VENUTI, 1995, p. 127)³⁶

As críticas à tendência estrangeirizadora de Newman são o reflexo de um consenso ideológico construído a partir de excessivos preconceitos e certa arrogância por parte da elite inglesa. Esse espectro ideológico era caracterizado por um sectarismo ostensivo que propunha validar por literário apenas o que recebesse o aval das universidades de Oxford ou de Cambridge e assim era também o discurso de Arnold, que corroborava os princípios de Dryden, Pope e Tytler. Esse foi o discurso que ganhou mais força historicamente, com efeitos que se sobressaíram nas relações culturais e se conservaram até os dias atuais.

O discurso elitista gera gestos coercitivos que discriminam a diversidade, e, de uma maneira mais ampla, acabam por impor o autodesprezo na cultura alheia. É nesse sentido que a consolidação das línguas vernaculares europeias resultam em um processo de violação insuperável no período colonial, embora também se caracterizem como revolucionárias porque se firmaram enquanto projetos de culturas independentes da Roma Cristã. De qualquer forma, é a referência imperial de Roma, de domínio e de controle, que vai prevalecer no pensamento europeu quando do período da colonização dos continentes americano e africano.

O projeto imperial é antes de tudo um seguimento discriminatório, mas essa discriminação parte de uma condição histórica que vai muito além de uma determinação dualística entre quem é bom ou quem é ruim. Ou seja, a coerção pressupõe relações de poder diversas e são as causalidades históricas que vão transformar o discurso em uma ferramenta coercitiva. Uma prova clara disso é a maneira como se compreende o 'outro' pelas metáforas e perspectivas do próprio 'eu' através da tradução, pois não há uma representação mútua na qual o 'outro' se perceba e se aceite representado.

A literatura inglesa dos séculos XVI ao XVIII construiu progressivamente esse ideal elitista e foi pautada em simbologias que tendiam a agigantar a sociedade inglesa como um protótipo de perfeição, fundamentado na construção de um ideal de prosperidade cristã, inclusive em oposição aos ideais católicos de

³⁶ *This call for a domesticated Horace was motivated by a nationalist investment in "the strength of our poetical language." Newman's version was "perverted" because it was un-English: "to have to break up all our English traditions for something utterly novel and yet mediocre, is a severe demand to make from the great public which reads for pleasure" (London Quarterly Review 1858:193) (VENUTI, 1995, p. 127).*

vida monástica, para dar lugar a princípios que se voltassem à prosperidade individual (WATTS, 1990).

Essa construção simbólica não apenas se firmou no pensamento do povo inglês, como se instituiu como axioma das sociedades coloniais, tornando-se verdades propagadas, o que explica por que o olhar do colonizado sobre si mesmo se amortizou diante das imposições do império inglês. Não era que a literatura produzida na Inglaterra deixasse explícita a ganância sob a qual a sociedade inglesa futuramente solidificaria seus propósitos imperiais, mas os valores de prosperidade estavam associados a uma construção imaginária autorizada pela literatura, que, por sua vez, engajava-se em reproduzir um espírito nacionalista.

Há uma literatura no século XVI que planeja uma sociedade perfeita, avessa ao dinheiro e à exploração; uma sociedade que, no lugar do controle do capital, teria como a camada mais alta os intelectuais e os homens das letras, esse é o caso de *Utopia* (1516) de Thomas More. No século XVIII, *The Desert Village* (1770) de Goldsmith também é outro exemplo que revela desconforto ao que se anunciava como ideais de consumo e de controle capital. Entretanto, prevalece a lógica da permissividade gerada por um espírito nacionalista, que conferiu aos ingleses uma autoridade discursiva, baseada no poder da palavra e na dimensão simbólica que ela alcança.

Poetas como Alexander Pope, já citado acima como importante tradutor do período Agostiniano, justificavam o percurso de exploração que se arquitetava na Inglaterra, dando inclusive autoridade a esse movimento, talvez porque se pudesse conjecturar sobre uma possível 'salvação civilizatória' para as colônias através do comércio de exploração:

Pope imagina que a *Pax Britannica* estabelecida pelo poder e comércio navais pode estabelecer um milênio global; [...] Ele até imagina que a humilhação da Espanha trará liberdade aos índios sul-americanos, há tanto tempo escravizados pelos senhores; mas a história lança uma luz amargamente irônica sobre essa esperança, pois uma consequência do Tratado de Utrecht foi o fato de a Grã-Bretanha obter o contrato de monopólio para o fornecimento de escravos da África para a América do Sul, um comércio brutal que floresceu nas décadas subsequentes do século XVIII. Longe de trazer a libertação, o comércio escravizaria incontáveis vítimas nos anos seguintes (WATTS, 1990, p. 110-111, tradução nossa)³⁷.

³⁷ Pope imagines that the *Pax Britannica* established by naval power and trade may establish a global millennium; [...] He even imagines that the humbling of Spain will bring freedom to the South American Indians, so long enslaved by the overlords; but history casts a bitterly ironic light on this hope, for one

Esse movimento que foi, por natureza, político e econômico, vinculou-se ao fator discursivo pois materializou toda uma ideologia de poder através dele. É a cultura da escrita europeia que prevalece diante da cultura oral dos nativos americanos, gerando no imaginário erudito inglês a constatação de que a eloquência herdada dos clássicos lhes outorgava o invólucro de salvadores.

Segundo Cheyfitz (1991), os invasores europeus traçaram o “Novo Mundo” com base em três pressuposições de sentido: a metafórica, a apropriada e a literal, e a partir do século XVI, a literal predomina, sendo capaz de explicar, no interior das propriedades políticas do discurso, o imperialismo cultural anglo-americano, pois, para o autor o sentido literal (objetivo) autoriza o imperialismo pela supressão dos níveis dialógicos.

No segundo capítulo, aprofundaremos a discussão sobre os níveis de sentido para entender como traduzir literalmente (pressupondo um sentido absoluto) resulta na violação da pluralidade linguística ao invés de aperfeiçoá-la, mas antes é preciso pensar sobre o percurso que transformou a tradução em uma ferramenta que autoriza o colonialismo cultural.

2.4 A efetivação das ideologias de consumo na Tradução Literária

A dificuldade de vincular os âmbitos da cultura e das artes com a expansão imperialista exige que situemos a arte num contexto mundial sólido. Nessa esfera, é necessário estabelecer uma relação entre colonização e controle que extrapole o plano geográfico para alcançar a experiência histórica e suas consequências (SAID, 2009). Por essa razão, entendemos, assim como Apter (2013), que a tradução deve ser o ponto de apoio crucial para escrutinar os resultados desastrosos/ou não de uma era que colocou a língua inglesa como a principal língua global: a língua franca do comércio e da tecnologia.

É uma realidade que a expansão da língua inglesa pelo mundo está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento econômico lançado pelos ingleses

consequence of the Treaty of Utrecht was that Britain obtained the monopoly contract for supplying slaves from Africa to South America, a brutal trade that burgeoned in the subsequent decades of the eighteenth century. Far from bringing liberation, commerce was to enslave countless thousands of victims in the years to come (WATTS, 1990, p. 110-111).

durante vários séculos. Assim, uma investigação que abrange o mercado literário no contexto anglo-americano não pode deixar de discorrer sobre os primórdios da industrialização, considerando seu reconhecimento na história mundial como marco da era moderna. Esse é o momento em que as descobertas científicas e ascensão da maquinaria passam a ludibriar a humanidade, fazendo até que ela chegue a supor sua superioridade diante das forças da natureza.

Na Era Vitoriana, ascende-se a economia da sociedade inglesa, colocando-a em estado de privilégio no panorama mundial. É, portanto, um período que tem forte incidência na produção artística da era moderna, em que surgem as tendências de dominação cultural ante as colônias e que, por sua vez, faz surgir um grande interesse pela tradução, com discussões que, mais tarde, servirão para o delineamento de uma literatura genuinamente inglesa e de uma teoria de tradução baseada nos preceitos de Dryden³⁸³⁹.

Com conturbação e a efervescência próprias de qualquer transição, as sensações de inquietação e de incertezas diante da conjuntura social eram latentes, pois havia uma série de questões político-filosóficas que estavam a surgir em meio a um momento de progresso. Teorias como Materialismo, Utilitarismo, Darwinismo e Marxismo se entrecruzavam com o puritanismo e o moralismo convencional. O progresso também caminhava lado a lado à pobreza, pois as classes trabalhadoras já sentiam o esmagamento dos artifícios da industrialização (WILSON, 1970).

Essa mescla de valores e de circunstâncias não impediu que a burguesia ascendente se estabelecesse e passasse a ditar padrões de comportamento, negando exageros e adotando hábitos que exigiam excessiva seriedade. A classe média vitoriana, de comportamento sóbrio e modesto, foi determinante para a produção literária e para a divulgação ideológica de valores que iam além do continente europeu.

³⁸ Segundo Drury (2015, p. 18, tradução nossa), a revista Blackwood's Edinburgh Magazine é a mais representativa desse período fértil de produção reflexiva sobre tradução. A autora avalia que grande parte dessas reflexões, "de desejo característico por pronunciamentos autoritários", influenciou profundamente a produção literária da Inglaterra.

³⁹ Curiosamente, é na Era Vitoriana que alguns tradutores passam a ter uma postura crítica sobre a domesticação excessiva das traduções clássicas dos períodos anteriores, a exemplo do já mencionado Newman, que, sem muito sucesso, tentou chamar atenção para uma política cultural de tradução mais democrática (VENUTI, 1995).

Assim como ocorreu com a Inglaterra, a prática política estadunidense se pautou pela ideia de um *Imperium* cultural, mas as condições que permitiram que os Estados Unidos difundissem os seus valores progressistas só vieram ocorrer mais tarde, com mais intensidade após a segunda guerra mundial. Fato é que os Estados Unidos sobrepujaram outras nações europeias nessas relações ideológicas, uma vez que seu poder bélico se agrupou ao poder cultural (SOARES, 2017).

Os Estados Unidos, na realidade, são o reflexo da concepção de mundo moderno que prevalece atualmente; também podemos dizer que essa sociedade é o resultado da tese da modernidade perpetrada durante longos anos pela Inglaterra e por outras nações europeias. Afinal, no período de colonização do continente americano, a imersão da ideologia hegemônica se alastrou de tal forma que adentrou, inclusive, no imaginário dos mais fervorosos revolucionários americanos. A própria independência dos Estados Unidos em 1776 havia tomado para si os valores burgueses que emergiam na Europa do século XVIII.

Assim, embora os Estados Unidos vestissem a roupagem de proclamadores da liberdade, essa liberdade se condicionou a uma negação subserviente; ou seja, negava-se pedindo permissão. Isso significa que o imaginário da sociedade americana se pautou pela condição de ex-dominados transformados em dominadores, para naturalizar o domínio cultural sem que fosse possível esquecer-se do seu antigo soberano, a Europa, e esse domínio cultural de enquadramento ideológico só se tornou possível a partir da força da língua inglesa.

A língua inglesa é a principal estratégia de ocidentalização do mundo e carrega o emblema de disseminação do progresso e de princípios de igualdade. A expansão colonialista que se estendeu do século XIX ao começo do século XX é a causa mais importante dessa realidade, fazendo a cultura da língua inglesa ocupar lugar privilegiado na cultura moderna ao deixar vestígios consideráveis até os dias atuais:

Inegavelmente, a razão mais importante é o fato de que a Inglaterra foi o país mais bem-sucedido na expansão colonialista. Estima-se que, por volta de 1921, um quarto da população mundial estava sob o poder do trono inglês. Os ingleses podiam se gabar de que sua bandeira tremulava sob um território tão vasto que nele o sol nunca se punha (RAJAGOPALAN, 2010, p. 22)”

Said (2009) revela a força do imperialismo cultural inglês e suas influências nos hábitos e opiniões do colonizado sobre si mesmo e sobre o próprio colonizador. Repensando a tradição canônica, atenta-se ao processo de expansão mundial do imperialismo europeu, pois, para ele, não há nação que não tenha sido influenciada por esse movimento imperial:

Juntas, a Grã-Bretanha e a França controlavam territórios imensos: Canadá, Austrália, Nova Zelândia, as colônias na América do Norte e do Sul, o Caribe, grandes extensões na África, Oriente Médio, Extremo Oriente (a Grã-Bretanha ainda conservará Hong Kong como colônia até 1997) e a totalidade do subcontinente indiano – todos eles caíram sob o domínio inglês ou francês, e depois se liberaram. [...] Esse tipo de domínio ou posse lançou as bases para o que, agora, é de fato um mundo inteiramente global. As comunicações eletrônicas, o alcance mundial do comércio, da disponibilidade dos recursos, das viagens, das informações sobre os padrões climáticos e as mudanças ecológicas unificaram até mesmo os locais mais remotos do mundo (SAID, 2009, p. 37-38).

Em 1800, as potências ocidentais já dominavam 35% do globo e, em 1914, essa ocupação já se estendia aos 85%. O poderio sem precedentes do império britânico, em conjunto com outros impérios, foi capaz de unificar o mundo. Said (2009) busca entender o que isso significa para as interpretações de obras culturais, tendo em vista a representatividade da cultura europeia e posteriormente da cultura norte-americana, que fizeram ascender os ideais ocidentais, tornando, sobretudo, as grandes metrópoles imperiais grandes centros de referências culturais.

Havia um anseio de se tornar o salvador branco, e essa era uma característica dos governos coloniais que habitava o imaginário popular do colonizador. Era difundido nas regiões dominadas que o desenvolvimento só seria possível com a ajuda dos países ocidentais. Assim, os colonos passaram a ter o controle do comércio, dos recursos naturais e de mãos-de-obra recolhidas daqueles países sobre os quais tinham controle; no entanto, esse domínio não favoreceu o desenvolvimento das colônias, mas extraiu grande parte da sua riqueza para potencializar as suas metrópoles; não é à toa que hoje a Inglaterra e os Estados Unidos encontram-se entre os mais prósperos países membros da *Commonwealth*⁴⁰.

⁴⁰ A Commonwealth é uma associação voluntária de 53 estados soberanos e abriga 2,4 bilhões de pessoas, incluindo as economias avançadas e os países em desenvolvimento. Trinta e um dos membros são pequenos

Embora a questão aquisitiva e a concentração de bens sejam relevantes para a compreensão dos efeitos do imperialismo, as questões ideológicas são fundamentais e possibilitam nosso entendimento sobre as relações que se estabeleceram entre as culturas, com efeitos na atualidade, no sentido de perceber por que a autoavaliação dos povos colonizados sempre incidiu na negatização dos padrões culturais de sua própria comunidade e na extrema valorização dos comportamentos e hábitos do outro ocidental:

Nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos *precisam* e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação: o vocabulário da cultura imperial da cultura oitocentista clássica está repleto de palavras e conceitos como 'raças servis' ou 'inferiores', 'povos subordinados', dependência', 'expansão e 'autoridade'. E as ideias sobre a cultura eram explicitadas, reforçadas, criticadas ou rejeitadas a partir de experiências imperiais (SAID, 2009, p. 43, grifo do autor).

Houve, dessa forma, uma violenta imposição discursiva ante os povos dos países colonizados e, sem apontar culpados, é evidente que a divinização e supervalorização da cultura branca se alastrou pelo mundo em grande escala. É importante lembrar que alguns fatores podem esclarecer essa questão, a exemplo da territorialização linguístico-cultural.

Segundo Niranjana (1992), as razões do domínio imperial são translacionais (ou traducionais). A ausência de consciência sobre as assimetrias existentes em várias formas de traduzir incide na representação do colonizado, que se justifica e se concretiza sob o prisma do domínio colonial, a tal ponto que o próprio dominado brada por esse domínio, como foi o caso do exercício de autoridade inglesa na Índia e em alguns países africanos.

O clássico discurso filosófico engendrou a prática da tradução colonial e o contexto colonial acabou por apoiar e produzir valores econômicos que circunscreveram o próprio discurso filosófico ocidental. No entanto, a violência das imposições ocidentais não é transparente na divulgação do discurso filosófico. O lucro foi o propulsor do domínio, o atrativo que possibilitou o progresso das

metrópoles. Foi pelo lucro e para o lucro que os impérios ocidentais empreenderam suas forças.

Nesse sentido, povos subjugados e considerados inferiores também favoreciam a contaminação da lógica imperial:

Havia um comprometimento por causa do lucro, e que ia além dele, um comprometimento na circulação e recirculação constantes, o qual, por um lado, permitia que as pessoas decentes aceitassem a ideia de que territórios distantes e respectivos povos deviam ser subjugados e, por outro, revigorava as energias metropolitanas, de maneira que essas pessoas decentes pudessem pensar no *imperium* como um dever planejado, quase metafísico de governar povos subordinados, inferiores ou menos avançados (SAID, 2009, p. 48).

É uma lógica construída por meio de narrativas coloniais e da exegese ocidental que pressupõe uma condição de verdade absoluta, sendo a tradução o instrumento mais propulsor desse encadeamento filosófico. As consequências das narrativas coloniais já refletem todo o esforço construído nos séculos XIX e XX, e, na era do letramento tecnológico, essas narrativas se pautam pelas demandas do mercado. Assim, o plano de dominação e de aniquilação da diversidade se concretiza.

Esses preceitos ideológicos são importantes para a discussão, porque a investigação enxerga a ideia da tradução literária para o inglês como extensão de um produto artístico em circulação, que, por consequência se transformará em objeto de consumo. A obra de arte traduzida é um produto que não é capaz de se esquivar das circunstâncias mercadológicas impostas no contexto atual.

A ideologia de consumo e seus fundamentos apontam para os elementos que enquadraram as obras selecionadas para análise nas demandas do mercado editorial e da indústria cultural, levando em consideração os vinte e dois os anos que separam as premiações e os diferentes contextos de publicação da tradução. É importante entender se as ressignificações linguístico-culturais influenciaram na repercussão das obras no contexto anglo-americano, considerando que elas foram traduzidas no contexto da modernidade, seguindo as normas estabelecidas por esse contexto.

Canclini (2000) entende que a modernidade, em níveis de mercado e cultura, constituiu-se em quatro movimentos básicos, nomeadamente a emancipação, a expansão, a renovação e a democratização. Esses movimentos, segundo o autor, motivam-se pelo lucro e se apoiam na ciência e no

desenvolvimento da indústria, sendo responsáveis por delinear um tecido social que induz a própria produção simbólica:

[...] a modernização econômica, política e tecnológica – nascida como parte do processo de secularização e independência – foi configurando um tecido social envolvente, que subordina as forças renovadoras e experimentais da produção simbólica (CANCLINI, 2000, p. 32).

O projeto emancipador da modernidade seria, para o autor, aquilo que deu propulsão à autonomia do indivíduo com relação aos preceitos dogmáticos, os quais já não se firmam em costumes e hábitos relacionados a religiosidades, mas pela racionalização das relações sociais. O movimento expansionista, por sua vez, fundamenta-se na tendência da modernidade de tomar posse da natureza, produzir e circular bens de consumo, o que claramente foi impulsionado pela industrialização e pelas descobertas científicas.

Já o movimento renovador abrange dois sentidos, um deles recai na ideia de renovação do sujeito a partir dos aperfeiçoamentos advindos de sua relação com a natureza e da ruptura com o sagrado, livre de qualquer imposição divina; enquanto o outro sentido se assenta na renovação da ideia de transitoriedade de signos que se esvaem, favorecendo a prática do consumo em massa. Por fim, há o movimento da democratização, o qual se inscreve na popularização da educação e na disseminação dos saberes, fator importantíssimo para o funcionamento do sistema mercadológico e da lógica do capital.

Para o sujeito consumidor de literatura mundial, há poucas frestas que permitem a fuga: ou se consome o que é fornecido pelo mercado editorial, ou se procura dominar todas as línguas, tarefa impossível para qualquer ser humano. Assim, os quatro movimentos sintetizam a lógica moderna de consumo que vêm se consolidando desde os primórdios da revolução industrial.

Segundo Casanova (2002), as leis que governam o mercado mundial da literatura são as mesmas leis que regem a economia. Para a autora, embora haja um certo esforço das “autoridades legítimas” em tornar o espaço da literatura o lugar do movimento dialógico da diferença, livre de preconceitos nacionalistas e de interesses políticos, essa é uma prerrogativa que não condiz com a realidade e que camufla a efetiva concretização do espaço literário, o qual se dá a partir de um “intercâmbio desigual”:

Ora, as obras vindas das regiões menos dotadas literariamente também são as mais improváveis, as mais difíceis de impor; conseguem quase milagrosamente emergir e ser reconhecidas. Esse modelo de uma República Internacional das Letras opõe-se à representação pacificada do mundo, em toda parte designada como globalização. A história (assim como a economia) da literatura, tal como a entenderemos aqui, é, ao contrário, a história das rivalidades que têm a literatura como objeto de disputa e que fizeram - com recusas, manifestos, violências, revoluções específicas, desvios, movimentos literários - a literatura mundial (CASANOVA, 2002, p. 26)

Assim, a literatura sempre pareceu estar vinculada aos legados culturais, e é sob essa égide que os cânones literários são estabelecidos. Além do aval das instituições acadêmicas e da crítica, o produto literário é subordinado a uma série de convenções que se encontram em um espaço cuja estrutura se define pelo julgamento do que é patrimônio nacional e de “textos literários reconvertidos em história nacional”.

Isso quer dizer que quanto mais antigo for o legado de uma nação, maiores são as condições para que esse legado seja denominado “nobre” ou “clássico” (CASANOVA, 2002, p. 29). Para Haroldo de Campos (1981), a convenção que constitui esse nacionalismo, o qual chamará de “nacionalismo ontológico”, é calcada pelo Logos nacional pontual e tem a tendência a ser logocêntrica, nos termos debatidos por de Derrida (1973). É um nacionalismo que tem por natureza a homogeneização cultural e obscurece a diferença.

Dessa forma, partimos da compreensão de que a lógica de consumo da modernidade está associada à construção desses preceitos uniformizantes e homogeneizantes, sejam eles sobre a literatura, sobre o sujeito, sobre a língua ou sobre as nações. Por essa razão, propomos, no próximo capítulo, uma discussão que reflita sobre o papel dos estudos de tradução e da literatura comparada na condução de uma produção literária discordante das convenções do mercado editorial mundial.

Por isso, entendemos que a análise das versões traduzidas para o inglês, nessa pesquisa, deva ser respaldada a partir da ampliação de valores intelectuais previamente estabelecidos; ou seja, a partir da projeção de uma teoria de tradução que reveja a diversidade e sugira uma ressignificação dos prospectos epistemológicos cristalizados, como é o caso das questões dualísticas que permeiam o objeto traduzido.

O reconhecimento da heterogeneidade dos signos abre espaço para que se dissolva a ideia do fato linguístico como uma entidade genuinamente simbólica e dona de um sentido único. Nesse sentido, uma concepção discursiva e de caráter pós-estruturalista pode se oferecer como o lugar de interpretações do “real” que transcendem o domínio da palavra pura para dar lugar a uma multiplicidade histórica própria do discurso e do seu acontecimento.

3. RELAÇÕES CULTURAIS E CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Na contemporaneidade, podemos dizer que existe um certo vazio que se reflete nas relações sociais conduzidas pelas regras do mercado. Esse suposto esvaziamento ocorre por meio da imposição de “verdades” que influenciam atitudes e pensamentos, em determinações que, por vezes, não dão espaço para a manifestação do crítico e do pensante. Ele é desencadeado pela força do sistema econômico, que impulsiona práticas ilusórias dentro de uma lógica de mercado livre, onde a disseminação da ideia de ‘liberdade’ de consumo não só influencia, mas determina o *modus operandi* do sujeito, que acaba por se tornar agente dessa ordem em todas as esferas da sociedade.

Dentro da lógica neoliberal, por exemplo, o discurso dominante torna-se o discurso do mercado, em que os homens de negócio assumem as vozes, e o mercado substitui até os princípios jurídicos e éticos - tudo isso sendo conduzido pela necessidade impositiva do lucro. Segundo Ianni (2010), trata-se de um processo de racionalização que predomina todas as esferas sociais do sistema capitalista, inclusive as atividades intelectuais.

O espaço para as artes torna-se, assim, quase exclusividade desse domínio, e é em busca de compreender esse esvaziamento que a tradução literária pode se converter em um *locus* de discussão sobre a questão ética na produção cultural e artística.

Desse modo, propomos uma ruptura a partir de reflexões que reforcem a ideia de que existem formas tangíveis de reler o que propõem as práticas discursivas dominantes, ao passo que, ao nosso ver, essas práticas nada mais são do que a naturalização e a legitimação de relações de poder. Dessa forma, tudo o que será discutido neste capítulo se baseia em temáticas específicas, com fins delimitados, mas pretende avançar na medida em que os conceitos forem sendo entrelaçados, em um movimento contestador e talvez contrariante.

As diversas formas de pensar a tradução literária na atualidade têm em comum a premissa das relações de alteridade que se estabelecem a partir desse processo. Há um discurso que incorpora o “outro” como alvo das reflexões críticas da teoria contemporânea da tradução, sendo a simetria das relações culturais uma das urgências que emergem a partir de tais reflexões.

A cultura é o lugar de se questionar as práticas tradutórias; tanto mais, quando se leva em conta o contexto das globalizações⁴¹, em que as demandas das sociedades hegemônicas (abrangendo as línguas dessas sociedades) prevalecem sobre a necessidade da equidade das relações culturais.

Não há como pensar a simetria cultural sem entender como os artifícios do mercado subsistem à mercê do contexto econômico, político e social. Isso significa que precisamos nos voltar para a produção artística, compreendendo sua subordinação à força do mercado e sua adequação a interesses lucrativos, em que os agentes incentivadores gerenciam as vendas e administram as demandas.

A tradução literária está longe de ser uma exceção a esta regra. Portanto, a discussão aqui se apropria da questão da (as)simetria cultural para dissecar a temática das relações tradutórias no interior das limitações que lhe são inerentes, centrando-se na palavra traduzida e nos 'equivocos' que ela suscita, como forma de reconhecer as infinitas possibilidades que se manifestam em um texto literário. Não menos importante é ponderar sobre o modo como o próprio descerramento das obras literárias está subordinado à manipulação do mercado editorial e a suas políticas.

O discurso da tradução foi se instituindo historicamente no interior das negociações diplomáticas e comerciais, por isso é necessário entender por que o imaginário popular e o mercado permanecem se retroalimentando de uma ideia restritiva de tradução, relegando-a ao papel de cópia de um suposto original. Entender como essa atividade vem sendo consolidada nos meios de divulgação da arte literária significa compreender que a cultura se constitui a partir de sistemas econômicos que se influenciam no contorno de todas as tensões e conflitos que ocorrem no mundo.

Na atualidade, a globalização, os meios de comunicação e de divulgação ditam as regras para se difundir as produções artísticas, e isso atinge, por consequência, a transformação do imaginário cultural do mundo inteiro:

São produções musicais, cinematográficas, teatrais, literárias e muitas outras, lançadas diretamente no mundo como signos mundiais ou da mundialização. Difundem-se pelos mais diversos

⁴¹ Entende-se como globalizações a sociedade global que se concretiza no interior dos processos políticos, econômicos e culturais desenvolvidos em escala mundial (IANNI, 2010).

povos, independentemente das suas peculiaridades nacionais, culturais, linguísticas, religiosas, históricas ou outras (IANNI, 2010, p. 120).

O panorama dos imperativos do mercado mostra que a cultura se subtrai à mera reprodução de conceitos, tendo funções específicas, como a satisfação dos desejos. Quando o objeto cultural (a produção artística) se torna funcional, passível da realização de necessidades e desejos, a tendência é que ele caia no esquecimento e que, portanto, surjam outras novas produções artísticas capazes de satisfazer as mesmas ou outras vontades, contanto que essa satisfação não insinue longa duração ou permanência, porque o durável não interessa ao mercado.

Levando isso em conta, compreendemos que o processo de tradução aliado aos interesses do mercado editorial está longe de estabelecer uma relação simétrica entre culturas, porque tem por meta inabalável garantir a boa venda e a boa recepção do produto traduzido na cultura alvo.

O mercado editorial assume um propósito controverso, pois ao mesmo tempo que impulsiona a invisibilidade do tradutor – concretizada na necessidade arrebatadora da fluência tradutória – declara preocupação com as diferenças culturais⁴². A verdade é que as editoras vislumbram o sucesso do produto e, como o reconhecimento das diversidades culturais vêm gradualmente crescendo, cresce também o interesse do público pelo “não usual”. Isso quer dizer que a visibilidade de uma cultura não hegemônica só se concretiza se houver um interesse do mercado, e o que interessa para esse mercado é a adequação aos interesses dos agentes da cultura receptora, responsável por moldar os textos e criar imagens de autores e culturas estrangeiras, enquadrando os autores e as obras em cânones literários.

No entanto, reconhecemos que as concepções sobre tradução variam e, muitas vezes, operam conforme a lógica funcional do contexto em que ela é produzida. Para os editores que se inserem no contexto anglófono, o tradutor precisa ter discernimento, domínio da linguagem, capacidade de transformar inspiração em uma obra de arte e, ao mesmo tempo, ser capaz de recriar a obra, tornando-a tão real, encantadora e poética quanto a obra fonte (PAUL, 2009).

⁴² Cf. PAUL (2009).

Partindo dessa discussão, podemos então afirmar que o apotegma italiano *traduttore traditore*, embora redutivo por taxar todos os tradutores de traidores, é contundente em sua conjetura, principalmente se considerarmos que a divulgação do pensamento sobre a tradução para o público comum de literatura analisa o bom tradutor como aquele capaz de transmitir fielmente o sentido do texto original. Ou seja, o tradutor literário trai porque é previamente traído. Há um discurso que mente ao estabelecer uma regra inalcançável que força o tradutor a enganar o leitor, sempre em busca de suprir a necessidade imperativa do sentido transparente.

Assim, ainda que as teorias da tradução tenham avançado significativamente quanto às rupturas com a rigidez da equivalência e da fidelidade, o imaginário coletivo permanece envolto em um discurso consensual sobre a atividade.

O discurso da tradução é uma junção de ideias que têm por base as afirmações do senso comum, que costumam circular em diversas esferas, contudo esses discursos advêm geralmente de posicionamentos aleatórios adotados sem exame crítico. Por essa razão, as editoras não têm interesse em divulgar a tradução como um trabalho de criação tão, ou mais, original que o próprio texto de partida. Além disso, a consciência sobre a tradução põe em risco o que há de mais relevante para o mercado na divulgação de uma obra literária: a sua autoria.

Isso se reflete, em geral, nas supostas exigências que o mercado pressupõe do público, a exemplo do que se sabe sobre o público anglo-americano, que, grosso modo, preza pela higienização da língua inglesa. A expectativa da clareza do sentido resulta hipoteticamente na dissipação de termos que causariam estranhamento na tradução, fato que nos remete à questão da fluência, como mencionamos no capítulo anterior (VENUTI, 1995).

Essa necessidade de um discurso limpo e higienizado procede das exigências da cultura aristocrática inglesa do século XVII – que apesar de ter sido desafiada a partir do surgimento do modernismo, no século XX, é o provável carro-chefe das normas das editoras anglo-americanas, que seguem o plano de uniformização cultural e da lógica moderna de consumo, acompanhando, por sua vez, os quatro movimentos da modernidade mencionados por Canclini (2000), como foi exposto no primeiro capítulo.

Como já afirmara Niranjana (1992), a tradução permite que as influências estrangeiras penetrem na cultura nativa se houver autorização e legitimação para isso, no entanto, como nem todas as línguas possuem o mesmo *status*, as línguas hegemônicas e de mais prestígio se sobrepõem culturalmente a outras, e a tradução acaba sendo um exemplo perfeito para ilustrar como o desejo ocidental se concretiza em sua audiência, numa espécie de empreendimento humano, tendo sua base e seu princípio no humanismo liberal.

3.1 O sentido como construção social e ideológica

A linguagem humana consciente só começou a se articular com a invenção do signo. Todas as espécies têm aparelhos e órgãos que executam tarefas de comunicação, mas somente a humana, em seu processo evolutivo, descobriu o potencial significativo de sua embrionária estrutura comunicativa, envolvendo gestos, barulhos, e depois criando o signo que desencadeou a realidade humana.

A realidade só é possível se for concebida através dos signos, e essa concepção da realidade está representada na cultura que a perpetuou e que a fez evoluir, não significando nada em si mesma, a não ser através dos signos culturais. A vida em sociedade não nos diferencia de outras espécies, mas a vida em sociedade gera cultura, algo que só existe por força da significação, ou seja, pela compreensão e conscientização do signo; e a espécie humana, por sua natureza inerentemente social, foi a primeira a dar este salto evolutivo dentro do universo e da vida.

A filosofia ocidental sempre procurou dar fundamentos às questões da linguagem. Os filósofos, Aristóteles e Platão, entre impasses insolúveis e aporias, refletiram sobre essas questões de maneira diversa. O essencialismo de Platão assumiu que a linguagem só teria valor quando expressasse o verdadeiro ou o bem, a exemplo do Górgias, cuja crítica recai no questionamento sobre a retórica e sobre o papel dos sofistas por não terem um compromisso moral com a linguagem. Aristóteles, por sua vez, não via a linguagem como algo natural, tampouco convencional, já que o significado, segundo o filósofo, deveria se realizar na relação entre mente e realidade, sendo o natural e o convencional aspectos relacionados ao signo linguístico e à mediação mental.

Na escolástica de Aristóteles e, posteriormente, na ciência positivista, houve uma tendência de se interpretar o mundo e os fatos com base em percepções aparentemente inequívocas, uma concepção de realidade que apenas pressupõe a efetivação de um conjunto homogêneo predeterminado por uma lógica que não dá espaço para as contradições, ainda que útil e necessária ao sujeito pragmático.

Séculos se passaram, e a trajetória dos estudos ocidentais da língua ainda se elabora em definições costumeiramente voltadas ora para a forma ora para a função, apesar de se reconhecer que a escolha de uma dessas definições resulta no desamparo de uma das particularidades da língua. No século XX, Saussure (1916) procurou delimitar o objeto língua para lhe conferir a condição de ciência. Ao entender que a complexidade da língua se encontra em suas qualidades dicotômicas, o teórico resolveu definir um ponto de vista e chamá-lo de sistema, não se interessando pelos processos evolutivos relacionados à língua e nada em seu estado precedente.

Sem separar a língua em suas qualidades dicotômicas e sem nos determos restritamente a conceitos provenientes de uma lógica sistemática que pressupõe apenas duas perspectivas possíveis – como fizeram os estudos da linguística ao longo de boa parte do século XX – nossa pesquisa toma por base as considerações sobre a ciência, o sujeito, a língua e seus contornos sociais nos constituintes próprios do discurso: o acontecimento, no interior da tensão existente entre a interpretação e a descrição das estratégias e dos processos tradutórios (ou translatórios).

Disso decorre a necessidade de discorrer sobre os elementos que circundam a realização dos enunciados do texto fonte e sua relação com o texto alvo, atentando-se para os elementos e eventos relevantes que contornam o momento de sua ocorrência. Assim, são necessárias algumas considerações sobre o que pode surgir de uma formulação enunciativa, incluindo a sua capacidade de se sobrepor ao próprio acontecimento.

Bakhtin (2012) afirma que a expressão da palavra dentro de um ato enunciativo qualquer está agregada a pelo menos dois sujeitos (eu e outro), revelando o que há de mais natural numa situação comunicativa, porque nega não apenas a ideia de um só dono da palavra dita, mas relaciona intimamente os conceitos subjetivos e ideologias pessoais à própria noção de conjunto.

As reflexões de Bakhtin sobre a palavra se caracterizam por levarem em conta sempre uma propriedade ideológica. No domínio da literatura, é possível afirmar que a ideia de autoria aceita a existência de um suposto dono do discurso, embora seja fato que o discurso vem marcado por representações não individuais que o caracterizam, sendo essas representações determinadas pelas pressões sociais ou pelo contexto de uma situação qualquer. Deste modo, entende-se que a palavra do “eu” se constrói mutuamente com a palavra do “outro”.

Foucault (2008), por sua vez, reflete sobre a relação dos signos e a sua função enunciativa, reconhecendo que as determinações de sentido vão muito além das estruturas sintagmáticas ou da acomodação material das palavras. A palavra disposta fora de sua função enunciativa depende de diversos fatores que condicionam seu valor semântico, porque obedece às correlações entre o enunciado e os possíveis espaços vazios (as diferenças) que demarcam esse enunciado.

Para Todorov (2013) é clara a existência de uma motivação primária que determina a decisão interpretativa, já que não há indícios particulares e globais que obriguem qualquer interpretação.:

Para dar conta do processo interpretativo, deve-se propor, de partida, que a produção e recepção dos discursos (portanto, dos enunciados e não das frases) obedeçam a um princípio de pertinência bem geral segundo o qual, se um discurso existe, deve mesmo existir uma razão para isso (TODOROV, 2013, p.30).

Essa motivação se configura por princípios norteadores de um conjunto de normas que constituem a verossimilhança cultural.

Assim, o sentido subordina-se a questões ideológicas e deve ser debatido a partir da história e das ideologias que lhe atravessam, sem que seja submetido exclusivamente a parâmetros subjetivos. É por essa razão que um dos pontos de partida significativos para o desenvolvimento dessa reflexão tende a compreender a condição da palavra em si mesma.

A literatura, em seu desígnio de criadora, é capaz de sobrepujar a convencionalidade social do sentido e de oferecer ao leitor infinitas possibilidades de interpretação. Essa prerrogativa atravessa o postulado estruturalista, que estabelece a existência de uma relação arbitrária entre o significado e o significante, e chega ao pensamento dos teóricos pós-estruturalistas sobre o

discurso, que pensam a linguagem pelos modos de relacionamento entre o ser e sua realidade em condições de espaço e tempo.

Derrida (1973) afirma que qualquer significação metafísica ou racional perpassa e é amparada pela instância do *logos*. A constituição do *logos* não se restringiria naturalmente apenas ao sujeito e sua relação com o objeto, mas se estenderia para o universal, criando uma ordem de naturalidade a partir da linguagem falada. Nesse sentido, o *logos* seria estabelecido em sua relação com a alma⁴³, e isso daria origem ao que entendemos como relação simbólica convencional.

O pensamento basilar de Derrida (1973) gera questões mais profundas sobre a ordem da significação natural e sua relação com a história, a exemplo do que ele discute sobre as predeterminações históricas do próprio conceito de escritura e da ciência da escritura.

Derrida pensa sobre a ciência das escrituras e percebe as condições em que surgem as primeiras indagações sobre a necessidade de formular um projeto que considera as convenções produzidas a partir da linguagem falada e o estabelecimento de novas convenções na linguagem escrita, deixando muito claro que as razões para o surgimento da linguística e da gramatologia não foram fortuitas e que, no século XVIII, a ciência da escritura já se tornara a própria condição da episteme, abrindo o campo da história:

[...] a própria historicidade está ligada à possibilidade da escritura: a possibilidade da escritura em geral, para além dessas formas particulares de escritura em nome das quais por muito tempo se falou dos povos sem escritura e sem história. Antes de ser o objeto de uma história – de uma ciência histórica – a escritura abre o campo da história – do devir histórico (DERRIDA, 1973, p. 34)

Assim, do século XVIII em diante, sob a condição da possibilidade de pensar os objetos, a escritura se faz historicamente e de forma logocêntrica, sendo o centro inteiramente associado ao pensamento ocidental, considerando a tendência do pensamento natural a se relacionar com as formas e expressões da realidade europeia.

⁴³ Com base em Aristóteles, Derrida (1973) fala sobre a proximidade da alma com os sons, já que, em uma relação simbólica, ela seria produtora dos primeiros sons e dos primeiros significantes.

Como já foi amplamente discutido, a língua inglesa é um dos mais fortes exemplos do logocentrismo que, por meio da colonização e das missões coloniais, propagou e condicionou ideologicamente diversos conceitos, como os de representação, tradução e conhecimento. Do mesmo modo que a língua portuguesa teve sua força expandida pela colonização, firmando-se como a quinta língua mais falada do mundo.

Sob uma ótica dialógico-discursiva, a qual podemos chamar também de perspectiva etimológica, segundo a proposta de Apter (2006; 2013), o sentido de um texto, em seu caráter material não se dissocia de sua história e das ideologias que lhe atravessam, e, embora seja insubmisso ao sujeito, submete-se a determinações históricas e ideológicas, responsáveis por constituí-lo, o que provoca uma série de indagações a respeito das interpretações produzidas a partir da relação do histórico e do simbólico.

A palavra nativa e a palavra estrangeira orquestram as relações comunicativas que formam o progresso civilizatório. A palavra nativa é tão habitual, sem mistério, que só se torna emblemática quando proferida através de um estrangeiro; a palavra estrangeira, por sua vez, tem um grande papel organizador e desempenha esse papel “em todas as esferas de criação ideológica, desde a estrutura sociopolítica até o código de boas maneiras” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2012, p. 104).

É por estabelecer uma relação dialógica e de interdependência entre o nativo e o estrangeiro (eu e o outro) que a tradução converte-se em acontecimento, pois, na medida em que se estabelece uma relação recíproca entre autor, tradutor, leitor e o entrelaçamento do universal com o particular, desperta-se a consciência do leitor sobre si mesmo e sobre o seu outro.

A tradução foi capaz de reforçar as representatividades hegemônicas em prol de um essencialismo ocidental. No Renascimento, fora considerada nobre atividade de harmonização entre as pessoas, ficando conhecida, inclusive, como um “empreendimento humanístico de quintessência” (NIRANJANA, 1992, p. 47, tradução nossa). Na Europa moderna, a língua latina – língua dominante da cristandade – era a principal via de estreitamento de laços entre as nações que, até então, não haviam se consolidado como os países que hoje conhecemos.

A tradução para as línguas vernáculas se materializava, portanto, como uma ferramenta de disseminação de ideais cristãos, e tornava a acessibilidade das Escrituras a fonte de verdadeira fé.

Assim, as relações de sentido dialógicas⁴⁴ independem de distância espacial ou temporal. Autor, leitor e tradutor participam de ações comunicativas que condicionam a compreensão de suas verdades. O tradutor literário transforma-se nesse transmissor das verdades que interpreta, e seu papel é transitar entre dois universos, dentro das limitações que vão além de sua subjetividade.

Dessa forma, como proposta de subversão à imposição das verdades que aspiram à perfeita exatidão, levantaremos, no tópico a seguir, uma discussão sobre a necessidade de contestar a prática da transparência do sentido. A intenção aqui é revelar a forma como esse autoritarismo essencialista favorece o logocentrismo e o etnocentrismo, ditando normas de comportamento que uniformizam as relações sociais e as práticas de consumo.

3.2 A relação entre literatura comparada e tradução como experiência para uma análise sobre a pluralidade das línguas

Se antes da “virada cultural”⁴⁵, as concepções tradicionais da teoria da tradução, que se aproximavam de conceitos linguístico-cientificistas, ditavam as regras para a produção de uma versão essencialmente fiel ao seu texto original, a aproximação dos estudos da tradução aos estudos culturais (pós-coloniais) vai atribuir uma nova significação ao processo de tradução literária, considerando a amplitude dos conceitos que a própria crítica literária compreende. Segundo Niranjana (1992), o colonial se expande e atinge vários níveis discursivos, dentre eles os campos antropológico, filosófico, histórico, linguístico e literário:

⁴⁴ Embora o termo seja geralmente atribuído aos estudos de Bakhtin e Volochinov (2012), extrapolamos esses conceitos teóricos para conferir um valor mais amplo à palavra, considerando como dialógica toda e qualquer situação em que o discurso adquire valor social.

⁴⁵ As concepções tradicionais de tradução traziam a ideia da possibilidade de uma tradução essencialmente fiel ao seu texto original, mas a partir da década de 80, há uma ressignificação desses estudos que vai desmistificar as prescrições impostas à realização do trabalho tradutório. Os estudiosos participantes da virada cultural, além de observarem a relevância do contexto da cultura alvo para o trabalho tradutório, vão compartilhar a ideia de uma análise de tradução descritiva e não mais prescritiva, a partir de interesses em normas culturais que determinam a produção e a recepção da tradução (GENTZLER, 2009).

Já que as práticas de sujeição (subjetivação) implícitas no empreendimento colonial operam não apenas através do mecanismo coercitivo do Estado imperial, mas no discurso da filosofia, história, antropologia, filologia, linguística e da interpretação literária, o 'sujeito' colonial - construído através de tecnologias ou práticas de poder/conhecimento - é trazido à tona em múltiplos discursos e múltiplos lugares (NIRANJANA, 1992, p. 1, tradução nossa)⁴⁶.

Essa ampla compreensão do colonial, no interior das significações discursivas, implica a observação das interpretações que a cultura incita e suscita na análise literária/tradutória.

Apter (2013) aponta para a importância da conscientização sobre a política da intraduzibilidade, porque há nela implícita a relação filosófica que se materializa através das línguas e incide nos acontecimentos históricos. Citando a obra de Barbara Cassin intitulada *Vocabulaire européen de philosophies: Dictionnaire des intraduisibles*, lançado em 2004, a autora argumenta que o magnetismo ocidental é, e continua sendo, determinante para a produção de traduções literárias, e o resultado disso é a perpetuação de um essencialismo platônico que impõe verdades absolutas e até “matemáticas” sobre a linguagem.

O dicionário de intraduzibilidades, segundo Apter (2013), procura compreender as humanidades “traducionais/translacionais” (translational humanities)⁴⁷, cujas imperfeições atravessam questões de cultura, língua e centros de singularidade⁴⁸, e representa uma experiência particular na análise das pluralidades das línguas.

O fator humano é, portanto, colocado em evidência porque representa uma alternativa de se pensar o sujeito, uma vez que, na (pós)-modernidade, o sujeito se desconstruiu em vias diversas, tendo em vista as teorias discutidas por Heidegger, Lacan, Derrida e Foucault:

⁴⁶ *Since the practices of subjection (subjectification) implicit in the colonial enterprise operate not merely through the coercive machinery of the imperial state, but also through the discourse of philosophy, history, anthropology, philology, linguistics and literature interpretation, the colonial 'subject' – constructed through technologies or practices of power/knowledge – is brought into being within multiple discourses and multiple sites (NIRANJANA, 1992, p. 1).*

⁴⁷ As humanidades na tradução é um tema discutido também por Dilek Dizdar (2009), que, a partir de uma ampla discussão sobre tradução apropriada, pensa a teoria da tradução e sua relação com as humanidades de modo a revelar o caráter indisciplinar da tradução em aspectos que extrapolam o universo da linguística e da literatura. Para a autora, mais do que uma questão linguística, a tradução perpassa o campo da filosofia, da política e das relações sociais, o que resulta numa discussão sobre a ética propriamente dita.

⁴⁸ “Hubs of singularity”. Cf. Apter (2013, p.32).

[...] o tema da ontologia, assinalado com a marca X nas "Questões de ser" de Heidegger, ou pela retórica da diferença de Jaques Derrida, o sujeito lacaniano, linguisticamente falado e retoricamente desejado; "A morte do autor", decodificada em mitologias sociais e linguísticas, o sujeito foucaultiano, formalizado institucionalmente dentro de regimes de poder e conhecimento; o sujeito ético, localizado dentro de modelos de comunidade inoperante, ou saudado por lei; o tema rastreado de vigilância [...] (APTER, 2006, p. 26, tradução nossa).⁴⁹

Sem querer dar espaço para interpretação equivocada, que exultaria o possível surgimento de um sujeito neorromântico, com características individualistas e avesso ao coletivo, Apter (2006) sugere uma nova forma de pensar a 'vivacidade' humana e de dar uma apreciação mais ampla para o termo humanidade. Ou seja, as categorias divididas em setores, a exemplo das minorias, constituiriam apenas finalidades voláteis em análises literárias, porque atenderiam tão somente a premissas que não dariam conta do plano das línguas por si e suas relações espaciais, temporais, culturais e humanas.

Em meio à ascensão e evidência do espírito nacionalista dos pensadores europeus, entre os séculos XVIII e XX – pela celebração de valores e ideias que eram atribuídas às próprias culturas europeias em detrimento de outras culturas, como a asiática ou a africana – já havia uma resistência que enxergava o nacionalismo como algo secundário e transitório. Para os pensadores resistentes, como Goethe, o conceito de *Weltliteratur*⁵⁰ atribuía à literatura uma tarefa soberana, no sentido de que só ela permitiria o distanciamento das questões políticas e burocráticas para encontrar o que havia de semelhante entre os diferentes, sem que as individualidades se apegassem a diferenças nacionais (SAID, 2009).

Spitzer (1948 *apud* APTER, 2006, p.28) sugerira que, se os mistérios etimológicos fossem solucionados, essa descoberta poderia ser a chave para a transformação do significado do que seria "ir além", extrapolando o sentido, ou se permitindo transitar do 'sem sentido' para o 'com sentido'. Esse étimo humanista se

⁴⁹ [...] the subject of ontology, signalled with the X-mark in Heidegger's 'Questions of being', or by Jaques Derrida's rhetoric of difference, The Lacanian subject, linguistically spoken for, and rhetorically desired; 'the death of the author' subject, decoded in social and linguistic mythologies, the Foucauldian subject, institutionally formalized within regimes of power and knowledge; the ethical subject, located within models of inoperative community, or hailed by Law; the screened subject of surveillance [...] (APTER, 2006, p. 26).

⁵⁰ ⁵⁰ "A ideia da universalidade da poesia combina-se no conceito goetheano de *Weltliteratur* à necessidade da prática da tolerância entre os povos, da aceitação das diferenças culturais e da ênfase no universalmente humano" (KESTLER, Izabela. "O conceito de literatura universal em Goethe". In: *Revista Cult*. (Itálico) <Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-conceito-de-literatura-universal-em-goethe/>.

configuraria, portanto, como uma categoria divinal, capaz de alinhar civilização, nacionalismo e autoria. Assim, a função nação-estado da literatura tornar-se-ia obsoleta, dando espaço para uma condição pós-literária e pós-humanista.

No entanto, segundo Said (2009), embora tenha surgido a ideia de que os estudos comparados forneceriam uma perspectiva translacional, universal e transumana para a literatura, havia nas reflexões gerais desses pensadores, em torno do conhecimento humano, uma certa predominância do conhecimento europeu, como explica:

Falar de literatura comparada, portanto, era falar da interação mútua das literaturas do mundo, mas o campo era epistemologicamente organizado como uma espécie de hierarquia, estando no alto e no centro a Europa e suas literaturas latinas cristãs (SAID, 2009, p. 94).

Já para a Apter (2006), o universalismo visto de uma perspectiva racional pode ser uma armadilha. É, portanto, a partir dos estudos de Spitzer (1948) que ela vai retomar a necessidade de se renovar a visão que deu substância ao racionalismo. Sob essa ótica, a autora levanta a hipótese de tratar a questão do “étimo” em termos geopolíticos e filosóficos, “[...] partindo da hipótese de que esse étimo calibra o *status* de mudança do humano nas humanidades, da filologia para a filosofia, e da filosofia para a genética da língua”⁵¹ (APTER, 2006, p. 25, tradução nossa), considerando a categoria etimológica o ponto chave para se repensar o humano dentro de suas relações históricas.

Ora, se os fenômenos se transformam em conceitos, e se esses conceitos se completam e adquirem formas linguísticas diversas, ou imagens diversas, e se isso tudo circunscreve simbolicamente as ideias e interpretações, por vezes, inacessíveis quando pronunciadas em diferentes línguas, o que pode restar para análise é justamente a avaliação da dimensão do inexprimível, e urge, assim, a necessidade da língua expandir os prospectos “nação” e “idioma cultural”.

Os estudos de tradução e, por sua vez, os estudos comparatistas precisariam levar em conta a poética da universalidade sem descartar, obviamente, o diverso e a sua poeticidade – e sem esquecer que universalidade não significa uniformidade. Apter (2006, p. 243) vê os estudos da tradução como meio para se

⁵¹ “[...]testing a hypothesis that this etymon calibrates the shifting status of the human in the humanities, from philology to philosophy, and from philosophy to the genetics of language” (APTER, 2006, p. 25).

repensar os paradigmas da crítica literária, tornando a atividade tradutória um ponto de apoio (um *fulcrum*⁵²) que dissolveria a acomodação isomórfica entre a nomeação de uma nação e a nomeação de uma língua.

A autora toma o exemplo da determinação falaciosa que considera o *argot* (calão) cigano como língua, já que o nomadismo do povo cigano não pressupõe a fixidez que o conceito de nação sugere. Ou seja, conceitos fixos pressupõem ideias fixas, e isso resulta em mais uma forma de estruturação que contradiz o arremate de uma época inteira de pensamento.

A literatura comparada desafia as literaturas nacionais e pode apelar para uma constante reavaliação das línguas e do vocabulário de referências culturais, a partir da contestação daquilo que se cristalizou como verdade. Esse trabalho da literatura comparada se apoia no conceito de intraduzibilidade e compreende que a análise de ‘erros’ de tradução (*mistranslation*) neologismos e dissonâncias semânticas deve se respaldar em questões geopolíticas:

O mundo das línguas que se esquia de categorias genéricas dicotomizadas proporciona uma abordagem planetária da história literária que responde à dinâmica da geopolítica sem se afastar de guerras de fronteiras violentas. Esse transnacionalismo translacional corresponde a uma práxis crítica capaz de ajustar as técnicas literárias - tradução interlinear, exegese, gloss, leitura atenta - às exigências de uma política lingüística contemporânea [...] (APTER, 2013, p. 43)⁵³

É importante lembrar que o aparato filológico em nosso contexto não enxerga a prática de tradução como algo sistêmico, como fora instituído pelos filólogos do século XIX, que traduziam em busca de exatidões e do sentido correto, sem qualquer pretensão de alcançar uma elegância poética. A filologia, para a nossa análise, ampara-se na “lógica da literalidade” mencionada por Berman (2012, p. 188-189), que distingue a literalidade do calco, uma vez que não se limita a olhar “[...]a facticidade do original, mas a lógica que preside a organização dessa facticidade”, ou seja, a lógica autorizada pela língua alvo e suas imbricações na

⁵³ *Language worlds that bleed out of dichotomized generic categories afford a planetary approach to literary history that responds to the dynamics of geopolitics without shying away from fractious border wars. This translational transnationalism corresponds to a critical praxis capable of adjusting literary technics – interlinear translation, exegesis, gloss, close reading – to the exigencies of a contemporary language politics [...] (APTER, 2013, p. 43)*

língua fonte, numa espécie de entrelaçamento filológico que permite a ampliação do literário.

É por esse viés que consideramos que, na ação de interpretar, tal como na ação de traduzir, existe uma disposição etimológica que remete a uma ideia de mediação. Há um ponto de partida que prevê a ausência de sentido de uma palavra, ou talvez o contrário disso, conforme a deriva hermética apresentada por Eco (1995, p. 279), a plenitude do sentido, que tem a característica de deslizar “de significado para significado, de semelhança para semelhança, de uma conexão para outra”.

O étimo servirá de fio condutor para a se perceber os processos filológicos não apenas de maneira estética ou estilística, mas de forma que sua verificação se estenda à percepção das relações que se estabelecem entre a língua e a realidade, uma vez que a língua distorce e mistura as conexões etimológicas.

*Aborda-se a difícil questão da relação da tradução com a língua materna. Movimentando-se no não-normatizado desta, o tradutor ‘trabalha’, já dissemos, no que a sua língua tem de mais materno. Isto nos faz pressentir – somente pressentir – que contrariamente ao que enuncia o discurso tradicional sobre a língua materna (que confunde, numa base histórica, real, *língua materna e língua nacional*), esta não é uma realidade fechada, mas ao contrário, um espaço-de-língua aberto e fundamentalmente acolhedor. Para o coração materno das línguas, todas as línguas são próximas e parentes. Trabalhando o mais perto deste coração, o tradutor (da letra) descobre o parentesco não filológico e não-linguístico das línguas (BERMAN, 2012, p.189-190, grifo do autor).*

Nesse sentido, o espaço do equívoco talvez seja a única forma de alcançar o coração materno das línguas, porque a lógica da equivocidade implica a refutação da verdade plena e se insere na condição de qualquer relação social. Glissant (2005) já apontara para os aspectos da obra literária dentro do imaginário das línguas, considerando a tradução uma das mais importantes artes do porvir, porque ela se assenta sobre a totalidade das línguas num processo de “crioulização” ou “mestiçagem cultural”, que tem como aspiração a totalidade-mundo.

A totalidade-mundo passa a ser a intervenção cosmológica de olhar na humanidade do outro a nossa própria humanidade, e a linguagem torna-se o intervalo onde as ilusões, os erros e os acertos se entrelaçariam.

A proposta de análise de Apter (2013) corrobora os conceitos firmados pelos teóricos da virada cultural, dos quais podemos citar Venuti (1995; 1998), Berman,

Niranjana, entre outros. Esses autores propõem um olhar mais aprofundado para o movimento translatório na tradução literária, ao apontarem para as dessimetrias culturais e linguísticas entre o texto traduzido e o texto fonte. A discussão mais intensa entre eles permeia questões que incluem a complexidade histórica que resultou da expansão colonial europeia, procurando entender de que modo os estudos de tradução abordam o discurso da colonização firmado no projeto colonialista.

Apter (2006; 2013), por sua vez, extrapola esse olhar ao propor uma literatura comparada que, em termos metodológicos, sobrepuje as conjunturas delimitadoras da crítica literária, sugerindo que esse trabalho seja uma permanente “pedra no sapato” das literaturas nacionais, contestando os essencialismos culturais e quebrando certos paradigmas.

A literatura comparada pode trabalhar para encontrar o lugar disciplinarmente definido como não-nacional, ao mesmo tempo que pode desafiar a *Weltliteratur*, termo que ressoou na conjuntura da literatura mundial durante anos. Romper com conceitos universais na literatura é tão importante quanto a ruptura de perspectivas de caráter nacional. Por mais contraditório que isso pareça, é a premissa do universalismo que consente as classificações e as predeterminações, a exemplo das literaturas brasileiras, portuguesas, moçambicanas, que, em diversos departamentos de universidades norte-americanas, são enquadradas no campo das literaturas ibéricas.

Nesse sentido, contestar o universal com o mesmo empenho que se deve contestar o nacional é uma tentativa de não escorregar em princípios contraditórios, e para isso, alguns fatores são importantes para a investigação, como a questão do signo linguístico e o problema da língua. Afinal, a complexidade da língua está em tornar real uma realidade que está ausente, que passa a existir como a realidade propriamente dita, isto é, a língua se caracteriza por descontinuidades que se distribuem em fronteiras e espaços diferentes.

3.3 Uma proposta de descolonização do pensamento

Ressaltando o que foi discutido neste capítulo sobre o delineamento de um outro paradigma de avaliação da tradução literária, propomos uma discussão teórica que dê respaldo à análise das obras traduzidas para o inglês, no sentido de

expandir as reflexões apresentadas. São discussões que colocam em pauta o servilismo da tradução literária pela ótica das relações de poder, considerando as culturas literárias que historicamente se tornaram periféricas e submetidas a uma tradição da Europa Ocidental, impulsionadas pela produção de conhecimento das línguas europeias, com foco aqui principalmente na força hegemônica e dominante da língua inglesa.

Entendemos que o indivíduo se influencia por regras culturais previamente definidas, deixando transparecer (e prevalecer) sua formação cultural, seus valores e hábitos em suas relações. Dessa forma, são mais prováveis os embates culturais do que a apreciação de uma cultura pela outra, uma vez que as percepções individuais predominam no encontro de diferentes padrões, tendendo à valorização das referências culturais específicas de cada indivíduo. A antropologia explica esse fenômeno através de um conceito chamado etnocentrismo, que, esmiuçado etimologicamente, apresenta o etno-, do grego, *éthnos* (grupo de pessoa que vive em conjunto) e o centro-, do latim, *centrum* (âmago, centro).

O etnocentrismo é um termo que compreende a forma de enxergar e pensar o mundo a partir da visão de certos padrões de uma comunidade (ROCHA, 1994). Na realidade, a base do etnocentrismo é a de tomar sua própria cultura como centro de todas as outras, sendo o inverso também comum, quando se colocam em prática os padrões da cultura alheia, adotando valores e hábitos que não correspondem aos de sua própria comunidade.

Para a teoria da tradução, o etnocentrismo é a forma como grande parte dos tradutores, autores e editores conduz o trabalho tradutório em línguas europeias, porque, implicitamente, segue-se a ordem normativa do discurso geral sobre a tradução. É uma ordem que apresenta conceitos insuperáveis, porque tem bases históricas determinantes, como vimos no primeiro capítulo.

Há, no entanto, muitas propostas de análise tradutória com intenções adversas, que procuram geralmente subverter a lógica que privilegia uma língua/cultura em relação a outra. A discussão do pós-colonial, por exemplo, traz à tona os paradigmas do etnocentrismo e discute suas tensões e contradições, abrindo um leque para o entendimento das designações de padrões e da denominação de categorias que surgem a partir de perspectivas manipuladoras e dominantes.

Para entender como as relações de poder podem ser transformadas ou mantidas através das práticas discursivas epistemológicas no âmbito das ciências humanas, principalmente na tradução literária, apontamos para a dependência das teorias acadêmicas de determinados pressupostos imperialistas, revelando, assim, a urgência de quebra de paradigmas para uma descolonização teórica.

Há razões históricas que contribuíram para que as reflexões não eurocêntricas fossem relegadas a condições subalternas. A desvalorização das literaturas africanas como objeto de estudo serve como prova disso, ao passo que existe certa contaminação das interpretações que partem do centro quando condicionadas a percepções políticas e ideológicas afetadas pelas convenções ocidentais (MATA, 2014).

3.3.1 A multiplicidade como modo de subverter a verdade absoluta do sentido: uma questão (po)ética

Nietzsche (2009) afirma haver um pragmatismo que permeia a história do pensamento (abrangendo aqui parte do oriente e do ocidente), porque a filosofia sempre se pautou em uma esquematização binária que obedece a um sistema de organização próprio da constituição das línguas (preestabelecido gramaticalmente). Essa pré-organização limita a compleição do pensamento em todas as culturas e línguas cujos parentescos são semelhantes, uma vez que as funções gramaticais são determinantes para a lógica sistemática do próprio ato de filosofar.

Precisamente onde existe parentesco linguístico, é absolutamente inevitável que, graças à comum filosofia da gramática -, quero dizer, graças ao inconsciente domínio e condução por meio de idênticas funções gramaticais -, tudo esteja preparado de antemão para um idêntico envolvimento e sequência de sistemas filosóficos: do mesmo modo que para certas possibilidades diversas de interpretação do mundo, o caminho parece como que bloqueado. Filósofos do âmbito linguístico uralo-altaico (no qual o conceito de sujeito é menos desenvolvido), com grande possibilidade, olharão para o mundo de maneira diferente [...] (NIETZSCHE, 2009, p. 42).

Assim, são essas oposições binárias que projetam as ideias que presumem a existência de opostos absolutos, algo tão elementar às práticas do cotidiano moderno. O corpo e a alma, o livre arbítrio e a moral, as relações sujeito-objeto, causa-efeito, a imagem de um ser coletivo em oposição a um ser individual se consagram então como representativas desses binarismos opostos. Para o filósofo,

as limitações, próprias das funções gramaticais, resultam em conceitos fixos e na austera ameaça do binarismo em qualquer reflexão crítica, pois é a lógica do bem e do mal, do certo e errado, que permeia o pensamento pragmático nas dinâmicas relacionais.

Entretanto, o diverso e o múltiplo vêm se destacando nas áreas que abrangem as relações linguístico-culturais, fazendo crescer a atenção às vias que sobrepujam o purismo da lógica dualística. Isso suscita outra compreensão das nuances do texto literário e de sua tradução, tornando, assim, o sentido absoluto uma ideia absorta e contraditória a qualquer experimentação estética na literatura.

Por mais que se considere a existência de um “eu” subjetivo (autoral ou *autorictas*), a multiplicidade do sentido é uma experiência necessária, e coloca à prova o que, por vezes, julga-se infrangível. Em todas as áreas das ciências humanas, procuram-se respostas que definam a essência do nosso comportamento individual. Entretanto, a construção da identidade pós-moderna está perdendo a unicidade, e essa fragmentação de identidades se coloca como um “eu múltiplo” sem definições prévias e, muitas vezes, até contraditório (HALL, 2006).

Para Bauman, a luta pela afirmação de uma identidade estática é vã e dolorosa, pois a volatilidade é uma condição inelutável, e a contínua transgressão de fronteiras é a melhor forma de escapar da ilusória solidez que o pragmatismo insiste em manter:

As identidades flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente (BAUMAN, 2005, p. 19).

Surge na pós-modernidade um conceito de identidade múltipla, que se contrapõe tanto aos ideais iluministas do ser “contínuo” quanto às definições sobre o sujeito da modernidade (concepção sociológica), que ainda pressupõe um “ser real” mesmo admitindo a interação do “eu” com a sociedade (HALL, 2006). Tão verdade que prevalece um esforço muito grande de uma parte da sociedade para manter o ideário ufanista calcado no etnocentrismo.

Sob a nossa ótica, é preciso romper as barreiras do pragmatismo e desafiar os imperativos filosóficos, sem correr o risco de cair em algumas armadilhas

epistemológicas. É claro que, para uma análise profunda, não há aqui nenhuma intenção de se desvincular, por completo, do que epistemologicamente foi construído até hoje, mas propomos na nossa análise das obras traduzidas uma revisão dos parâmetros já estabelecidos e sugerimos uma reavaliação, como fizemos no tópico anterior com a exposição da teoria de Apter (2006; 2013), para repensar e transcender o que já está dito.

É por essa razão que o contexto anglo-americano não foi escolhido aleatoriamente para avaliação das obras traduzidas que são hoje referências na literatura mundial, além de revelarem uma força cultural e uma riqueza linguística significativas para se refletir sobre as questões que vêm sendo apresentadas. Ora, se a tradução segue as regras do mercado, com premiações e divulgações impulsionadas pelo mercado, nada mais instigante do que olhar profundamente para as traduções dessas obras, de modo a entender como a cultura brasileira e a cultura moçambicana se transpuseram linguisticamente e culturalmente, para o contexto mundial.

Há de se voltar a atenção principalmente para a urgência de um exercício de descolonização do pensamento e para a proposta de novas percepções teóricas que possam transcender o que se entende academicamente por 'filosofia', pois há um grande perigo das ideologias dominantes se tornarem verdades inconscientes e naturalizadas, assim como há o perigo da soberania de alguns conceitos imperialistas prevalecerem.

A herança colonial, definida historicamente, se concretiza nas formas do saber científico e no processo de produção do conhecimento. Esse colonialismo promulgou ideologicamente e tradicionalmente uma homogeneização implícita, com fortes influências de um imaginário firmado por valores socioculturais estabelecidos em arquétipos europeus. Inclusive, a concepção de mundo moderno ditou as regras para o estabelecimento de instituições, da mesma maneira que articulou o *modus operandi* dos valores institucionais, sempre com base no apagamento das diversidades e na uniformização de padrões.

É por essa razão que, na literatura, a invisibilidade do tradutor deve ser colocada em evidência. A estratégia de domesticação no processo de tradução, como já foi debatido, se configura como um reflexo da expansão colonialista, cujo papel imperial foi exercido na medida em que não consentiu a manifestação da

heterogeneidade linguística por parte das colônias (VENUTI, 1998; NIRANJANA, 1992).

Corrompe-se a noção de autoria e questiona-se a autoridade do texto original, havendo um conflito entre a suposta propriedade de sentido que o autor tem sobre sua obra e a independência desse sentido concretizada nos leitores (incluindo tradutores).

Para a análise de tradução, é a compreensão dos efeitos de colonização que revê as condições históricas específicas e repensa o exercício de tradução subalterna, ou conduzida por códigos discursivos do colonizador. Por essa razão, pensar sobre as angústias, os desejos e os valores individuais que emergem da sistemática normativa é refletir sobre o funcionamento do poder e daquilo que o contorna, uma vez que esse poder se constitui de corpos políticos e individuais que agem a partir de preceitos sociais, explícitos ou não.

Isso corrobora a ideia de corpos e almas com potencialidades⁵⁴ de afetar e serem afetados em situações relacionais. Vladimir Safatle (2015 p.17) trata essa potencialidade como uma característica humana intrínseca, que possibilita a construção das normas sociais, reconfiguradas na medida em que os modos de afetar se alteram. Dessa forma, entende-se que a afecção é essencial para que as relações se constituam e, só a partir dela, pode-se assumir “certas possibilidades de vida”.

Podemos relacionar esses conceitos à construção do conceito de ética, cuja aplicação se volta às subjetividades, às ideologias pessoais e a sua relação com a coletividade, representada no interior de uma estrutura política e econômica pré-estabelecida.

O afeto, portanto, é o diverso que se materializa no social, no cultural e no político, e o ser afetado seria o ser constituído ideologicamente, imerso nas desordens individuais e sociais. Na modernidade, é a globalização e os meios de comunicação que atingem e transformam o imaginário cultural do mundo inteiro, ditando as regras para se difundir as produções artísticas:

⁵⁴ Essas potencialidades podem ser relacionadas à proposta filosófica da *teoria do desenvolvimento de poder* debatida por Nietzsche (2009) e sugerida como uma teoria fisiopsicológica dos bons e maus impulsos do homem. Essa ideia de potencialidade também pode ser expandida para Foucault (1999), que debate sobre o modo como o corpo (social) se transforma em alvo de manipulação através de mecanismos institucionais que controlam a potencialidade do sujeito individual.

São produções musicais, cinematográficas, teatrais, literárias e muitas outras, lançadas diretamente no mundo como signos mundiais ou da mundialização. Difundem-se pelos mais diversos povos, independentemente das suas peculiaridades nacionais, culturais, linguísticas, religiosas, históricas ou outras (IANNI, 2010, p. 120).

Assim, a dinâmica da relação do 'eu' com o 'outro' se materializa na superficialidade e é promovida pela relação de consumo, por meio da ressignificação de valores morais e éticos, que, outrora interpretados como verdades plenas para elevação do espírito⁵⁵, agora se assumem na aquisição de bens materiais, propulsores do bem-estar social, da elevação do *status* e do poder, o que não deixa de assumir o mesmo caráter absoluto da plenitude. Segundo Matos:

:

A assimilação dos valores de consumo e a aquisição de bens materiais pela sociedade de massa substitui o 'querer ser' pelo 'querer ter'; é um poderoso redutor do pensamento crítico e se estabelece sob os auspícios da mídia que proscree o esforço intelectual em nome da 'facilidade' (MATOS, 2004, p.110).

Para a nossa análise, é necessário entender as práticas do mercado porque elas se configuram no interior de um contexto econômico, político e social que subordina a expressão cultural, forçando a produção da arte à adequação de interesses lucrativos em que os agentes incentivadores gerenciam as vendas e administram as demandas, lógica que normatiza também a atividade tradutória.

Sobre esse ponto, a industrialização da cultura se torna mais um instrumento de esvaziamento da sociedade contemporânea, que parece sufocar a criatividade e usurpar a espontaneidade através de um processo de padronização de valores.

Segundo Bauman (2013, p.23), essa padronização não é estática, ela resulta da moda que, como tendência cultural, não se realiza na estabilidade, mas na normatização de um permanente movimento: "o estado de inércia que induz à uniformidade não é o 'derradeiro estado', mas seu oposto, uma possibilidade em eterno retorno". Isso não quer dizer que a moda dá oportunidades para o diverso,

⁵⁵ A forma como a ética foi discutida durante séculos é alvo do pensamento nietzschiano, uma vez que o conceito ético se estabeleceu, na filosofia clássica, a partir de finalidades dicotômicas – bom/ruim, verdadeiro/falsas. Para Aristóteles, por exemplo, a ética seria claramente uma virtude necessária para a busca de um fim (a felicidade); já para Platão, um homem ético seria aquele que pratica o bem, capaz de agir de forma justa e espiritualizada (elevação). Nietzsche, por sua vez, entende que parâmetros fixos e universais que procuram distinguir o bem do mal são limitadores e categóricos, já que os princípios éticos deveriam se distanciar dos preconceitos e dos ditames da moral.

mas que ela resulta de uma ação contraditória do comportamento humano, em que as aspirações de pertencimento e independência coexistem.

A moda, permanentemente elusiva, não dá sentido à vida, seja esse sentido autêntico ou falso. Só ajuda a banir da nossa cabeça a questão do significado da existência. Tendo transformada a jornada existencial numa série infindável de medidas egoístas, fazendo de cada episódio vivenciado uma introdução ao próximo da série, ela não oferece a oportunidade de considerar sua direção ou o significado da vida como tal (BAUMAN, 2013, p.22).

A plasticidade mercantil tende à destruição e, violentamente, sujeita o corpo à absorção das determinações conduzidas pelas imposições do sistema neoliberal, que incentiva a concorrência e o livre-comércio, atribuindo-lhes o mais alto valor: “Nossos corpos perderam a qualidade narrativa, eles são habitados pela violência dos fluxos contínuos codificados pela forma-mercadoria, mas eles ainda sabem contar. Para as sociedades neoliberais, isso basta” (SAFATLE, 2015, p.195). Ou seja, com a racionalização e a objetificação das ações, o neoliberalismo encontra motivos para a sua perpetuação.

Como uma possível transformadora da poeticidade e propulsora da ética cultural no cenário atual, a (in)traduzibilidade aponta para o que é vulnerável na imposições lucrativas e se torna o lugar onde as relações se despontam, onde as contradições do ‘eu’ se veem em conflito com as contradições do ‘outro’. Assim, o reconhecimento do intraduzível favorece a consciência do público leitor sobre a condição inelutável da tradução, podendo resultar em transformações que sejam mais justas não apenas para o leitor, mas para o mercado, no sentido de ampliar culturalmente as suas demandas e utopias.

Na medida em que reconhecemos a cultura como um elemento problematizador para a questão da tradução literária, entendemos que ela é construída por meio de uma negociação de diferença, seja essa diferença uma experiência estética consciente ou uma condição de permutas simbólicas inconsciente. A questão é que o cultural da tradução literária vê no entrelaçamento etimológico, ou filológico, uma forma de expandir o literário, no sentido de aprofundar a vivência literária e a experiência humana.

Por isso é necessário reconhecer as falhas e as desconformidades do processo tradutório em favor do entendimento da experiência estética. O olhar que lançamos para as obras traduzidas tem, portanto, a intenção de procurar as

múltiplas vozes que dialogam nessa experiência. É nesse sentido que os dois próximos subtópicos pretendem abandonar as posições fixas, para encontrar meios de repensar o entrelugar da tradução, o *locus* de conflito entre as tendências homogeneizadoras do mercado (anglo-americano) e a potencialidade da fruição estética como forma de favorecer a simetria cultural.

3.3.2 Perspectivismo Ameríndio: um movimento transversal para a teoria da tradução

Ora, se a ciência e a filosofia moderna guiaram-se por uma lógica permanentemente estática, com raízes no positivismo e se isso no cenário da pós-modernidade vem sendo amplamente questionado, por que ainda se pensar por um ângulo absoluto em análises de tradução? Uma das possíveis explicações assenta-se nas limitações das próprias funções gramaticais que reduzem o poder de reflexão ao poder limitador e instrumentalizador da língua; outra explicação atravessa o próprio sistema, que, embora abra espaço para a reflexão discursiva, não permite que essas reflexões incidam em uma realidade concreta, pois, como sabemos, o compromisso com a realidade pragmática é inerente à ciência moderna.

Entendemos que o ser humano pragmático está preso a condutas que exercem influência no próprio modo de pensar a existência e compreender a “realidade”, a partir de uma organização que não pressupõe falhas. Mas a heterogeneidade requer uma reinvenção do olhar ocidental. A ideia aqui é, portanto, suspender os relativismos da nossa experiência ocidental para que haja a desobrigação de vinculações pré-estabelecidas como verdades.

O perspectivismo ameríndio se apresenta como uma proposta atraente porque reconhece a unidade de espírito e a diversidade de corpos como componentes de uma unidade cosmológica que traçam a dicotomia do universal e do particular, tendo a cultura como representante da universalidade, e a natureza, como representativa do particular. É um ponto de vista que subverte a versão ocidental, cujas premissas se baseiam geralmente em dualidades, para integrar a multiplicidade de intencionalidades interpretativas em toda forma de simbolização (CASTRO, 2015).

A condição do corpo e da alma na perspectiva ameríndia permite que pensemos o corpo como o realizador das representações da alma, ou seja, na alma, a junção de representatividades só pode ser concretizada no corpo, *locus* da diversidade e das especificidades, legitimando-se como representativo do diverso e da alteridade. O corpo seria então a concretização do diverso, carregando, em si, as multiplicidades relacionais, e a alma se configuraria como o enlace das subjetividades e das necessidades individuais (CASTRO, 2015).

Trata-se de uma visão que concede à pesquisa a oportunidade de olhar para as oposições dualísticas da teoria da tradução como elementos de um mesmo cosmo, em que a ordem estática dá lugar ao movimento dialógico e transversal. Do mesmo modo, o perspectivismo ameríndio nos permite pensar as questões identitárias, pois, sob esse olhar, a relação do eu com o outro só se torna possível quando o sujeito é despossuído de si, porque não há autonomia, mas acontecimento:

[...] o conceito nativo do ponto de vista não coincide com o conceito de ponto de vista do nativo, assim como o ponto de vista do antropólogo não pode ser o do nativo (nada de fusão de horizontes), mas o de sua relação com o ponto de vista nativo (CASTRO, 2015, p. 1).⁵⁶

O perspectivismo ameríndio é, como o próprio Castro (2015) denomina, uma perturbação intelectual em cuja estrutura se encontram as diversas possibilidades de mundo e que pressupõe a ruptura de uma hegemonia epistemológica. Ao observar o xamanismo em contraposição ao objetivismo da modernidade ocidental, somos tomados pelo ponto de vista da personificação:

Poderíamos dizer que a personificação ou subjetivação xamânicas refletem uma propensão geral a universalizar a 'atitude intencional' identificada por certos filósofos modernos da mente (ou filósofos da mente moderna) como um dos dispositivos inferenciais de base. Sendo mais precisos [...] diríamos que estamos aqui diante de um ideal epistemológico que, longe de buscar reduzir a 'intencionalidade ambiente' a zero a fim de atingir uma representação objetiva do mundo, faz a aposta inversa: o conhecimento verdadeiro visa à revelação de um máximo de intencionalidade [...] (CASTRO, 2015, p.50-51).

⁵⁶ O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro é um dos principais representantes do perspectivismo ameríndio no Brasil. Alinhado com o pensamento de Claude Lévi-Strauss (1980), sua experiência profissional se concretizou junto ao povo indígena Araweté.

A personificação intencional assume, assim, a interpretação como um acontecimento (ou evento) que prevê a subjetivação interpretativa, não restringindo as formas de conhecimento ao *telos*, ou seja, a uma finalidade funcional.

Em um trabalho sobre os cantos xamânicos na Amazônia, por exemplo, Cesarino (2011 apud FALEIROS, 2014) compara o xamanismo ao processo de tradução, afirmando que, na cultura Marubo, o xamã se transfigura em um tradutor ao traspor o mundo dos espíritos para uma realidade humana. O xamã, por assim dizer, concebe o mundo dos humanos e o mundo dos espíritos como essências de uma mesma natureza: em um processo de multiplicação fractal, em que o corpo de um *ente* serve de abrigo para outros *entes*.

Assim, na ideia de uma Antropologia pós-estrutural, Castro (2015) não hesita em sugerir uma ruptura transgressora que incite uma desalienação existencial sobre os povos, recusando-se a seguir critérios classificatórios e preestabelecidos, porque eles mesmos resultariam em efeitos estruturais não menos rígidos que os anteriores.

Aliás, a antropologia e a tradução aparecem em Castro (2015) como congruentes, haja vista os mitos análogos que permeiam os conceitos relacionados às disciplinas. Assim, a mesma inversão que ele propõe à antropologia, no sentido de subverter os critérios limitativos, incitando uma “doutrina do equívoco [...] da alteridade referencial entre conceitos homônimos”, podemos propor à tradução, se a encararmos como uma atividade que se insere e reside no espaço do equívoco:

O equívoco não é o que impede a relação, mas aquilo que a funda e a propele: uma diferença de perspectiva. Traduzir é presumir que há desde sempre e para sempre um equívoco; é comunicar pela diferença, em vez de silenciar o Outro ao presumir uma univocidade originária e uma redundância última – uma semelhança essencial – entre o que ele e nós ‘estávamos dizendo’ (CASTRO, 2015, p. 91).

A condição da tradução como o espaço da equivocidade questiona a ideia fixa quanto à possibilidade de transposição exata de sentidos. O equívoco como teia de reflexão também contesta a divulgação capciosa do mercado editorial sobre obras traduzidas, já que essa divulgação se apoia no senso comum, perpetuando a uniformização e a padronização da opinião do público leitor sobre as obras

literárias traduzidas, em que o princípio de aquisição do produto se vincula a cânones e à valorização excessiva do que é hegemônico.

Nesta pesquisa, o termo ‘equivoco’ conversa com o termo ‘equivalente’ na busca pelo ‘equitativo’ (igual). Etimologicamente, não há qualquer sugestão de ‘erro’ no radical *aeque* (igual), o que pode resultar em uma busca vaga se não abirmos o leque para uma discussão mais aprofundada sobre eles. Propomos então um questionamento que desafia o emprego do radical *aequi* levando em conta as intencionalidades atribuídas ao objeto traduzido.

Expandindo expressivamente o étimo *aequi*, corroboramos o pensamento de Apter (2013) sobre a (in)traduzibilidade como condição inevitável da tradução, porque o que se pretende, tradicionalmente, com o ato de ‘equivaler’ é dar uma atribuição vaga e quimérica à relação do significado e do significante; o mesmo que se quer quando se aponta para a o teor negativo dos ‘equivocos’ tradutórios: assumir a voz do tradutor como inaudível.

Na contramão das intenções puristas, as obras traduzidas serão analisadas sob a aceitação do (in)traduzível, porque isso abrirá espaço para perceber a língua em sua relação com a filosofia e para compreender as contradições políticas que envolvem o processo da tradução literária; só assim será possível contestar as condições preestabelecidas pelo domínio intelectual do mercado editorial anglo-americano.

Por conseguinte, para ampliar a discussão sobre a necessidade de romper com alguns paradigmas epistemológicos na análise de traduções literárias, principalmente com aqueles fortemente vinculados à visão estabelecida pela Europa ocidental, discutiremos a seguir sobre novas formas de estender a perspectiva crítica de tradução. São formas de pensar um novo olhar estético e em novo criticismo, que partem de uma reflexão sobre os intrigantes questionamentos tradutórios de Haroldo de Campos e sobre a recente proposta de *Cannibal Translation* da americana Isabel Gómez (2020).

3.3.3 A tradução luciferina e a tradução canibal

O dilema da tradução, como a maioria dos dilemas filosóficos, geralmente se fundamenta em oposições dualísticas que se entrecruzam. A maneira como a tradução é conduzida na prática (quando se converte em produto) e o modo como

ela é teoricamente conjecturada - considerando a forma e o sentido como principais pressupostos teóricos - são constituintes desse dilema e são geralmente os motivos que instigam a reflexão sobre o exercício de traduzir.

Campos (2005) procura resolver o impasse da tradução fazendo uso de um requinte metafórico que toma inicialmente por base as elucubrações do texto *A tarefa do tradutor* de Benjamin (2004) e seu processo tradutório da obra *Fausto*, de Goethe. Sem aparentemente extrapolar os níveis demarcados pela oposição dualística, sua reflexão incorpora a metáfora do bem e do mal (Anjo e Satã), situando a tarefa do tradutor no espaço entre a função servil conteudista (angelical) e a insubordinação rebelde da forma (luciferina).

Campos (2005, p.180) defende que toda tradução que se propõe a não se submeter às armadilhas do sentido servil deve transgredir os limites sígnicos como “forma de romper a clausura metafísica da presença” (do original), por meio de um processo de transcrição poética de fidelidade subversiva. Ou seja, a rebeldia da forma posicionada no lado maldito da angelitude se converteria em transgressão, e essa “clausura” é o que ele relaciona à equivalência do sentido e ao encargo de cópia que condiciona toda tradução.

Assim, a representação de Lúcifer como símbolo de um tradutor não servil é uma construção alegórica que nega o papel coadjuvante do tradutor, porque se volta para a vontade desse tradutor e para o seu desejo de rebeldia diante do texto. É nesse sentido que, ao refletir sobre a *Hybris*, Campos (2005, p. 180) exige que o tradutor ultrapasse a relação significante e significado por meio de uma confiança excessiva e de um entusiástico orgulho.

A complexidade do termo grego resulta na diluição da condicionante oposição dualística, porque “o transgredir da relação aparentemente natural entre o que dicotomicamente se postula como forma e conteúdo” dá lugar a uma terceira via interpretativa. Segundo o dicionário de termos literários⁵⁷, a *Hybris* pode ser definida como excesso, indicando também o comportamento desafiador do herói das tragédias gregas, aquele que infringe as regras da *pólis*. É um conceito que se associa à transgressão da ordem, carregando, ao mesmo tempo, a ideia de

⁵⁷ Dicionário de termos literários de Carlos Céia. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hybris/>>

miscigenação como algo que excede, pois, no ponto de vista dos gregos clássicos, a miscigenação desobedecia à ordem natural.

Nesse sentido, miscigenar e extrapolar seriam encargos do tradutor, que, na simbologia construída por Campos (2005), se converteria em “herói grego sempre disposto a assumir o seu destino”⁵⁸.

O tradutor transcriador se liberta da clausura essencialista do texto original ao soltar um grito de independência ante o autor, e essa predisposição do ‘herói tradutor’ em assumir o seu destino desmonta as prerrogativas que acompanham a forma de traduzir condicionada historicamente durante séculos. Assim, ao levar em conta a autonomia do tradutor e sua autoridade como escritor, a transcrição poética é nada menos que uma transgressão que rompe com pelo menos três rigorosos pressupostos da atividade tradutória: o paradigma do sentido absoluto, a invisibilidade do tradutor e a força imperativa da fluência.

Por outro lado, a sugestão criativa de Campos (2005) sofreu várias críticas por parte de alguns teóricos da tradução e de tradutores. Em geral, essas críticas veem a transcrição como um modelo de tradução antidemocrático. Segundo Milton (1998), por exemplo, esse modelo presume um leitor elitista, com vasto conhecimento prévio do campo literário, e isso, para ele, contradiz a proposta democrática inicial da própria transcrição. Outro posicionamento crítico incide na excessiva atenção aos significantes (forma), que pode resultar no desinteresse pelos significados (conteúdo), o que na opinião de Britto (2012, p. 131) implica em uma espécie de usurpação do estilo e do “lugar dos poetas”.

Na contramão de Milton (1998) e Britto (2012), entendemos que, ao discorrer sobre um modelo utópico, ideal, de tradução, a proposta de Campos (2005, p. 181) faz despontar a força movedora da tradução literária, cujo devir converte-se em “pulsão dionisíaca” que põe a “cristalografia em posição de lava”. Em outras palavras, a metáfora de Haroldo de Campos trata da condição da tradução em assumir a fluidez da forma e a volatilidade dos sentidos como inerentes à lógica da criação literária, fato que é constantemente recusado, seja pela defesa da autoria

⁵⁸ Definição de Hybris por Pavis (1996, p. 197)

ou do purismo, seja porque a literatura é parte integrada de um polissistema⁵⁹ (mercado e público leitor).

Entretanto, o polissistema, por vezes, pode favorecer as normas imperativas, resultantes das relações de poder e sustentadas pelo raciocínio da industrialização e do mercado cultural. As técnicas criativas, por sua vez, põem em causa essas normas porque quebram os parâmetros da higienização linguística ao despontar o “cenário pluridesdobrável” de “coreografia móvel” (CAMPOS, 2005, p. 181) e ao desvelar a falsa transparência do sentido pela independência do transcriador/tradutor.

É necessário lembrar, entretanto, que a independência transcriativa implica em uma nova autoria, um novo comando que presume um contragolpe ao original, com toda força purista que a palavra ‘origem’ pode carregar. Há, portanto, um velado risco de que essa autoridade canônica resulte em novas formas de purismo, tornando o elevado reconhecimento do tradutor (canônico) uma nova motivação mercadológica em níveis publicitários.

Assim, ao levar em conta os impedimentos comuns ao processo criativo do tradutor, a exemplo das incumbências e determinações da maioria das editoras, que têm como objetivo as demandas do público leitor, a contundência da transcrição acaba revelando seus limites, tornando-se uma utopia quando consideradas as demandas editoriais do processo tradutório na contemporaneidade.

Entretanto, a domesticação da proposta transcriativa se contrapõe à domesticação discutida por Venuti (1995; 1998), cujo pressuposto é o da higienização como tendência natural da literatura mundial em transformar o objeto literário em artefato; ou seja, a literatura mundial domesticadora – sob o olhar de Venuti (1995; 1998) – não dá espaço para o rompimento do sentido absoluto ou para intervenção dialógica dos elementos locais, uma vez que o cânone da *Weltliteratur* celebraria o cenário comum ao ocidente. A domesticação transcriativa, por sua vez, desvelaria o papel do tradutor, deixando claro que a toda obra literária é inerente a contestação do rigor e de tudo aquilo que se aparenta irrefutável.

⁵⁹ Considerando aqui a teoria elaborada por Even-Zohar (1978 apud GENTZLER, 2009) que reconhece a literatura e a produção literária em toda sua extensão, desde a cultura, o sistema literário e a tradução literária.

Como projeto emancipador, a transcrição propõe o aniquilamento crítico do legado da tradução ocidental e corrompe a subserviência do tradutor em relação ao autor, deixando claro o não comprometimento do mercado editorial com o discurso transparente e com os valores culturais alheios. A transcriatividade, embora pareça dar lugar a uma domesticação redutora, é capaz de projetar uma proposta de tradução estrangeirizadora, na medida em que desafia a autoridade canônica e estabelece uma postura contestadora ante a pureza ideológica do texto traduzido, pressuposta implicitamente pelo texto fonte.

Haroldo de Campos sempre contestou a tendência homogeneizante da tradição literária e fez isso também através de suas traduções. Sua postura anticrítica na crítica literária opera em contraposição ao “canône prestigiado e glorioso”, e ele assim o faz para trazer à tona a falácia logocêntrica do nacionalismo e para colocar em causa a tendência da ciência ocidental em estabelecer através da palavra os meios de expressão de uma realidade legítima.

A fidelidade subversiva de Campos (2005) é uma espécie de transgressão dos limites estabelecidos entre a forma e o sentido. Segue de modo semelhante ao que Berman (2012) discute em sua analítica da tradução quando destaca a força da tradução-da-letra para situar a parte que ocupa a captação do sentido e colocá-la como secundária, observando algo de mais fundamental à tradução: a aceitação da confusão de Babel e da multiplicidade das línguas.

Nesse sentido, a partir de uma conexão teórica em que se sintetizam os diversos fatores discutidos, é interessante apontar para uma outra discussão mais recente, que já traz a inspiração de vanguarda no próprio nome: a *Cannibal Translation*/Tradução Canibal, apresentada por Isabel Gómez (2020, no prelo). Faremos isso porque consideramos que o alicerce teórico de Gómez (2019; 2020) revela as iniquidades presentes no processo de tradução quando do desmantelamento do sentido absoluto e da transformação do produto traduzido em um artefato homogeneizador e ocidentalizado.

Tive a oportunidade de conhecer Isabel Gómez quando fiz o estágio de bolsa sanduíche na Brigham Young University, em 2020, através de um *workshop* organizado pelo grupo de tradução do qual participei, em que foram apresentadas as incipientes propostas de uma teorização da tradução literária sob a ótica de posicionamentos estabelecidos por autores brasileiros e hispano-americanos no período moderno. Entre discussões e trocas de e-mail, Gómez (2019) apresentou

seu artigo já publicado que serviu como referência para a construção do pensamento sobre o material que ainda se encontrava em desenvolvimento.

A proposta de Gómez (2019) dialoga com a iconicidade representativa do termo canibal, reconstruindo a simbologia respaldada em sua negatividade, debatida aqui no primeiro capítulo sob o olhar de Cheyfitz (1991). A autora concede à palavra canibal novas conexões, baseadas, inclusive, na proposta do modernista brasileiro Oswald de Andrade, *Manifesto Antropofágico*, conhecido em inglês como *Cannibalist Manifesto*.

Quando Oswald de Andrade lança o manifesto antropofágico, ele escancara as limitações da tradição literária brasileira e propõe um trabalho estético que extrapole o domínio da linguagem europeia a partir de uma experimentação identitária transversa. Do mesmo modo, os irmãos Augusto e Haroldo de Campo superam a relação significante-significado na criação literária, indo ainda mais além ao sugerirem que essa nova linguagem experimental se manifeste também no processo tradutório.

A implicação terminológica de Gómez (2020) retoma os conceitos do modernismo brasileiro, cujo rebate ao eurocentrismo dá-se através da apropriação, no ato metafórico de devorar tudo o que era de lá para ressignificar o de cá. A tradução canibal, portanto, procura dar continuidade a reflexões que advieram de um movimento artístico que circunstancialmente caminhou na fileira da industrialização e das novas descobertas científicas da modernidade e que, ao mesmo tempo, contestou e incorporou novas formas de pensar o signo linguístico.

Desse modo, através de influências latino-americanas, incluindo principalmente as brasileiras, há na metáfora canibalesca uma possibilidade de renovação no olhar da tradução e uma provável abertura para a descolonização epistemológica. São formas de mapear as “destruições criativas que tornam as relações de poder visíveis e subvertem as leis não escritas de tradução dentro de textos que ainda se apresentam como traduções”⁶⁰, de modo a expandir uma alternativa ética de olhar para a tradução no contexto da literatura mundial:

Para os escritores de vanguarda que colocaram o termo canibal no centro de uma prática artística brasileira autóctone, a antropofagia honra o eu e o

⁶⁰ I map out ways these techniques of creative destruction make relations of power visible and subvert unwritten laws of translation within texts that nevertheless still present as translations (GOMEZ, 2020, no prelo).

outro. Vincular o “canibal” ao “recíproco” conecta traduções latino-americanas que expressam simultaneamente generosidade, gratidão e uma revolta histórica pela negação da participação em trocas culturais, historicamente assimiladas ou periféricas (GÓMEZ, 2020, no prelo) ⁶¹.

Segundo a autora, há de se contestar a predisposição negativa do termo canibal porque existe outra interpretação que enxerga o canibalismo como um ato de reciprocidade; para os nativos americanos, a ingestão do cérebro humano de seus oponentes representava o respeito aos ancestrais que haviam sido devorados por aqueles inimigos, sendo assim um gesto de gratidão e reconhecimento.

O reconhecimento do comportamento nativo sob o ponto de vista nativo é algo que se assemelha à discussão proposta pelo perspectivismo ameríndio de Castro (2015, p72), porque, para ele, a Antropologia não pode se contentar em descrever o comportamento nativo sem que antes seja estabelecida uma relação de pontos de vista, ou seja, “uma relação de deslocamento reflexivo” entre o ponto de vista do antropólogo e o ponto de vista do nativo. Essa é uma relação semelhante ao que ocorre com a tradução literária, pois o ponto de vista do tradutor está em constante amalgamação com o ponto de vista do autor, numa espécie de integração reflexiva que tem como objetivo superar os limites dualísticos.

Sob essa ótica, Gómez (2020) coloca em xeque a tensão existente entre outro embate muito comum na teoria da tradução: os ganhos (*gift/presente*) e as perdas (*acts of erasure*). O canibalismo tradutório seria então uma relação recíproca que insinuaria uma possível harmonia nas relações culturais, em que o ato antropofágico colocaria em causa a tensão simbólica do termo:

A tensão produtiva entre a violência do "canibalismo" e a mediação de conflitos da "reciprocidade" permite-me ler traduções como presentes e atos de apagamento. Eu foco em "traduções canibais" que realizam e expõem essa tensão baseando-se em uma semelhança estrutural subjacente entre o tropo canibal — uma metáfora de longa data para a autorrecuperação latino-americana diante da demonização eurocêntrica — e a teoria clássica dos presentes (GÓMEZ, 2020, no prelo, tradução nossa).⁶²

⁶¹ For the avant-garde writers who placed the cannibal at the center of an autochthonous Brazilian artistic practice, anthropophagy honors the self and the other. Linking the “cannibal” to the “reciprocal” connects Latin American translations that simultaneously express generosity, gratitude, and a historical rage at being denied participation in cultural exchanges, historically assimilated, or made peripheral (GOMEZ, 2020, no prelo).

⁶² The productive tension between the violence of “cannibalism” and the conflict mediation of “reciprocity” allows me to read translations as both gifts and acts of erasure. I focus on “cannibal translations” that perform and expose this tension, drawing on an underlying structural similarity between the cannibal trope—a long-

Assim, ao olhar para o ato subversivo da antropofagia moderna estabelecendo uma relação com a tradução, a autora aponta para as relações culturais recíprocas, e percebe, a partir disso, a transcrição como uma salvaguarda da licença poética, que, inclusive, parece sofrer forte pressão nas traduções comerciais.

Um dos principais alicerces de suas ponderações acerca da conduta dos poetas modernos e de sua incidência na tradução é a retomada reflexiva sobre Gregório de Matos e as acusações que sofreu de plagiador. Gregório de Matos “pseudotraduzia” Quevedo e Gôngora, do mesmo modo que Shakespeare “plagiava” os clássicos greco-romanos. Entretanto, para os contemporâneos do poeta barroco brasileiro, a sua prática era muito mais um insulto do que um ato revolucionário. Só mais tarde, Haroldo de Campos (1981, p. 16) vai perceber a primazia rebelde de Gregório de Mattos quando o chama de “primeiro transculturador”.

Essa rebeldia transcriativa estará presente em toda construção reflexiva da Tradução Canibal, possivelmente como modo de questionar a falácia da origem, pois não há nada mais incômodo para o tradutor moderno do que a ideia de uma homogeneização discursiva acomodada. Assim, Gómez (2020) debate as (in)traduções, procurando entender por que é usualmente preferível que se relegue a condição de cópia ou plágio todo um processo dialógico da diferença.

4. A DINÂMICA INTERCULTURAL NA TRADUÇÃO LITERÁRIA E SUAS CONTÍNUAS NEGOCIAÇÕES

As posições e funções das traduções são determinadas pela cultura alvo, sendo os formatos e as estratégias aplicadas nesse processo fundamentados em condições que devem ser inter-relacionadas. Assumindo esse fato como ponto de partida, é importante que abordemos as conjeturas sugeridas por Toury (1997) para assinalar as interdependências nas relações que se estabelecem entre a função da tradução, o produto traduzido e as questões políticas e econômicas às quais as traduções estão submetidas.

Nesse sentido, a abordagem que reconhece a cultura alvo como ponto inicial para as pesquisas em tradução é definida como sistema orientado para cultura alvo. Essa orientação afasta-se da ideia de autenticidade plena do texto fonte, antes único foco de interesse nas pesquisas, para dar lugar à tradução e ao produto traduzido, que definitivamente trazem consequências efetivas na cultura alvo. Assim, ao agregar esse pensamento aos pressupostos discutidos no capítulo anterior, assumiremos as traduções como fatos culturais, dedicando-se a demonstrar como as culturas preenchem as lacunas que de alguma forma se apresentam.

Para isso, é importante compreender alguns “padrões estabelecidos” porque eles mostram como as traduções se adequam às necessidades da cultura alvo e como os fatos particulares dessa cultura podem resultar em desvios “aceitáveis”, “justificáveis” ou mesmo “preferíveis” (TOURY, 1997). Esses elementos revelam a importância do fator cultural nas análises de tradução e, de maneira mais específica, do fator cultura alvo.

Mia Couto e João Cabral, com suas respectivas obras, *Sleepwaking land* e *The death and the life of a Severino*, aqui propositalmente mencionadas em suas versões em língua inglesa, são autores de grande representatividade global, que depuram a linguagem e o estilo de suas obras com uma intensa força local nas obras fontes.

No interior das possíveis relações que se estabelecem entre o local e o global, as versões traduzidas das suas obras se inserem no enquadramento apresentado por Toury (1997), porque não há traduções que fujam às normas e

decisões advindas de algum controle; essa é a mesma lógica que define as traduções como um processo de reescrita (rewriting).

Assim, as multiplicidades e as variedades inerentes à própria noção de normas podem ser entendidas, sabendo que qualquer norma adquire sua forma e seu valor através do tempo e que é regulada pelo sistema ao qual está integrada. O que nos interessa, portanto, não é a definição explícita das normas de tradução, mas compreender como elas governaram o comportamento dos tradutores e como esse comportamento é refletido nos produtos traduzidos.

Sleepwalking Land e *The death and the Life of a Severino* são textos que materializam a vinculação de elementos culturais na tradução, e a análise dessas traduções buscará entender como se realiza efetivamente o entrecruzamento cultural entre Moçambique, Brasil e o contexto anglo-americano.

Dados os diversos problemas que podem emergir de uma análise tradutória, é primordial certo distanciamento dos paradigmas que definem a tradução a partir dos seus aspectos inerentes e essencialistas, uma vez que isso pode limitar o posicionamento de qualquer análise, como já extensamente debatido no capítulo anterior. Tendo esse pressuposto em mente, sabemos que não é possível fixar as fronteiras de um objeto que tem por característica a própria variabilidade:

Assim, qualquer definição prévia, especialmente as pautadas em termos essencialistas, supostamente as que especificam aquilo que é 'inerente' à tradução, estariam envolvidas numa pretensão insustentável de se fixar, de uma vez por todas, as fronteiras de um objeto que – culturalmente falando – é caracterizado por sua variabilidade: diferenças entre culturas, variação dentro da cultura e mudança ao longo do tempo” (TOURY, 1995, p. 31, tradução nossa, grifo do autor) .

Desse modo, a proposta da “tradução assumida” (*assumed translation*) de Toury (1995) parece definir a tradução a partir do que se espera que ela seja em condições específicas, de modo a levar em consideração a sua variabilidade. Assim, o que produziriam as traduções, e os itens possíveis de serem investigados, seriam os fatos que se manifestam no interior das culturas que as recebem.

Em nossa pesquisa, a prioridade de observação desses fatos culturais é conduzida pela materialidade da palavra e pela pluralidade de sentidos que lhe atravessam. Sendo assim, importa-nos selecionar fragmentos dos textos em língua portuguesa, em paralelo com a descrição das escolhas tradutórias, para que possamos identificar as passagens expressivas que manifestam traços culturais

diversos, em que se observem a iconicidade local e os pontos de variação e incompletude refletidos na linguagem. Isso nos permitirá pensar sobre como a tradução para o inglês trabalhou com os múltiplos sentidos que se manifestam e como isso se observa na expressividade da linguagem.

The death and the life of a Severino, por exemplo, apresentam um cenário que expressa o ambiente natural do nordeste do Brasil. É uma obra que trata da paisagem da seca no Sertão e do panorama da realidade social na cidade do Recife, com elementos que constituem e dão corpo à obra e expressam a força e a tonalidade simbólica da região através do estilo e das resolutas escolhas linguísticas de Cabral.

A iconicidade local, que mescla o sertão e o litoral pernambucano, seja talvez a grandeza da obra cabralina, com elementos que compõem a intensa luta de Severino pela sobrevivência durante a fuga do sertão para a cidade e todos os dramas de sua trajetória construídos a partir de um *puzzle* palavresco, que tenta condensar certa objetividade vocabular, mas que ao mesmo tempo sugere um lirismo poético em que se escapa a materialidade crua da palavra.

Sleepwalking Land, por sua vez, remete ao contexto cultural moçambicano, em um processo de desconstrução linguístico-semiótica proposital ao transgredir intencionalmente a língua portuguesa do colonizador, o que dá força ao seu caráter inventivo e, ao mesmo tempo, realça as especificidades da oralidade moçambicana. O próprio Mia Couto declara que as suas criações só poderiam ser feitas por um moçambicano, “por alguém que está naquele mundo” (COUTO, 1998, p.1029).

São dois autores que produzem obras cuja densidade linguística se insinua para além da força local, desestabilizando qualquer intenção ou interpretação monotônica, e que ao mesmo tempo, carregam na densidade dos elementos intraduzíveis formas de subversão ao que já existe.

É nesse sentido que o descortinamento idiomático estabelecido pelas versões em inglês pode fornecer meios para observar como os prospectos nação e idioma dialogam em um contexto amplo de divulgação global, de modo a entender a incidência disso nas questões relacionadas ao fator literário (entre o ético e poético).

4.1 O método de seleção dos excertos para análise

A tradução pode apresentar restrições de vários tipos, e elas se estendem desde as diferenças sistemáticas entre as línguas e suas culturas até as questões subjetivas dos autores e tradutores. É sabido também que a tradução pode suscitar formas de diálogo que não necessariamente subjuguem ou mitiguem a força cultural do texto fonte, mas que estabeleçam um entrelaçamento cultural significativo. Isso significa que devemos contextualizar a atividade tradutória em uma dimensão sociocultural, atrelando a essa dimensão a relação da linguagem com o imaginário das línguas e a memória cultural.

Aceitando que as normas da cultura de chegada determinam a adequabilidade e se configuram como pré-requisito para uma tradução com significâncias culturais, o método de análise que propomos na pesquisa procura situar a força local em sua relação com o global a partir do espaço da linguagem. Desse modo, serão selecionados fragmentos dos textos fonte e suas respectivas traduções que naturalmente expressem na forma poética o teor simbólico circunscrito nas memórias e no imaginário das línguas.

A partir do espaço da linguagem das culturas de partida, pretendemos observar os seguintes eixos temáticos e como eles se expressam para a cultura anglo-americana a partir das traduções:

- a) as lutas e esperanças do povo moçambicano e do povo nordestino brasileiro representadas nas trajetórias dos personagens e nas escolhas linguísticas de cada trecho escolhido;
- b) a natureza, a terra e a representação simbólica do místico e do sobrenatural refletidos na língua.
- c) a busca identitária representada nos protagonistas considerando as particularidades do contexto de partida das obras (em *Sleepwalking Land* e *The death and the life of a Severino*), atentando-se para ressignificação de todas essas representações em suas respectivas traduções.

Com os parâmetros avaliativos já definidos, delimitamos elementos que devem conduzir a análise das traduções de modo que possamos alcançar os

objetivos propostos. Para isso, partiremos do princípio de que o fator linguístico/literário das obras selecionadas se expressa em níveis sociais e culturais amplos, abrangendo no espaço da linguagem toda uma teia semiótica. Dentre esses elementos, elencamos aqueles que consideramos sobressalientes nos textos fonte para que possamos verificar suas respectivas traduções no texto alvo:

- Transgressões intencionais da língua portuguesa
- Alegorias (desconstruções fraseológicas, neologismo)
- Variantes do português
- Traços de oralidade

A natureza e o papel das normas refletem-se na atividade tradutória em toda sua complexidade, no interior do contexto sociocultural, e dizem respeito ao modo como elas se impõem ao conduzir o comportamento do tradutor. Uma análise descritiva, embora considere as condições culturais do ato tradutório na cultura fonte, compreende que a tradução entre línguas exerce seus efeitos exclusivamente na cultura alvo, sendo que aqui os valores da cultura alvo (anglo-americana) têm incidência global.

Por conseguinte, as possibilidades de interferência na tradução literária, nomeadamente a subjetividade transcriativa do tradutor e a fluência normativa encorajada pelo mercado editorial anglo-americano, serão analisadas sob os pressupostos teóricos que foram debatidos nos capítulos anteriores, considerando principalmente os níveis ideológicos que fazem a língua inglesa exercer domínio moral e intelectual na relação entre culturas e a padronização das normas tradutórias regidas no contexto cultural anglo-americano.

4.2 Os interstícios da Tradução Literária

4.2.1 A historicidade do português em condições translatórias

Segundo Apter (2013), a língua portuguesa é um desafio ao eurocentrismo no interior da própria Europa e, sob essa condição, encerra vocábulos como 'saudade', que, pela característica de intraduzível, requer um olhar crítico na literatura comparada: "Ela [a saudade] se torna um termo de tradução-oscilante –

em que se anuncia a dificuldade encontrada pelos escritores e seus tradutores em verter passagens que expressam complexos emocionais” (APTER, 2013, p. 147, tradução nossa)⁶³.

Assim também é o termo ‘fado’, que, como a mais significativa representação musical da cultura portuguesa, carrega em sua constituição histórica a relação dos portugueses com as navegações e acena principalmente para a nostalgia desse povo pelo direito exclusivo de sua língua, já que ela se fez diversa quando se tornou domínio de outras nações.

Ou seja, embora exista a tendência de querer reconhecer aquilo que não é europeu como forma de extrapolar as vias do logocentrismo, a falta de atenção a uma história de filosofia de países europeus com menos visibilidade já abre espaço para se pensar o eurocentrismo (como condição logocêntrica) nas circunstâncias dos intraduzíveis.

Os conceitos das palavras ‘fado’ e ‘saudade’, dentro de uma historicidade implicativa de domínio e de sujeição, explicam essa característica e a disposição de se criar estereótipos globais através de mitos (*mythmaking*) e da urgência de se inventar monumentos semânticos nacionais. Tanto o ‘fado’ quanto a ‘saudade’ cunharam-se como espectros de toda uma condição de *portugueseness*, em que estão entrepostos o sentimento lusitano, as relações imperiais e todo uma conjuntura de domínio em outros continentes, a exemplo da América do Sul e da África (APTER, 2013, 148).

São termos que, no lugar de assumirem a condição de impossibilidade tradutória, descerram o pensamento crítico sobre as circunstâncias da tradução literária, porque no interior de pluralidades históricas, as questões linguísticas/literárias se assumem como uma alavanca para questões políticas e culturais.

Ora se o português como a língua europeia da ‘saudade’ e do ‘fado’ já alça a complexidade histórica que retrata sua condição de intradução, inclinada, portanto, a tendências de apagamento na efetivação da tradução para qualquer outra língua, pensemos então sobre as condições da transformação e transplantação desse

⁶³ *It [saudade] becomes a term for translation-wobble- the difficulty encountered by both writers and their translators in rendering passages that expresses complexes of emotion* (APTER, 2013, p. 147)

português em outros territórios de dominação lusitana, como é o caso do Brasil e de Moçambique.

Os autores selecionados para a análise trabalham com os seus diferentes “portugueses”, e a construção estilística de suas obras expande em vários sentidos a condição da língua portuguesa para dar lugar a uma tensão complementar que contribui para dilatar o jogo das pluralidades semânticas.

Assim, percebendo como os “portugueses” de João Cabral de Melo Neto e de Mia Couto alargam a condição da *portugueseness* dentro do carácter polifônico, poderemos entender como se concretizam as ressignificações tradutórias para a língua inglesa, de modo que, finalmente, entreabra-se uma discussão sobre como as transposições linguístico-culturais se dispõem na cultura anglo-americana em termos de ética, poética e de crítica.

4.2.2 *O português árido de João Cabral*

Pensando nos atributos que adornam a linguagem de Cabral, é importante entender como a crítica literária enxerga a relação do autor com o seu idioma, tido como “a força e a densidade” que carregam a sua marca (REBUZZI, 2010, XI). É sabido que a complexidade da escrita cabralina reside principalmente no rigor da objetividade e na solidez de sua composição literária. Para mais, é com esse mesmo rigor que Cabral afirma: “eu escrevo para ser lido em português, ou melhor para ser lido em nordestino”⁶⁴.

Com a aridez a que, supostamente, associa-se à sua construção poética, o português nordestino de João Cabral compõe o seu objeto na medida em que a língua se molda pelo aperfeiçoamento imagético carregado de tradições nordestinas. O mítico e o sertão se poetizam nas palavras do autor, numa tentativa de negação a tudo aquilo que é subjetivo, pois o ato de escrever é, para ele, o desejo de encontrar a escolha certa da palavra, de modo que se lapide a língua a ponto de livrá-la de qualquer abstração:

[...] ele depura a linguagem até ‘neutralizar nela o sujeito como eu’, e nega a poesia dita profunda, escolhendo a superfície rude e popular na semântica, pois investe em imagens mais próximas ao nomeado chão da

⁶⁴ Cf. Rebbuzi, 2010, p.35

linguagem (o espesso, o podre, o sujo), imagens mais prosaicas (REBUZZI, 2010, p. 14).

Contudo, apesar das decisões do escritor e da necessidade que ele tem de despoetizar sua própria poesia, o objeto literário vai além dos contornos da palavra, chegando ao leitor livre de qualquer imposição. Isso quer dizer que, embora Cabral pense que sua poesia é pura objetividade e deleite de fabricação, há um lado da crítica que observa a sua capacidade de construir uma literatura em que tudo aquilo que se insinua sólido e inabalável pode ser transformado em matéria fluida.

É nesse sentido que a suposta objetividade dá lugar a marcas pessoais, em que não se deixam escapar, por exemplo, as influências que o poeta teve da literatura castelhana durante o tempo que viveu na Espanha ou sua vivência em Recife antes de viajar para o Rio de Janeiro.

Assim, a poesia cabralina está repleta desse movimento de deslocação. Segundo Barbosa (1975), essas idas e vindas resultam no desterramento tão comum a outros poetas brasileiros, que, por se afastarem do país, cantam sempre a memória da terra. É nesse entrelaçar de experiências pessoais que a linguagem de Cabral se desdobra em um paradoxo, porque embora queira ser pedra, ela parece mais um rio que se desliza pela superfície e que se aprofunda em infinitas possibilidades:

O poeta João Cabral trabalha seus poemas atento em dar a eles a materialidade que escapa ao lirismo e à escrita fácil, ao mesmo tempo que se preocupa em fazer valer um teor de compreensão e simplicidade nas palavras que acabam causando alguma estranheza, pois parecem buscar traduzir a experiência que não se traduz. Mas João Cabral corrobora na tensão da obra que não se submete nem ao sentido nem ao fácil (REBUZZI, 2010, p. 2).

Se a poesia de Cabral fosse pura materialidade objetiva, de fácil interpretação, não faria sentido analisar a sua tradução para a língua inglesa, e o nosso trabalho já estaria, por certo, fadado ao malogro. Entretanto, em sua obra residem aspectos que se desviam de suas primeiras intenções; eles são o nosso trunfo, são eles que nos fornecerão elementos para discutir sobre o processo tradutório e sobre as reações interpretativas de toda uma construção simbólica encontrada nos textos.

Ademais, a intenção de pedra se coloca como mais um desafio, porque, se a construção poética de João Cabral se assemelha, para ele mesmo, a uma prática

engenhosa da edificação de vias-férreas ou de pontes, essa reunião metódica de palavras é como um empilhamento de tijolos que vão compondo o todo poético.

Ou seja, cada palavra exige certo esforço do tradutor, seja porque essas palavras encerram o simplismo e a popularidade de influências da poesia trovadoresca ibérica (MUZART, 1981), seja porque a escolha minuciosa de palavras descerra uma condição da construção imagética que remete à cor e à peculiaridade da terra, fatos que fazem os tradutores confrontarem a memória coletiva de uma sociedade e a condição de próprio texto traduzido.

4.2.3 *O português inventivo de Mia Couto*

Da mesma forma que a língua cabralina possui tons que denotam sentidos diversos, a escrita de Mia Couto ecoa essa diversidade tônica através de um jogo de enigmas a serem desvendados pelo leitor/tradutor. As palavras que tecem o texto de Mia Couto podem surgir carregadas de uma tradição cultural ou encobertas de intenções inovadoras e criativas, por vezes, também imbuídas dessas tradições.

O escritor moçambicano lida com as questões da alma humana, abordando temáticas universais e locais a partir de um trabalho muito peculiar com a linguagem. O seu português é transgressor, contesta a língua do colonizador ao procurar desconstruir a aparente rigidez da lógica ocidental. Também é lúdico porque Mia Couto recria a realidade crua de Moçambique e se esquivava da estética realista para embarcar no mundo mágico que supera os pragmatismos (MORAES, 2013).

Não por acaso, a condição logocêntrica da literatura europeia parece ser constantemente combatida nos romances coutianos. Há, em sua obra, uma realidade textual que se assemelha à realidade extratextual, porque o texto e a linguagem de Mia Couto se apropriam da realidade cultural da tradição moçambicana, oferecendo à poeticidade narrativa um lugar para além da criação ficcional, o que desponta a dimensão histórica em suas narrativas. Reflexos desse combate são as transcrições (no próprio português) que remontam a uma tradição de oralidade e distanciam-se de parâmetros linguísticos afixados, ou as desconstruções fraseológicas de ditos e provérbios, sem esquecer da acentuada presença de termos autóctones.

Entretanto, a realidade histórica não é contada por Mia Couto de forma categórica, ao contrário, as palavras são cuidadosamente escolhidas para expressarem a própria imaterialidade do sentido. Essa desarrumação intencional da linguagem revela seu tom rebelde e contestador ante a cultura estática do colonizador, que é incapaz de expressar a lógica do outro mundo, por isso ele revivencia o falar oral moçambicano se esforçando para recuperar uma identidade através da recriação do português:

Na ficção coutiana, a representação da realidade não se dá pela estratégia naturalista, pela ilusão da transparência, de uma suposta aderência da palavra ao real, mas sim pela imbricação entre maravilhoso e alegoria, ou seja, por desvio, pela disjunção entre palavra e coisa. O tratamento dado a língua, de caráter lúdico, e o recurso recorrente à metalinguagem, concorrem para que a auto-referencialidade se instale reforçando essa disjunção (MORAES, 2013, p. 197).

Em suma, toda essa densidade criativa pode ter ser interpretada sob perspectivas diversas na tradução para o inglês, pois tanto se pode agregar à tradução um valor linguístico que beira o exotismo, quanto é possível ignorar esse valor em prol de um entendimento raso da realidade extratextual moçambicana, raso porque as críticas dos moçambicanos sobre Terra Sonâmbula incidem justamente no fato de que a obra apela para esse lado da apropriação da realidade cultural de Moçambique e que faz o estrangeiro se interessar meramente por questões antropológicas, principalmente porque sabemos que a África, sob o ponto de vista ocidental, se assemelha ao que foi a América no século XVI.

4.3 A premiação e o mercado editorial

Segundo Campos (1981), a toda literatura latino-americana, e aqui ousaremos ampliar a reflexão também para a literatura africana, existe uma tendência de se empregar a palavra subdesenvolvimento na intenção de se reduzir mecanicamente a condição da literatura produzida em territórios economicamente subdesenvolvidos. Ora, essa condição vem atrelada a toda uma historicidade que justifica esse subdesenvolvimento como consequência de relações econômicas e políticas, mas, para o discurso do capital cultural, ela serve mais como forma de inferiorização e pode promover uma posição desfavorável.

Sob o ponto de vista dos estudos acadêmicos, está claro que a tradução extrapola as questões formais da língua e atinge problemas mais profundos, tais como os fatores culturais, éticos, econômicos etc. Entretanto, entendemos que o ponto de vista e a discussão do senso comum sobre a tradução ainda resultam em conflitos insuperáveis, que se situam basicamente entre a possibilidade de o texto traduzido tornar-se impecavelmente legível na língua de chegada e a necessidade de preservação das características linguístico-culturais do texto de partida.

No interior desses conflitos, há o propósito implícito da perfeita cópia e a crença de que a tradução é capaz de trazer com ela todos os elementos presentes no texto fonte, conceitos que permanecem sustentados pelo mercado editorial. É válido dizer novamente que quase toda tradução literária passa pelo aval das editoras, que são responsáveis por publicar os textos traduzidos e por agenciar a divulgação das obras na cultura alvo, e que a grande maioria dessas editoras tem a intenção de tornar os livros artefatos acessíveis no mercado literário, assumindo, para o público leitor, a voz do tradutor como inaudível.

A tradução literária será sempre um incômodo velado para a instância do mercado editorial, pois coloca em causa toda uma estrutura que se baseia em discursos homogeneizantes. No caso das obras em análise, são traduções de dois autores de língua portuguesa (um brasileiro e um moçambicano) que têm a característica comum de trabalhar a linguagem no texto fonte de forma muito peculiar. Esses autores foram premiados pelo Neustadt, prêmio da Universidade de Oklahoma reconhecido mundialmente.

É importante lembrar que, no contexto da globalização, a premiação tem sido uma forte aliada para a divulgação de obras na indústria cultural. Nesse sentido, é necessário que pensemos sobre as premiações literárias e sobre a forma como elas estão em consonância com o mercado, na medida em que ambas se apresentam como duas instâncias modernas responsáveis por construir a simbologia do campo literário e por dar sentido público às obras e aos autores (ENGLISH, 2005).

As premiações culturais nos remetem à antiga Grécia e são práticas que existem desde meados do século VI. No início, tinham principalmente dois propósitos: elevar o *status* do vencedor do prêmio e promover festividades locais em grande escala, tornando-se atratividades cruciais para a movimentação de turistas. A partir do surgimento do Prêmio Nobel em 1901, primeira premiação

moderna de Literatura, outras premiações literárias ficaram conhecidas mundialmente e vêm adquirido prestígio ao longo dos anos.

Esse prestígio, de alguma forma, incide tanto no reconhecimento quanto na recepção dos autores no campo da literatura mundial, influenciando a circulação de suas obras. Fato é que as premiações mais reconhecidas mundialmente ocorrem em países europeus ou nos Estados Unidos, o que declaradamente confirma o domínio e a autoridade de certas culturas para ditar o que pode, ou não, se tornar globalmente admirável.

Segundo English (2005), entre as décadas de 1980 e 1990, houve uma necessidade de incluir, nas premiações inglesas e dos Estados Unidos, artistas provenientes de culturas pós-coloniais e de menor visibilidade no panteão da literatura mundial. Essa tentativa parece querer dar espaço às culturas locais, não fossem os controles e imposições do padrão global que estão implícita e hierarquicamente dispostos. Ou seja, as regras do jogo já preexistem e estão sob a determinação das culturas hegemônicas, sendo assim, o suposto fortalecimento das culturas pós-coloniais em contexto global acaba por se tornar, na prática, mais um exemplo de subjugação:

Vista por um lado como uma necessidade para o mundo pós-colonial e como uma obrigação ética por parte das grandes potências (uma questão de respeito e reconhecimento genuínos, não mera filantropia simbólica), o investimento de capital simbólico estrangeiro em mercados simbólicos emergentes tem sido visto, por outro lado, como um meio de sustentar de forma menos aberta e direta os velhos padrões de controle imperial sobre as economias simbólicas e, portanto, sobre a própria prática cultural (ENGLISH, 2005, n.p, tradução nossa)⁶⁵.

A premiação global segue seu padrão de hierarquização em vários níveis, mas as regras que conduzem as demandas do público leitor são elaboradas de maneira tão furtiva que, em geral, não se pensa sobre essa manipulação. Por outro lado, há quem conteste o domínio cultural, apontando para a forma como a globalização se vale de uma simbolização estereotipada em massa para perpetuar valores uniformizantes que distorcem as tradições.

⁶⁵ *Viewed on the one hand as a necessity for the postcolonial world and an ethical obligation on the part of the major powers (a matter of genuine respect and recognition, not mere symbolic philanthropy), the investment of foreign symbolic capital in emergent symbolic markets has been seen on the other hand as a means of sustaining less overtly and directly the old patterns of imperial control over symbolic economies and hence over cultural practice itself* (ENGLISH, 2005, n.p).

Na contemporaneidade, esse modelo de prêmio visa a garantir o próprio reconhecimento e se alia a critérios econômicos principalmente porque deseja alcançar audiência massiva. Esse é o caso do *Oklahma's Neustadt International Prize for Literature*, que nasce com a proposta de se aproximar do modelo do Prêmio Nobel da Suécia e brada por ser considerado "The American Nobel". É sem dúvida um prêmio multicultural, pois tanto o júri como os nomeados são compostos por pessoas de diferentes partes do mundo, no entanto o que mais o Prêmio Neustadt parece querer garantir é sua autopromoção entre as universidades dos Estados Unidos e alcançar valor nacional (ENGLISH, 2005).

4.4 *The death and the life of a Severino* em contexto

Para analisar as traduções em seus contextos específicos, é conveniente que separemos os textos de modo que os processos de cada um deles sejam analisados de forma detalhada. Isso facilitará a verificação de aspectos relevantes para a pesquisa e permitirá que pensemos sobre como as condições do ético e do poético se apresentam nas versões escolhidas para análise.

Atualmente, há mais de uma versão de traduzida para o inglês de *Morte e Vida Severina*, mas optamos aqui pela versão de Elizabeth Bishop, única publicação em língua inglesa antes do recebimento da premiação do Neustadt. A versão se encontra em uma publicação de poemas selecionados da própria autora em 1969 e foi a primeira de João Cabral de Melo Neto publicada em inglês.

Além disso, a versão do poema se encontra em uma antologia de poemas editada por Bishop (1972) e em outra, mais recente, editada por Djelal Kadir (1994) em versão bilíngue (inglês/português), que conta com a colaboração de vários tradutores, incluindo Elizabeth Bishop. Utilizamos a coletânea de 1994, pois como diz o próprio editor, ela foi motivada pela contemplação do prêmio Neustadt:

A presente coletânea tem como essência os poemas de Cabral dessa antologia [de 1972]. O ímpeto para a expansão dessa essência em um volume completo veio da contemplação do poeta do Prêmio Internacional Neustadt de Literatura em 1992, um prêmio anteriormente adquirido pela própria Elizabeth Bishop e patrocinado pela *World Literature Today*, o mais antigo periódico trimestral de publicação literária internacional nos Estados Unidos (KADIR, 1994, p.10, tradução nossa, grifo do autor)⁶⁶.

⁶⁶ The present collection takes the Cabral poems in that anthology as its core. The impetus for the expansion of that core into a full-fledged volume came from the poet's selection as laureate of the

É importante mencionar que a versão de *The death and the life of a Severino* publicada por Elizabeth Bishop apresenta apenas algumas seções, assim, contamos apenas com os quadros I, II e XIV do poema em inglês. Nesse sentido, uma das primeiras questões relevantes para análise das versões em inglês da obra de Cabral será compreender se elas resultam da necessidade de alavancar a fluência da língua inglesa, passando por um processo de higienização que pode generalizar elementos do local e do particular (VENUTI, 1995).

O fato de não haver uma versão completa dos poemas em nenhuma das antologias mencionadas acima é, no mínimo curioso, porque *Morte e Vida Severina*, é o poema mais conhecido de João Cabral. Talvez esse reconhecimento nacional seja em decorrência da publicação da versão fílmica em 1977, ou pela versão musicada de Chico Buarque em 1969, mas é inegável que o poema dramático sobre a trajetória de Severino é a grande referência da obra do escritor.

As circunstâncias editoriais nos fazem querer discorrer criticamente, encarando o trabalho tradutório como um espaço de contradições, em que a tentativa de traduzir o (in)traduzível tende a transformar a independência criativa do tradutor em um desabrochar de regras mandatórias. Isso nos faz pensar que, fosse a transcriatividade sugerida por Campos (1981) uma condição da tradução reconhecida pelo senso comum, as sucessivas negociações e lutas próprias do diálogo cultural poderiam chegar a níveis menos iníquos; pois quando a lógica criativa é assumida na tradução, surge uma possibilidade de redenção que faz exultar o lado poético e ético da literatura.

Quanto aos critérios que podem ter levado Bishop, ou a editora, a considerar apenas três trechos para a versão de *The death and the life of a Severino*, desconhecemos. Parece, *a priori*, que a seleção teve um julgo crítico bastante introdutório, de apresentação, já que dois dos fragmentos são as primeiras partes do texto. Entretanto, há também a tradução da parte número XIV, cujos detalhes serão discutidos mais adiante. Fato é que essa imensa lacuna se torna um espaço para que pensemos criticamente.

Neustadt International Prize for Literature in 1992, a prize previously won by Elizabeth Bishop herself and sponsored by World Literature Today, the oldest continuously published international literary quarterly in the United States (KADIR, 1994, p.10)

Segundo Muzart (1981, p), a popularidade de *Morte e Vida Severina* deve-se ao cuidado de João Cabral em abordar a temática da seca no nordeste do Brasil de forma bastante humana. Cada etapa dos 18 quadros e 1215 versos do poema decorre de uma “esmerada construção” palavresca que permite ao leitor vivenciar aquela realidade atingindo, no final da leitura, uma experiência catártica.

Por se tratar de um poema dramático que se assemelha a uma construção narrativa em prosa, em que o próprio poeta diz: “[...] O poético se enriquece na medida em que é prosaico, como *O rio, Morte e vida severina*, etc.” (MELO NETO, 1994, *apud* SANTIAGO, 2012, p. 41), *Morte e Vida Severina* tem a característica de condensar toda uma qualidade polilinguística⁶⁷, situada principalmente nas constantes marcas de oralidade e nas escolhas vocabulares, inclusive nos anacronismos de João Cabral.

Diante disso, podemos afirmar que o espantoso espaço em branco da versão em inglês acaba por negligenciar essa complexidade construtiva, limitando os leitores apenas a um recorte, o que suscita uma série de questões que podem ser respondidas pela análise do texto. Assim, para dar início à análise textual, é importante que façamos um comentário sobre o título da versão em inglês, pois há nele um fator consideravelmente relevante para a discussão proposta ao longo desse trabalho, que recai na necessidade de pensar sobre os fatores geopolíticos que perpassam a literatura comparada e a tradução literária.

Diferentemente da versão em português, o título em inglês dá relevância ao sujeito-personagem e parece tão-somente sugerir que a obra trata da morte e da vida de um homem cujo nome é Severino, um Severino qualquer. Pode ser que a tradutora tenha optado pela não adjetivação do substantivo próprio, como ocorre em português, porque a adjetivação em inglês não expressaria sentido fácil e, tratando-se de um título, supõe-se que as adaptações tendem a atrair a atenção do leitor pela simplificação.

Dessa forma, embora não possamos validar essa justificativa, entendemos que a adaptação para o inglês, ao optar por naturalizar (ou higienizar), conteve toda uma evocação simbólica que caracteriza o universo geopolítico abordado por Cabral.

⁶⁷ Segundo Berman (2012, p.65), a prosa possui esse caráter polilinguístico porque é capaz de mobilizar e manifestar a totalidade das línguas a partir de uma certa informidade resultante da enorme mistura de línguas na obra.

Ainda que no decorrer da leitura seja possível perceber que Severino de Maria do finado Zacarias, em sua trajetória de retirante, é o personagem fictício que engloba toda uma coletividade, a ausência da adjetivação ‘severina’ no título em inglês nos leva a uma reflexão sobre a problemática que abordamos no segundo capítulo quanto a uma possível canibalização da tradução, como ato de respeito pela cultura do outro, a partir de um processo de *transculturação* ou de *transvalorização*⁶⁸.

Berman (2012, p171) diz que a mistura de “literalidade” (de literal) e “liberdade” deve ser o propósito da tradução acolhedora e não etnocêntrica, mas o que percebemos é que o empreendimento tradutório tem bases históricas que colocam o estrangeiro em um lugar muito distante. É possível alargar a discussão se apontarmos para a condição etimológica da palavra “severo”, do latim *severus*, que também dá origem ao termo “*severe*” em inglês. Esse seria especialmente o lugar da congruência de bases históricas renunciado pelo empreendimento tradutório, pois o severo do português é o mesmo severo do inglês, o severo que simboliza no texto a própria severidade da realidade social do nordeste brasileiro.

John Milton (1998, p 107), professor da USP e autor da mais recente tradução de Morte e Vida Severina (*Death and Life of Severino*), fala sobre isso em sua tradução comentada, apontando sobre a relação semântica entre os termos.

Apontando para o trecho do primeiro quadro, percebemos ainda que a ressignificação do nome Severino foi abordada por Bishop na amplitude da designação dos sobrenomes. Enquanto Severino diz que não tem outro nome de batismo (**não tenho outro de pia**), o Severino de Bishop diz que não possui nome de batismo (**no Christian name**).

Excerto 1

<p>— O meu nome é Severino Não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado</p>	<p>- My name is Severino, I have no Christian name. There are lots of Severinos (a saint of pilgrimages) so they began to call me Maria’s Severino. There are lots of Severinos with mothers called Maria, so I became Maria’s</p>
--	--

⁶⁸⁶⁸ Cf. Campos (1981)

Zacarias.

of Zacarias, deceased.

A confusão pode causar no leitor de língua inglesa a ideia de que o Severino é um sobrenome, comum a outros indivíduos, mas se pensarmos pela lógica da cultura de partida, a simbologia materializada no nome individual do personagem se relaciona à vulgarização e à banalização desse nome próprio no Brasil e se baseia em um estereótipo que condiciona o sujeito a ser o outro desprezado.

O jogo entre o substantivo próprio e a adjetivação qualitativa capta essa relação dualística entre alma/corpo, eu/outro, condensando-os em um só lugar, mas a ressignificação do nome no contexto anglo-americano parece não dar lugar para a metáfora de tom denunciativo da obra nem para o construto simbólico do nome, que representa, no contexto de partida, o descaso geral pela condição dos retirantes e a recorrente generalização atribuída ao povo do Sertão.

A voz denunciativa é de Cabral, mas pertence muito mais a Severino, que é indivíduo coletivizado, porque personaliza toda uma condição humana de austeridade, pobreza e privações. Seja por condensar no falar oral - cuja predominância tem implicações históricas - essa personificação individual, seja pelo nome de batismo de um indivíduo que se torna anônimo em meio a tantos outros em condições semelhantes, como disse muito bem Muzart (1981, p. 38):

É um nome comum, no Nordeste, e aqui, no poema, tem também a conotação de severidade, severo não da pessoa (que o fosse) mas da vida que leva — vida severa, com privações. Ora o nome é substantivo, ora qualifica. Nesse qualificar engloba tudo: gente, vida, paisagem árida (severina).

No texto em inglês, a ressignificação da morte severina parece enquadrá-la em uma classe, tipo ou espécie: **the Severino death**. Assim, a adjetivação de **death** através do substantivo próprio **Severino** (*proper adjective*) só surge após uma longa explicação sobre a “espécie” **Severino**. Essa estratégia tradutória pareceu ter estabelecido uma categoria específica de morte, como se houvesse outras, de categorias diferentes. Principalmente se considerarmos que essa definição restritiva não aparece no título.

Assim, a tendência categorizante surge apenas para separar, uma vez que o tom usado na tradução de Bishop é limpo, correndo o risco de o discurso se tornar apático e distante do leitor. Trata-se de um processo de racionalização discursiva

que acaba por provocar um distanciamento não presumido no texto fonte. Nesse sentido, a ausência de uma opção criativa acaba por decompor os níveis simbólicos, porque tenta explicar e tornar claro o que não está tão explícito no texto fonte:

Excerto 2

<p>E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).</p>	<p>And if we Severinos are all the same in life, we die the same death, the same Severino death. The death of those who die of old age before thirty, of an ambush before twenty, of hunger a little daily. (The Severino death from sickness and from hunger attacks at any age, even the unborn child.)</p>
--	--

Ora, a morte severina não é uma categoria, mas uma simbolização, contada em verso popular, que aproxima o leitor da condição humana dos que vivenciam recorrentes misérias. Prova dessa condição humana são os vários elementos da obra que se assemelham à história de Cristo, ainda que seja por meio da memória e iconicidade local que os elementos universais se apresentem.

No quadro II, que segue logo depois da apresentação de Severino e de toda representação simbólica atrelada a ele, há ainda mais intensa expressividade dos elementos populares, com influências da literatura ibérica e da literatura humanista do séc. XVIII na tessitura do texto: “versos curtos e dicção objetiva” (MOISES, 1974 apud MUZART, 1981, p. 33). Além disso, a intenção de Cabral ao escrever o poema era demarcá-lo como acessível para audiência popular, trazendo nele fortes traços da poesia de cordel.

No encontro de Severino com os **brothers of soul** (irmãos das almas), que carregam um lavrador morto, vêm à tona as condições austeras do povo sertanejo (**lavrador/farmer**) ante a força dos grandes latifundiários. Esse encontro se dá a partir de um diálogo repleto de indicativos e de “metáforas vivas”, tomando emprestada a observação de Rebuszi (2010).

Alguns termos em português sugerem a peleja e as condições desfavoráveis do lavrador morto. A **ave-bala** e as **filhas balas**, por exemplo, apontam para a

inexistência do sujeito que matou **Severino Lavrador**, morto sem razão. A falta de menção aos donos (ou dono) da bala indica a banalidade da morte, condição dos Severinos e, ao mesmo tempo, lança uma metáfora que situa o leitor sobre o grande e incontrolável poder dos que têm as armas na mão, os coronéis e senhores de terra.

Na tradução para o inglês, embora a sonoridade dos versos se apresente com bastante frequência, o distanciamento das marcas de oralidade acaba por fornecer uma elucidação clara do contexto. Por meio dessa clarificação em **this bullet bird out** e de **bullets to teach to fly**, a tradução revela sua disposição usual de padronizar o discurso para torná-lo acessível ao público de língua inglesa, pois, ainda que o sentido de **bullet** acabe por adquirir certa animosidade, com ações que o complementam como, **bird out** e **teach to fly**, ele torna a relação entre a bala e os senhores de terra um pouco mais distante:

Excerto 3

<p>— E quem foi que o emboscou, irmãos das almas, quem contra ele soltou essa ave-bala? — Ali é difícil dizer, irmão das almas, sempre há uma bala voando desocupada. — E o que havia ele feito, irmãos das almas, e o que havia ele feito contra a tal pássara?</p>	<p>—And who was it ambushed him, brothers of souls, who let this bullet bird out, to harm him? —That's hard to answer, brother of souls, There's always a bullet idle and flying. —But what had he done, brothers of souls, what had he done, to harm such a bird?</p>
---	---

Excerto 4

<p>E agora o que passará, irmãos das almas, o que é que acontecerá contra a espingarda? — Mais campo tem para soltar, irmão das almas, tem mais onde fazer voar as filhas-bala.</p>	<p>—And now what will happen, brothers of souls, will measures be taken against that gun? —It has more space to fly in, brother of souls, more space and more bullets to teach to fly.</p>
--	---

Outros termos, como **defunto de nada** e **Severino Lavrador** que **já não lavra**, simbolizam a insignificância do sertanejo e a perda da individualidade perpetrada pela condição de ser nada. Por sua vez, **Defunct nobody** e **Severino Farmer** demonstram a força criativa de Bishop quando ela ressignifica a condição do morto desimportante (**defunct nobody**) e de sua inferiorização em **farmer**, termo usado comumente como sinônimo de simplório e sem sofisticação no inglês:

Excerto 5

<p>A quem estais carregando, irmãos das almas, embrulhado nessa rede? dizei que eu saiba. — A um defunto de nada, irmão das almas, que há muitas horas viaja à sua morada. — E sabeis quem era ele, irmãos das almas, sabeis como ele se chama ou se chamava? — Severino Lavrador, irmão das almas, Severino Lavrador, mas já não lavra.</p>	<p>—Whom are you carrying, brothers of souls, wrapped in that hammock? kindly inform me. —A defunct nobody, brother of souls, travelling long hours to his resting place. —Do you know who he was, brothers of souls? Do you know what his name is, or what it was? —Severino Farmer, brother of souls, Severino Farmer, farming no more.</p>
--	--

Nos quadros I e II, alguns elementos apontam para um encadeamento de palavras que remete à secura do sertão pernambucano, como é o caso da descrição da **Serra da Costela** (espaço ficcional), como **magra e ossuda**, ou nos casos em que se intensificam expressões que apontam para a dificuldade do cultivo da terra, como **'abrandar estas pedras, suando-se muito em cima'**, **'terra sempre mais extinta'**, **roçado de cinza, magros lábios de areia**.

A versão em inglês acompanha esse conjunto semiótico na medida em que recria o espaço de escassez e da fome, a exemplo das respectivas escolhas tradutórias presentes no primeiro quadro, como **Mountain of the Rib, thin and bone mountain**, como mostra o **Excerto 6**:

Excerto 6

<p>Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia.</p>	<p>Let's see: the Severino of Maria of Zacarias, from the Mountain of the Rib, at the end of Paraíba. But still this doesn't mean much. There were at least five more with the name of Severino, sons of so many Marias, wives of so many other Zacariases, deceased, living on the same thin, bony mountain where I lived.</p>
--	---

Do mesmo modo, a tradução dos termos que reforçam a dificuldade de laboração da terra, própria do contexto local, recupera o jogo de palavras carregado de significância:

Excerto 7

<p>Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar algum roçado da cinza.</p>	<p>We are many Severinos and our destiny's the same: to soften up these stones by sweating over them, to try to bring to life a dead and deader land, to try to wrest a farm out of burnt-over land.</p>
---	---

Os dois primeiros quadros tratam do começo da travessia de Severino, que, do Sertão pernambucano, passa pelo Agreste e chega à Zona da Mata na cidade do Recife. O espaço no poema é construído pelo uso de vários elementos locais que se mesclam à universalidade do tema, e é a partir da construção simbólica desse deslocamento espacial que a denúncia sobre as misérias vem à tona no texto fonte, em cujo encadeamento semântico, formam-se espaços reais e ficcionais.

Na versão em inglês, o processo criativo de Bishop estabelece uma relação dialógica que favorece a poeticidade, reassumindo, muitas vezes, a força imagética construída no texto fonte. Contudo, a própria tessitura textual de Cabral se expande para o universal, e a tradução acaba se apoiando nessa prerrogativa para construir

uma imagem que não recupera em quase nenhum momento a amplitude da realidade local.

Isso quer dizer que a intensa expressividade denunciativa da realidade social é suprimida, ao passo que os níveis simbólicos da tradução são atravessados, constantemente, pela naturalização da língua inglesa. Esse também é o caso do último quadro da versão traduzida, que surge disperso, após longa lacuna, e ocorre em seguida ao nascimento de uma criança, informação apresentada entre colchetes, no título, apenas para situar o leitor (***A child is born***).

Em português, a simbologia da vida é trabalhada em uma tonalidade poética capaz de condensar o local e o universal. Assim, a universalidade do tema ecoa na temática da religiosidade e na referência ao nascimento de Cristo, e os elementos locais estão representados na teia semiótica que versa sobre o Recife, cidade **úmida**, de **lama** e de **mau-cheiro**.

Em inglês, o encadeamento discursivo evoca uma simbologia universal, em que se compreende o nascimento da criança, retomado pelo referente do pronome **his**, como em **singing in his praise**, e as condições desfavoráveis do ambiente em que esse nascimento ocorre, como nos vocábulos **mud**, **stench**, **mosquitoes**. Também a partir das escolhas vocabulares, percebemos um jogo de palavras que contrasta a evocação simbólica positiva relacionada ao nascimento da criança e as associações vocabulares negativas que aludem à adversidade do meio, como vemos abaixo:

Excerto 8

<p>— Todo o céu e a terra Ihe cantam louvor. Foi por ele que a maré esta noite não baixou. — Foi por ele que a maré fez parar o seu motor: a lama ficou coberta e o mau-cheiro não voou. — E a alfazema do sargaço, ácida, desinfetante, veio varrer nossas ruas enviada do mar distante. — E a língua seca de esponja que tem o vento terral veio enxugar a umidade do encharcado lamaçal.</p>	<p>—All the heaven and earth are singing in his praise. It was for him the tide didn't go out tonight. —It was for him the tide The mud stayed covered up and the stench didn't rise. —And Sargasso lavender, acid and disinfectant, came to sweep our streets, sent from the distant sea. —And the sponge-dry tongue of wind from the interior came to suck the moisture out of the stagnant puddle. —All the heaven and earth</p>
--	---

<p>— Todo o céu e a terra lhe cantam louvor e cada casa se torna num mocambo sedutor.</p> <p>— Cada casebre se torna no mocambo modelar que tanto celebram os sociólogos do lugar.</p> <p>— E a banda de maruins que toda noite se ouvia por causa dele, esta noite, creio que não irradia.</p> <p>— E este rio de água cega, ou baça, de comer terra, que jamais espelha o céu, hoje enfeitou-se de estrelas.</p>	<p>are singing in his praise. And every house becomes an inviting refuge.</p> <p>—Every hut becomes the kind of ideal refuge highly thought of by the sociologists.</p> <p>—The orchestra of mosquitoes that broadcasts every night, because of him, I think, is off the air tonight.</p> <p>—And this river, always blind, opaque from eating dirt, that never reflects the sky, has adorned itself with stars.</p>
---	---

Contudo, a falta de contextualização espacial compromete a percepção do leitor sobre as nuances denunciativas implicadas em toda obra. Sobre isso, é importante que falemos da construção espacial na tradução de Bishop, cuja incompletude pode incidir em uma série de questões. Uma delas é a trajetória de Severino, que, entre o Sertão (seco) e o Recife (úmido), faz um percurso que compõe o todo poético de Morte e Vida Severina.

No espaço narrativo de contrastes ambientais, entre o litoral e o sertão, a condição de Severino é constantemente marcada por desventuras, seja em terras secas e improdutivas, ou na umidade da cidade litorânea do Recife. O rio (Capibaribe) aqui representa muito o devir incerto do sertanejo que foge da seca para se ver mais uma vez enredado em um meio ambiente hostil e inóspito, cuja lama aponta metaforicamente para a sua condição de subalternidade.

A tradução faz algumas menções ao contexto local, a exemplo das retomadas pela estratégia de estrangeirização de dois vocábulos, como em “**Retirante**”, marcado entre aspas no título do quadro I, e **senhor**, marcado em itálico também no primeiro quadro. Há também a manutenção do nome de espaços geográficos reais, como Pernambuco e Paraíba. Outra referência é uma nota de fim explicativa sobre o termo coronel/**colonel** e sobre **irmãos das almas/brothers of soul**, que assim diz:

*Colonel” means any big landowner, not necessarily a real colonel. * The “brothers of souls” refrain refers to a religious sect in the north of Brazil, one of whose duties is the burial of the pauper dead.*

Colonel significa qualquer grande dono de terra, não necessariamente um coronel. *The brother of souls refere-se a um segmento religioso no norte do Brasil, cuja função é o enterro do morto pobre (Tradução nossa).

Fato é que existe uma tendência etnocêntrica na tradução de Bishop, algo bastante recorrente nas traduções para a língua inglesa. O problema dessas traduções é que elas correm sério risco de categorização e generalização, resultando no desconhecimento do contexto da cultura de partida. O deslocamento tradutório nos consente, assim, a possibilidade de avaliação da *translation* (translação/tradução) entre o local e o global que ocorre através da transmutação sígnica. Assim, é possível colocar em contraste a suposta rigidez lexical e a intrínseca qualidade fluida do sentido, incidindo na defesa da afirmação de que nada é traduzível (APTER, 2013).

Sendo as línguas uma conjuntura específica, onde as formas dominantes mantêm o domínio sobre as menores variáveis, como afirma Venuti (1998), os textos literários podem ser inovadores quando colocam a língua principal em uma constante variação. Se essa inovação da língua padrão torna-se obscura na língua alvo significa que a heterogeneidade da obra é comprometida.

Ainda assim, a consciência sobre a força da tradução na formação de identidades culturais não reside só na necessidade de se pensar as estratégias da tradução como meio de dirimir as violências culturais, mas de se repensar os padrões que permeiam o próprio discurso sobre a tradução, uma vez que ele tem sido continuamente reproduzido pelo senso comum e tem, por consequência, demandado do mercado literário global uma postura um tanto negligente sobre as questões culturais e de tradução.

A análise de *Sleepwalking Land* trará mais alguns elementos para a discussão sobre o mercado editorial e a premiação anglo-americana, ajudando a alargar o debate sobre a forma como a implícita influência do discurso comum sobre tradução traz consequências para a imposição de normas editoriais, e sobre a tendência do apagamento de elementos culturais através da naturalização do inglês, fatores que vão atingir os níveis éticos e poéticos da tradução literária.

4.5 Algumas considerações sobre *Sleepwalking Land*

A versão de *Terra Sonâmbula* que utilizaremos na pesquisa foi publicada no Brasil em 2009, pela Editora Companhia das Letras. Essa é uma publicação brasileira que mantém a grafia do português de Moçambique, não se diferenciando em termos de escrita e estrutura da sua primeira edição, publicada em Lisboa pela Editora Caminho em 1992.

Além de ter sido uma obra referência para o recebimento do prêmio Neustadt por Mia Couto em 2014, *Terra Sonâmbula* impulsiona a nossa investigação na medida em que se constitui de uma linguagem subversiva ante o projeto de dominação cultural da metrópole. Escrita em português moçambicano, é uma obra que incorpora aspectos da existência humana, rondando o fantástico e o maravilhoso em uma cultura de imaginação, de tradições, de fábulas e sonhos (RIOS, 2007).

A tessitura narrativa é repleta de resistências aos padrões linguísticos da língua portuguesa, o que significa uma renovação criativa do português moçambicano que surge imbuída de significâncias culturais. Nesse sentido, são as características que subvertem a tendência homogeneizante da cultura ocidental que impulsionam a reflexão sobre as escolhas do tradutor David Brookshaw na versão em inglês, *Sleepwalking Land*.

David Brookshaw é natural da Inglaterra e possui doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de Londres. Atualmente é professor de Estudos Brasileiros, Estudos Portugueses e Literatura Africana em português no Departamento de Estudos Hispânicos, Portugueses e Latino-Americanos da Universidade de Bristol. As traduções de Mia Couto feitas por David Brookshaw datam de 1990, com *Vozes anoitecidas/Voices Made Night* e *Cada homem é uma raça/Every man is a race* (1994), pela editora Heinemann. A partir de 2001, a publicação passa a ser da editora Serpent's Tail, com *A varanda do Frangipani/Under the Frangipani*, em 2001, e a última publicação até o momento, em março de 2013, de *O afinador de Silêncios/A tuner of silences* (MAIA, 2015).

Sleepwalking Land foi publicada em 2006, pela editora britânica, Serpent's Tails, catorze anos depois da primeira edição de *Terra Sonâmbula* (1992). O livro recebeu boas críticas de meios de comunicação reconhecidos no contexto

britânico, sendo considerado um dos melhores livros africanos publicados no século XX pela revista *The Good Book Guide*.

Na cerimônia de recebimento da premiação Neustadt, em 2014⁶⁹, Mia Couto apareceu acompanhado de David Brookshaw. Em seu discurso, fez questão de agradecer ao tradutor por sua imensa contribuição para a divulgação das obras em contexto global e por tê-lo acompanhado desde o início de sua carreira. Na ocasião, Mia Couto também aproveitou para mencionar sobre o enorme distanciamento existente entre a cultura dos Estados Unidos e a de Moçambique, apontando para a importância do prêmio para o estreitamento das relações entre os dois países.

Em meio a elogios à Universidade de Oklahoma, por ser uma via de aproximação, e ao agradecimento pelo recebimento do prêmio, Mia Couto revela seu reconhecimento sobre a importância do processo tradutório para a literatura, deixando muito claro seu respeito ao tradutor quando se refere a um momento em que ambos (Couto e Brookshaw) estavam em Moçambique, no período da guerra civil, e ouviram uma explosão que germinou um silêncio incômodo: “estamos unidos nessa atividade compartilhada, ele [Brookshaw] traduz palavras e eu traduzo aquele silêncio”.

Tendo sido traduzido para o inglês já no século XXI, e se tratando de um romance em prosa, *Sleepwalking Land* conta com um processo de divulgação e recepção muito diferente de *The death and the Life of a Severino*. Assim, enquanto a obra referência de Cabral se limitou, mesmo alguns anos depois do recebimento do prêmio (2 anos), a uma publicação incompleta em uma coletânea de poemas, a obra de Mia Couto parece ter adquirido muita força globalmente, em meio a uma explosão de interesses pela diversidade e pelas literaturas pós-coloniais.

Uma pequena pesquisa no *google*, com as palavras-chaves: “Mia Couto” e “Neustadt Prize”, revela que, de 2014 a 2020, existem mais de 45.900 resultados com *links* de acesso a notícias, obras e outras tantas referências a Mia Couto. Esse é um número bastante significativo, porque mostra a importância das premiações literárias para a divulgação dos autores e suas obras em contexto global, especialmente nos dias de hoje. Ainda quando comparamos essa quantidade de entradas com as de João Cabral, os números de Mia Couto mais que dobram.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HFnrS4UOPC0>. Acesso em março de 2020.

Sleepwalking Land se torna, assim, mais um lugar para discussão capaz de enriquecer o debate sobre as questões que levantamos no decorrer da pesquisa. O desenvolvimento da discussão se ampara na pesquisa desenvolvida no mestrado sobre a obra, cujos resultados revelaram que *Sleepwalking Land* cria uma ponte imaginária entre a cultura doméstica e a cultura estrangeira e que acaba por se adequar aos regulamentos das instituições que agenciam a sua publicação (MAIA, 2015).

A análise confirmou o que tem sido frequentemente debatido nos Estudos da Tradução sobre as convenções mercadológicas e o domínio do discurso transparente. A ideia de uma versão perfeitamente traduzida é sustentada, por exemplo, pelas estratégias de domesticação, predominantes em *Sleepwalking Land*, que acabam por fazer que o texto pareça natural, contribuindo para a ilusão da transparência do sentido (MAIA, 2015). Segue, portanto, a ampliação da discussão com alguns excertos selecionados conforme os critérios estabelecidos.

4.5.1 O mercado editorial e a ilusória transparência de sentido

Terra Sonâmbula não se define objetivamente, porque não há objetividade na obliquidade criativa de Mia Couto. Há sim uma série de assuntos vinculados à cultura local de Moçambique, país que, durante um considerável período, foi destruído e tiranizado culturalmente pelo peso da civilização portuguesa e por outras civilizações europeias, além de temáticas recorrentes na literatura mundial, como a guerra e seus efeitos, o confronto entre os povos e as consequências de conflitos efervescentes de uma sociedade recém-independente.

Moçambique é um país que hoje possui onze províncias, sendo Maputo sua capital. Mais da metade de sua população reside em zonas rurais e mantém as tradições religiosas (autóctones). A língua oficial falada em Moçambique é o português, entretanto dados revelam que o português é reconhecido como língua materna por apenas 6.0% da população, sendo usado como língua falada por 9.0%. As línguas de origem bantu, por sua vez, são faladas com muito mais frequência, embora nos centros urbanos, 39% digam que falam o português (PONDJA, 2017).

Mia Couto costuma afirmar que não tem intenção de imitar o falar moçambicano em sua literatura, mas é impossível dissociar as criações do escritor

da herança das tradições de Moçambique. Sobre esse aspecto, podemos dizer que *Terra Sonâmbula* é, mesmo sem querer, uma obra que busca pela identidade e que expressa as formas culturais em vários sentidos, ainda que seja profundamente invenção literária: “[...] a identidade, aqui, deve ser dupla: pertinência geográfica e sobretudo a um espaço de linguagem. Moçambicanidade, mas principalmente literatura” (RIOS, 2007, p. 35).

Assim, os fatos históricos arquitetados em *Terra Sonâmbula* não se reduzem a mero relato objetivo dos acontecimentos, eles se amarram a uma complexa tessitura narrativa que pode fazer exultar múltiplos sentidos, especialmente quando pensamos na construção simbólica da obra agregada ao fator cultural. É nesse lugar entre a história fatural e a criação ficcional que *Sleepwalking Land* se oferece como um espaço reflexivo para se entender a ética da diversidade cultural vinculada à condição poético-criativa da obra traduzida.

Se o interesse do estrangeiro sobre as obras africanas em geral recai na insistência de concepções estereotipadas e generalizadas sobre a África, tais como o quadro da guerra, ou para aquilo que se desponta como exótico, a exemplo do misticismo, pensar nos processos tradutórios de *Sleepwalking Land* significa trazer à tona a discussão sobre a “intraduzibilidade” (APTER, 2006; 2013).

Acenamos, inicialmente, para Gómez (2020) de modo a pensar sobre o discurso que tende a prejudicar os tradutores que criam como traidores ou mau tradutores. Para a autora, ao contrário, os princípios que norteiam a tradução deveriam pensar o processo transcriativo (tradução canibal) por meio de uma dialética que ocasionasse o constante movimento de destruição e de produção, já que tudo é intraduzível. Essa é a mesma defesa que faz Haroldo de Campos quando propõe que a tradução luciferina desvencilhe o tradutor das imposições do texto original e que deixe aflorar o processo criativo.

A ousadia tradutória de Brookshaw em *Sleepwalking Land*, contudo, acaba sendo comprometida pelo discurso implícito que coloca o tradutor como um *outsider*, aquele que já assume sua marginalidade (NIRANJANA, 1992). Sendo assim, se há criatividade na tradução de Brookshaw, ela não é ousada, ao passo que se desponta nas estratégias em que ele procura tornar os níveis de complexidade da língua mais acessíveis em inglês, como nos casos das constantes normatizações e dos apagamentos do processo criativo. Assim vemos nas expressões destacadas em negrito dos excertos abaixo:

O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz, mas de toda a cabeça. O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez.	The boy no longer had a country; his snot oozed from his whole head rather than from his nose. The old man had to teach him all the beginnings: to walk, to speak, think. Muidinga became a little boy all over again
---	--

Excerto 9**Excerto 10**

A lua parece ter sido chamada pela voz de Muidinga. A noite toda se vai enluarando. Pratinhada , a estrada escuta a história que desponha dos cadernos: “Quero pôr os tempos...”	The moon seems to have been summoned by Muidinga’s voice. The night is gradually flooded with moonlight. Bathed in silver , the road listens to the story as it unfolds from the books: “I want to place time...”
---	--

Essas consequências estéticas na tradução revelam o que vem sendo discutido ao longo da pesquisa sobre o risco das distorções culturais, que podem resultar no apagamento da diversidade. A problemática colonial e pós-colonial está densamente intrincada nas criações de Mia Couto, que preza por uma aproximação popular. Essa afinidade está alçada em vários níveis linguísticos, seja nas palavras que expressam os costumes, comidas, roupas e paisagens da terra moçambicana, seja pelas marcas de oralidade.

O que está destacado nos excertos acima são apenas três dos inúmeros exemplos⁷⁰ que expressam as marcas de oralidade constantemente presentes na voz dos narradores⁷¹ e personagens do texto fonte e que são apagadas na tradução. Segundo Leite (2013), as narrativas de Mia Couto se alinham às minorias do país que ainda vivem “muito oralmente”. Essa oralidade é trazida por uma mediação que se caracteriza também como uma tradução. Então se Brookshaw não transcria essa proximidade oral, ele acaba por estabelecer uma barreira ante a “lógica anímica da mundividência” dos moçambicanos (LEITE, 2013, p. 186).

Ademais, não só o apagamento das marcas de oralidade expressa tom distante na naturalização do inglês; há inúmeras estratégias tradutórias de

⁷⁰ Outros encontram-se em anexo.

⁷¹ Terra Sonâmbula é elaborada em duas narrativas, uma delas é a matricial, assumida pela voz de um narrador-observador em 3ª pessoa, e a outra, encontra-se nos cadernos de Kindzu, narrador que conta suas memórias em 1ª pessoa.

Brookshaw que eliminam muitos dos vocábulos de línguas autóctones, domesticando-os, como mostram os excertos 11 e 12:

Excerto 11

<p>Súbitos ruídos o interrompem, mais diante. Parecem vozear de gente, nas traseiras de um pequenito monte. Sobem, com cuidado. Era um homem que, do outro lado da encosta, abria um imenso buraco, facholando com afinco. (p.85)</p>	<p>They are interrupted by sudden noises up ahead. It sounds like voices coming from behind a little hillock. Taking great care, they climb up it. There's a man on the other side of the slope, carefully digging a huge hole (pg. .</p>
--	--

Excerto 12

<p>Saí do porão, aspirei fundo o ar salgado. Nesse dia estava Setembro, o mês que chama os temporais. O vento soprava, trazendo e levando uma chuva quente. De repente, a cabina de pilotagem se acendeu, um xipefo pintou luz em doces pinceladas (p.96)</p>	<p>I climbed out of the hold and took a deep breath of salty air. We were now in September, the month they say is stormy. The wind was blowing, carrying on it a warmy rain. Suddenly, the pilot's cabin was lit up, and an oil lamp cast a delicate beam of light. (p. 96)</p>
--	--

Além disso, quando Brookshaw opta por estrangeirizá-los, deixa a marca tipográfica, em itálico, de exotização, processo de deformação muito comum às traduções etnocêntricas. Nesse caso, é um artifício que corre o risco de perpetuar estereótipos, porque demarca uma separação entre os termos dominantes da língua padrão e os vocábulos entendidos como estrangeiros/estranhos (BERMAN, 2012). Vemos que essa deformação tipográfica se anuncia apenas em *Sleepwalking Land*:

Excertos 13

<p>Na crença da sua gente, nascimento de gémeos é sinal de grande desgraça. No dia seguinte a ela ter nascido, foi declarado chimussi: a todos estava interdito lavar o chão. (p. 70)</p>	<p>According to her people's belief, the birth of twins was sign of misfortune. The day after she was born, a chimussi was declared: everyone was forbidden to work the land. (p.68)</p>
--	---

Excerto 14

De repente, caiu dentro do meu concho um tchóti , um desses anões que descem dos céus. (pg. 59)	Suddenly, a tchoti , one those dwarfs who drop from the heavens, fell into my craft. (p.56)
--	--

Dos numerosos estudos que investigam a estética da linguagem no processo criativo de Mia Couto, todos parecem concordar que as invenções imaginativas do autor redescobrem as raízes identitárias do povo de Moçambique. Dentre esses processos, os neologismos e as desconstruções fraseológicas (chamadas também de improvérbios) surgem como reflexo do espaço cultural híbrido de Moçambique, em que se misturam cores e formas distintas de interpretação da realidade, tanto que a própria temática da obra é atravessada pela incerteza do que é real e o que é imaginário.

O mundo abordado em *Terra Sonâmbula*, a sua linguagem criativa, os diálogos dos personagens, tudo isso é sintetizado por Mia Couto pela maneira como os moçambicanos se “afeiçoam” à língua portuguesa e “moldam nessa língua os traços da sua cultura africana” (COUTO, 1998, 1021). Esse “moldar” expressa as disjunções e um espaço de convivência da diferença, em que se manifesta toda uma condição geográfica e sociocultural. É através desse hibridismo linguístico-cultural, subversivo, que a obra em português expressa sua desobediência ao logocentrismo:

Excerto 15

Ele sorriu, desprezador . Eu, se me pensava esperto, não descobrira a razão da vida estar a correr às mil porcarias ? Tudo aquilo era castigo encomendado por ele, meu legítimo pai. (pg. 44)	He smiled scornfully . If I thought myself so clever, hadn't I discovered why life was going from bad to worse ? This was all a punishment that he, my legitimate father, had ordered.
---	--

Excerto 16

Riu-se satisfeito com seus instintos. Prometera sociedade com Surendra. Mas no actual presente o prometido é de vidro . (pg.112)	He laughed satisfied with his instincts. He had promised Surendra a partnership. But in the real world of here and now a promise is like a glass . (pg. 115)
---	---

Assim, quando os neologismos e as desconstruções de frases não são incorporados na tradução, a confusão da *Hybris*, de força criativa, que subverte a lógica ocidental, é suprimida, como ocorre nos casos dos excertos acima. É por essa razão que, para nossa análise, a *aequivalentia* deixa de ser a materialização da cópia perfeita e passa a ser o lugar de contestação dessa perfeição, e o *aequivox* se apresenta o lugar de intersecção da tradução literária.

Durante o período em que desenvolvi a pesquisa na Brigham Young University, nos Estados Unidos, foi-me dada a oportunidade de apresentar um esboço do trabalho sobre *Terra Sonâmbula/Sleepwalking Land* para duas turmas de graduação/pós-graduação da universidade que estudavam a(s) obra(s). Uma das turmas era composta por estudantes de língua portuguesa que cursavam a disciplina “Portuguese 461R/661R: African Literature of Portuguese Expression”, ministrada pelo professor Rex Nielson em português. A outra turma cursava a disciplina “IAS 221 Introduction to African Studies” e era composta por alunos de diversas áreas que não falavam português.

O debate sobre as transgressões da língua portuguesa com os alunos que leram a obra em português foi frutífero. Na medida em que surgiam algumas discussões que apontaram para os enredamentos linguísticos de Mia Couto, discorreremos sobre os efeitos que essas transgressões propositais poderiam provocar no leitor.

Aos que tiveram acesso exclusivamente à versão em língua inglesa, lancei um questionamento sobre os processos transcriativos, mencionando a constante presença de brincadeiras com a linguagem e as recorrentes transgressões propositais da língua. Para resumir, nenhum dos alunos havia se dado conta dessa particularidade narrativa, o que, de certo modo, dá força à hipótese de que existe uma tendência de naturalização da língua inglesa que resulta na coerção do caráter heterogêneo da obra.

Procurando entender como os alunos reagiriam a uma possível desarrumação do inglês, lancei algumas propostas criativas e provocativas de tradução de algumas desconstruções fraseológicas e neologismos⁷² durante a apresentação e, para a minha surpresa, houve uma aceitação geral das inovações. Esse micro contexto pode expandir naturalmente a reflexão sobre a maneira como

⁷² Em anexo.

a imposição de certas normas incide nos hábitos sociais e culturais do mundo inteiro.

Em certo nível, o mercado editorial anglo-americano volta seu olhar para elementos e especificidades culturais, mas ainda se sustenta pela ideia de que existe uma univocidade textual e sentidos infringíveis que devem ser reproduzidos pelo tradutor. Tomando como ponto de partida a ideia de aldeia global de Ianni (2010) e compreendendo a globalização no interior das metáforas produzidas nas reflexões e imaginações que a refratam, observamos que o avanço tecnológico permitiu aos meios de comunicação de massa a divulgação de um ideal moderno, pautado pela uniformização e pela industrialização da cultura.

A globalização torna-se, assim, o lugar das representações. No entanto, o estreitamento de fronteiras, quando condicionado aos princípios de produtividade lucrativa, em vez de abrir espaço para a manifestação do pensante e do diverso, tende a homogeneizar os sentidos, tecnocratizando hábitos e instrumentalizando gostos.

A manipulação da tradução é inevitável, mas é necessário reconhecer os caminhos que podem suavizar as iniquidades advindas dessa atividade, principalmente se pensarmos a Interculturalidade como um fim. Os estudos etnográficos já reconheceram que traduzir é transformar, porque, quando se parte de uma perspectiva para outra, o que resta é interpretar e reconstruir sentidos. Há um conflito entre a suposta propriedade de sentido que o autor tem sobre sua obra e a independência desse sentido concretizada nos leitores.

Deste modo, entre a relação de autor-tradutor, autor-leitor, tradutor-leitor, todos acabamos entrando em conformidade com as necessidades do mercado e mediados pelo material intelectual que é transmitido por ele. Assim, o produto traduzido corre o risco de se tornar fruto de uma filosofia que não impulsiona a reflexão, perpetuando o gosto pelo superficial e favorecendo a assimetria nas relações culturais, já que o lucro seria sua causa final. O lucro, por sua vez, é motivado pelo sistema político, pelas regras dos mercados e exerce sua força nas relações sociais de forma incisiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução literária combina experiências discursivas que vão além das operações linguísticas, abrangendo, também, universos culturais e políticos, no interior de dissonâncias e referências históricas.

A ideia de tradução que pensava a normatividade tinha o objetivo de especificar regras para a consolidação da perfeição do texto traduzido e de estabelecer convenções que direcionavam o tradutor para deixar o texto traduzido o mais próximo possível da originalidade do texto fonte. Vimos que essa forma de enxergar a tradução tem sua origem em convenções sociais deliberadas e são justificadas em seus contextos. Para entender como essas incipientes regras se consolidaram foi necessária uma retomada histórica, porque foi no interior de relações de poder diversas que se disseminou o que permanece em voga até os dias atuais e que, ao mesmo tempo, cunhou o que é recorrente no discurso sobre a tradução, o papel de cópia do modelo anterior.

Assim, entendemos que o estreitamento dos espaços acadêmicos requer uma disseminação maior das diversidades culturais, cuja contribuição, de maneira mais equilibrada, pode se concretizar com o dinamismo das relações culturais, sem que haja contornos hegemônicos influenciando as reflexões. Partindo desse princípio, foi proposta aqui uma experimentação analítica de tradução literária mais atenta ao plural, com pontos de partida que não rejeitassem a necessidade de pensar o dialógico e o diverso da língua e do sujeito.

Por essa razão, a nossa análise assume a condição da intraduzibilidade, atentando-se para o desafio de encontrar a abertura para um debate elucidativo sobre as relações entre línguas e culturas. A intraduzibilidade requer o reconhecimento do caráter confuso das relações tradutórias, no sentido de perceber que as conexões estabelecidas entre as línguas tendem a ser obscuras, porque nunca serão puramente exatas ou inexatas.

Para a experiência literária, o esvaziamento objetificador do lucro é um contrassenso, pois o que move a literatura nega os reducionismos mecanicistas. Assim a diversidade da experiência estética encontra na intraduzibilidade a refutação das verdades absolutas. Em suma, a concepção de tradução não como cópia, mas como transformadora do original, pode proporcionar ao leitor uma forma diferente de interpretar a palavra estrangeira.

A análise das obras traduzidas esclareceu que tanto a voz do autor quanto a voz do tradutor possuem padrões individuais que expressam condições específicas e que nada garante a perfeita cópia da tradução, porque ela é, por si, um espaço dialógico e transversal. Desse modo, o enlace da discussão à proposta de tradução canibal serviu para refletirmos como os tradutores anglo-americanos poderiam reproduzir novas possibilidades de sentido se não fossem tolhidos pela imposição de padrões de apagamento cultural.

Assim, promovemos um debate sobre as ressignificações das características culturais e a corporeidade local das obras selecionadas para análise, considerando o inglês como a língua da instrumentalização moderna.

Além disso, colocamos em questão a forma como os níveis ético e poético se entrecruzam na tradução literária. Por meio de estratégias subjetivas e de normas sociais implícitas, os tradutores deixam as marcas de suas decisões no texto, trazendo à tona a questão da invisibilidade e da autoria, mantendo uma relação com questões éticas específicas sobre a primazia da literatura e o *status* que uma obra pode conferir ao seu autor, o que acaba por não dar espaço para o conhecimento do leitor sobre a existência desse tradutor. Para mais, as estratégias do tradutor são subjugadas pelas determinações de editoras e se tornam problemáticas, na medida em que a representação de culturas e a percepção da alteridade são disseminadas por decisões imperativas, com tendências a estereótipos e exotismos.

No contexto atual, pensar a tradução em sua relação com a problemática das relações de poder, no interior das relações dualísticas de nação-mundo, local-global, ocidente-oriental, é reavaliar a prática e a disseminação dos essencialismos, é transformar a tradução num lugar para se discutir sobre hegemonia, política, representação e historicidade, sem esquecer de que o sujeito tradutor se condiciona a uma estrutura mercadológica rigorosa, cujo grande valor é a capacidade de obedecer as exigências das editoras da cultura alvo.

Sob essa ótica, podemos afirmar que os problemas de tradução passaram despercebidos pelas premiações literárias porque não convém ao mercado contestar a autoria de uma obra e apontar para as complexidades culturais e estilísticas que advêm da tradução, uma vez que isso seria um contrassenso lucrativo. Ou seja, ainda que as premiações sejam de caráter multicultural, como é o caso da premiação da Universidade de Oklahoma, não fogem aos ditames

impostos pelas regras do mercado cultural e se inserem, inevitavelmente, nesses critérios.

O caráter do *aequi* (da equivalência e do equívoco) é, portanto, assumido aqui, para estabelecer as bases de pensamento sobre as questões político-espaciais, culturais e temporais da língua e de sua relação com a humanidade, pensando no teor filosófico e dando espaço para se refletir sobre as contradições políticas que entornam o produto traduzido. Defendemos, assim, que o *aequivox* deva assumir o espaço da tradução literária, corroborando a proposta desconstrucionista que já colocara em questão a língua literária, trazendo à tona a função do discurso. Nesse sentido, debatemos sobre as escolhas tradutórias a partir de uma contextualização apropriada das condições de publicação da obra traduzida.

O étimo *aequi* (equivalente, equitativo, equilibrado, equivocado), em contraste com as iniquidades (*in-aequi*) da relação cultural, estende a reflexão para o desejo da equivalência tradicional, tão exaltada pelo discurso comum da tradução anglo-americana, sugerindo um olhar mais amplo para a diversidade corpórea do texto e sua correlação com a subjetividade evocada nas múltiplas trajetórias da alma, sejam elas identitárias, culturais, cosmológicas; e sejam elas provenientes do sujeito-autor, do sujeito-tradutor ou do sujeito-leitor.

A proposta que lançamos nesse final é que os étimos *trans* (através de, cruzamento, para além de) e *aequi* (justo, igual) possam oferecer espaço para refutarmos as premissas dualísticas amparadas pelo discurso ocidental, já que seu próprio valor concede possibilidades interpretativas que expõem as variantes inerentes a tudo aquilo que precede o produto traduzido. O elemento *trans*, como em *transcrição*, a *transculturação*, a *translação* (*translatio*, *translation*) e o elemento *aequi*, como em equivalência e equívoco.

Na mesma linha, há de se admitir a volatilidade dos étimos *aequi* e *trans* como a própria volatilidade da linguagem, de modo que ela se transforme no lugar da revolução. A linguagem se faz revolucionária quando desordena os níveis de relacionamento entre o ser e sua história, e é através desse princípio que poderemos contestar o tom uniforme de padrão europeu, sem desconsiderar que a própria filosofia europeia foi tomada por uma uniformização ilusória.

Por fim, entendemos que a língua é, ao mesmo tempo, o que ela pode dizer de si mesma e o que ela permite se pensar como outra. A tradução literária é o si

mesmo pensado como outro, ou o outro pensado como si mesmo, ou a língua de si pensada como a língua do outro e vice-versa. É a interconexão possível que se concretiza em produto artístico, e como tal se oferece como *locus* de reflexão.

REFERÊNCIAS

- ASLANOV, Cyril. **A tradução como manipulação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- APTER, Emily. **The translation zone: a new comparative literature**. New Jersey: Princeton University Press, 2006.
- APTER. **Against world literature: on the politics of untranslatability**. London/New York: Verso, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V.M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13^a ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BARBOSA, J.A. **A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BENJAMIN, Walter. The task of the translator. Translated by Harry Zohn. In: VENUTI, Lawrence (Editor). **The translation studies reader**. London: Routledge, 2004.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**, Tradução de Marie-Helene Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Florianópolis: Copiart PGET/UFSC, 2012.
- BISHOP, Elizabeth; BRASIL, Emanuel. **Anthology of Twentieth-Century of Brazilian Poetry**. Hanover and London: Wesleyan University Press, 1972.
- BRITTO, Paulo Henrique. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BROWNLOW, Frank. George Hebert's 'The British Church' and the idea of a national church. In: NEWEY, V.; THOMPSON, Ann (Editors). **Literature and Nationalism**. Liverpool: Liverpool University Press, 1991.
- BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa moderna. In: BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, R (Org.). **A tradução cultural: nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Roger Maiolo dos Santos. São Paulo: Unesp, 2009.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CAMPOS, Haroldo de. "Da razão antropofágica: a Europa sob o signo da devoração" / Haroldo de Campos. In: **Revista Colóquio/Letras**. Ensaio, n.º 62, Jul. 1981, p. 10-25.

- CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. Edusp: São Paulo, 2000.
- CASANOVA, Pascale. **República mundial das Letras**. Tradução de Marina Appenzeler. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Metafísicas Canibais**. Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosacnaify, 2015.
- CICERO, Marco Túlio. De optimu genere oratorum. **Scientia Traductionis**, n.10, 2011. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p4/19983>>
- COPELAND, Rita. **Rhetoric, hermeneutics, and translation in the middle ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- COUTO, Mia. Entrevista. In: LABAN, M. **Moçambique: encontro com escritores**. Porto, Portugal: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.
- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- COUTO. **Sleepwalking Land**, Traduzido para o inglês por David Brookshaw. London: Serpent Tales, 2006.
- DRURY, Annmarie. **Translation as transformation in Victorian Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- DIZDAR, Dilek. Translational transitions: Translation proper and translation studies in the humanities. **Translation Studies**, V. 2, n. 1, 2009, pp. 809-102.
- ECO, Humberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- ENGLISH, James F. **The economy of Prestige: Prizes, awards, and the circulation of cultural value**. London, Cambridge: Havard University Press, 2005.
- FALEIROS, Álvaro. Apontamentos para uma poética xamânica do traduzir. In: CAVENDISH, Suely; VALOIS, Michelle. **Teoria e Prática da Tradução Literária**. Recife: Editora UFPE, 2014.
- FREEDMAN, Harry. **The murderous history of the Bible Translations: Power, conflict, and the quest for meaning**. London, Oxford, New York: Bloomsbury, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970**, Éditions Gallimard, Paris, 1971.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª edição. Traduzido por: Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 20ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. São Paulo: Madras, 2009

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Traduzido por Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GÓMEZ, Isabel. Introduction draft for book manuscript titled “Cannibal Translation: Literary Reciprocity in Latin America”, [2019?], No prelo.

GÓMEZ, Isabel. **Anti-Surrealism?** Augusto de Campos “Untranslates” Spanish-American Poetry, 2019. Acesso em agosto 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Cavalcanti, 15ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

KADIR, Djelal (Editor). **João Cabral de Melo**: Selected Poetry – 1930-1990. London: Wesleyan University Press, 1994.

KOWALSKÁ, Eva. A língua como meio de transferência de valores culturais. In: BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, R (Org.). **A tradução cultural**: nos primórdios da Europa Moderna. Tradução de Roger Maiolo dos Santos. São Paulo: Unesp, 2009.

LEFEVERE, André. **Translation/history/culture**: A sourcebook. New York and London: Routledge, 2003.

MARCONDES. **Textos básicos de linguagem**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas. **Dossiê Diálogos do Sul**. 2014. p.27-42.

MATOS, Olgária. Modernidade e mídia: o crepúsculo da ética. In: MIRANDA, Danilo do Santos de. **Ética e Cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008.

MENDONÇA, Fátima. Mia Couto, o mal amado. IN: CAVACAS et al (Orgs). **Mia Couto: Um convite à diferença**. São Paulo: Humanitas, 2013.

MILTON, John. **Tradução: Teoria e Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MILTON, John. Severino in English. **Cadernos de literatura e tradução**. 1998 n. 2, p. 107-117.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. A palavra é fumo: Algumas notas sobre Estórias Abensonhadas de Mia Couto. IN: CAVACAS et al (Orgs). **Mia Couto: Um convite à diferença**. São Paulo: Humanitas, 2013.

MUZART, Zahidé Lupinnaci. Morte e vida severina: O poema do não. **Travessia**. N. 3, 1981. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18059>>

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Rio de Janeiro: LPM&Pocket, 2009.

NIRANJANA, Tejaswini. **Siting translation: history, post-structuralism, and the colonial context**. Oxford: University of California Press, 1992.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

PAUL, Gill. **Translation in practice: a symposium**. London: Dalkey Archive Press, 2009.

PONDJA, Clélia Francelian Ozias. **A mulher em Maputo: dimensões antropológicas de género e reprodução** [Em linha]. Lisboa: ISCTE-IUL, 2017. Tese de doutoramento. [Consult. Dia Mês Ano] Disponível em:
[www:<http://hdl.handle.net/10071/14151](http://hdl.handle.net/10071/14151)

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O lugar do inglês no mundo globalizado. In: SILVA, Kleber Aparecido da. **Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinhas**. Campinas: Pontes editores, 2011.

REBUZZI, Solange. **O idioma pedra de João Cabral**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RIOS, Perón. **A viagem infinita: estudo sobre Terra Sonâmbula de Mia Couto**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

SANTOS, Pedro Paulo Alves. Septuaginta (LXX): a Torá na diáspora judaico-helenista. **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, mar. 2008.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo. CosacNaify, 2015.

SANTIAGO, Lenise dos Santos. A linguagem prosaica da poesia cabralina. **Revista Ecos**. vol. nº 12 – Ano IX, 2012.

SOARES et al (Org.). **Cultura e imperialismo americano**. Espírito Santo: Leitura Fina, 2017;

TODOROV, Tzvetan. **Simbolismo e Interpretação**. São Paulo: Unesp, 2014.

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of translation**. London: Routledge, 1998.

VENUTI. **The translator's invisibility**: A history of translation. London and New York: Routledge, 1995.

WATTS, Cedric. **Literature and Money**: Financial Myth and Literary Truth. New York: Harvester Wheatsheaf, 1990.

WEISSBORT, Daniel; EYSTEISSON, Astradur. **Translation – Theory and Practice**: A historical reader. Oxford: Oxford University Press, 2006.

WILSON, John Burgess. **English Literature**: A survey for students. London: Longman, 1970.

ANEXO A – DESCONSTRUÇÕES FRASEOLÓGICAS

Pág.	Português	Pág.	Inglês	Propostas de Tradução
16	“A noite toda se vai enluarando.”	6	“the night is gradually flooded with moonlight.”	Criação de um neologismo “The night is gradually moonflooded. ”
22	“treslouqueceu toda nossa casa”	12	“Threw the whole house into disarray”	Criação de um neologismo “Threw the whole house into trisarray ”
22	“Morrera, fugira, se infinitara?”	12	“Had he died, escaped, everlasted himself?”	A mesma
22	“uma voz que se multiabriu em ecos”	13	“a voice could be heard that shattered into multiple echoes of itself”	Criação de um neologismo: “that multishattered into echoes of itself”
38	“ganhei pena de lhe ver aranhaçar”	29	““I took pity on you when I saw you crawling around”	Criação de um neologismo “ spidering around”
46	“Por que motivo, então, tanta coisa se azarava em meu caminho?”	38	“Why, then, was I encountering such bad luck on my journey?”	Criação de um neologismo Why, then was my journey so badlucked? ”
48	“ando a ratazanar teu juízo ”	40	“I’m the one gnawing away at your sanity”	Criação de um neologismo “I’m the one ratgnawing away...”
172	“silvestraram-se as flores”	164	“flowers have gone wild”	Criação de um neologismo Flowers have wildened themselves

ANEXO B – NEOLOGISMOS

Pág.	Português	Pág.	Inglês	Propostas de Tradução
18	“olhos transabertos”	8	“with his eyes wide open”	Criação de um neologismo “ widopen / transopen eyes ”
22	“aguardando nos bafos”	12	“his breath reeking of liquor”	Criação de um neologismo “his breath liquoreeking ” “his breath liquoburning ”
25	“um desses marmíferos, enormão”	16	“vast mammals”	Criação de um neologismo “ vast / huge seamammals ”
119	“Olhei o mar, os milibrilhos do luar me acendendo os olhos.”	108	“glowing moon”	Criação de um neologismo “ milliontwinkles of the moon ”
44	“salpingaram-me gotas, eu senti”	37	“I was splashed”	Criação de um neologismo “I was dropsplashed ” “I was dropsplattered ” “I was droplashed ”
56	“atarantonto”	49	“befuddled”	Criação de um neologismo “ befuddizy ”
116	“no mesmo lodo em que chafundávamos”	105	“in the same mud we were all wallowing in”	Criação de um neologismo “in the same mud we were all wallowsinking ”
120	“abismaravilhado”	110	“on the abyss of astonishment”	Criação de um neologismo “ abystonished ”
155	“neguei, veementindo”	146	“I denied it vehemently”	Criação de um neologismo “I denied it vehementfalsely ”
171	“embriagordo”	163	“his belly bloated with drunkenness”	Criação de um neologismo “his belly drunkenbloated ”